

EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: ENSINO, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Educação de Surdos em tempos de Pandemia



Ensino presencial



Ensino remoto

Marisa Dias Lima
Organizadora

EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: ENSINO, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS
PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES

Coleção:
Temas em Educação

Série:
Material Didático

VOLUME 1

Marisa Dias Lima
Organizadora

EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE
PANDEMIA: ENSINO, ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS
PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2023



NAVEGANDO

Navegando Publicações



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com


Uberlândia – MG,
Brasil

Direção Editorial: Navegando
Projeto gráfico e diagramação: Lurdes Lucena
Ilustrador Capa: João Batista de Oliveira Filho

Copyright © by autor, 2023.

E2446 – LIMA, Marisa Dias (Org.). Educação de surdos em tempos de pandemia: ensino, estratégias e práticas para a formação continuada de professores. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.

ISBN: 978-65-81417-95-6

 10.29388/978-65-81417-95-6-0

Vários Autores

1. Educação Especial 2. Pandemia 3. Formação Continuada. 4. Alunos Surdos.
Marisa Dias Lima II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 370

Índice para catálogo sistemático

Educação 370

Navegando Publicações



www.editoranavegando.com

editoranavegando@gmail.com

Uberlândia – MG

Brasil

Editores

Lurdes Lucena – Esamc - Brasil

Carlos Lucena – UFU, Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil

Anderson Brettas – IFTM - Brasil

Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil

Carlos Lucena – UFU – Brasil

Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil

Cilson César Fagiani – Uniube – Brasil

Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil

Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil

Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil

Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil

Inez Stampa – PUCRJ – Brasil

João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil

Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil

Lívia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil

Marcelo Cactano Pereira da Silva – UFU – Brasil

Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil

Maria Ciavatta – UFRJ – Brasil

Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil

Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil

Paulino José Orso – Unioeste – Brasil

Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil

Robson Luiz de França – UFU, Brasil

Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil

Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil

Valeria Lucília Forti – UERJ – Brasil

Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.

Alcina Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal

Alexander Steffanell – Lee University – EUA

Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana

Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana

Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala

Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina

Christian Cwik – Universität Graz – Austria

Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile

Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA

Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica

Elsa Capron – Université de Nimés / Univ. de la Reunión – France

Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.

Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha

Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia

Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México

Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal

Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia

Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México

Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela

Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia

José Jesus Borjón Nieto – El Colégio de Vera Cruz – México

José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha

Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha

Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador

Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia

Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras

Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha

Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal

Pilar Caggiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha

Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia

Roberto Gonzáles Aranas -Universidad del Norte – Colômbia

Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica

Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha

Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha

Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba

Sílvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça

Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal

Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra

Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai

Yoel Cordovi Niñes – Instituto de História de Cuba v Cuba

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Camilo Santana

**SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO**

Maria do Rosário Figueiredo Tripodi

**DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE
SURDOS - DIPEBS**

Falk Soares Ramos Moreira

COORDENAÇÃO-GERAL -DIPEBS/SECADI/MEC

Mariana de Lima Isaac Leandro Campos

Marisa Dias Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

REITOR

Valter Steffen Junior

VICE-REITOR

Carlos Henrique Martins da Silva

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora

Maria Simone Ferraz Pereira

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - CEaD

DIRETORA E REPRESENTANTE UAB/UFU

Vinícius Silva Pereira

REVISÃO TEXTUAL

Luís Felipe Sales

Nágilla Regina Vieira Saraiva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
Marisa Dias Lima	
PARTE 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA FORMATIVA	12
CAPÍTULO 1: Histórico e os processos de criação de um curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia oferecido a distância	13
<i>Marisa Dias Lima</i>	
CAPÍTULO 2: Relato de experiência da UFSJ no curso de formação em Educação de Surdos em tempos de pandemia	41
<i>Rosely Lucas de Oliveira</i>	
<i>Clarissa Fernandes das Dores</i>	
<i>Thaís Magalhães Abreu</i>	
<i>Leonardo Henrique Candido</i>	
<i>Pedro Ernesto Santos Neves</i>	
<i>Oswaldo Vinicius Alves de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 3: Explicação empírica do projeto da UFRN: curso de formação em Educação de Surdos em tempos de pandemia	53
<i>Isaack Saymon Alves Feitoza Silva</i>	
<i>Gisele Oliveira de Silva Paiva</i>	
<i>Isabelle Pinheiro Fagundes</i>	
<i>Margarida Maria Pimentel de Souza</i>	
<i>Julia Ohana Alves Medeiros</i>	
CAPÍTULO 4: Percorso histórico da Educação dos Surdos no mundo e no Brasil: modelos educacionais	65
<i>Marisa Dias Lima</i>	
<i>Márcia Dias Lima</i>	

CAPÍTULO 5: A Educação de Jovens e Adultos Surdos: possibilidades e desafios <i>Sônia Marta de Oliveira</i>	84
CAPÍTULO 6: Práticas e estratégias de utilização de tecnologias e <i>softwares</i> bilíngues no ensino remoto <i>Aline Vendrame Cordeiro</i> <i>Marisa Dias Lima</i>	103
CAPÍTULO 7: Formação continuada docente em EaD em tempos de pandemia: contribuições para a prática pedagógica na perspectiva da Educação Bilíngue <i>Marisa Dias Lima</i>	125
PARTE 2 – UNIDADES PEDAGÓGICAS DO CURSO	150
UNIDADES PEDAGÓGICAS DO CURSO <i>Marisa Dias Lima</i> <i>Fernanda Santos Pena</i>	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
SOBRE A ORGANIZADORA	237

APRESENTAÇÃO

É com alegria que apresentamos a obra *Educação de Surdos em tempos de pandemia: ensino, estratégias e práticas para a formação continuada de professores*, pois sabemos que educar não se limita apenas ao âmbito acadêmico, mas inclui também toda forma de gerir a própria vida. Assim, aprendemos sempre um caminho novo diante de desafios para os quais não temos respostas prontas. Então, o que fazer? Reinventar, tanto a educação quanto o mundo do trabalho em que estivemos inseridos – o ensino remoto. Por isso, esta obra é um enredo no qual, primeiramente, exporemos como surgiu o curso. Posteriormente, evidenciaremos conteúdos desenvolvidos nesse curso com videoaulas em que os professores apresentaram uma perspectiva de um caminho diferente para o enfrentamento da vida em tempos de pandemia. Isso porque quem não se educar a uma nova vida não progredirá utilizando metodologias antigas para problemas novos. É tempo de se reconstruir e eis aqui, nesta obra, um caminho!

Na sequência, traremos, brevemente, o que você encontrará por esse caminho. Que os títulos sejam suficientes para te levar como leitor(a) aos textos que foram ricamente desenvolvidos nesta obra em 2 (duas) partes: discussão formativa e unidades do curso.

Diante disso, iniciamos aqui a parte 1, “DISCUSSÃO TEÓRICA FORMATIVA”, apresentando o primeiro capítulo, intitulado “HISTÓRICO E OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE UM CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA OFERECIDO A DISTÂNCIA”, de autoria de Marisa Dias Lima, coordenadora geral do projeto, que se configura como texto introdutório de como foi a criação do curso de formação de professores no que tange à Educação de Surdos no ensino remoto, tanto nas parcerias de IES quanto na organização e estrutura do curso ofertado que efetivou a formação de qualidade direcionada à prática pedagógica de Ensino Bilíngue. Na sequência, no capítulo 2, encontra-se o “RELA-

TO DE EXPERIÊNCIA DA UFSJ NO CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA”, sendo este de autoria de Rosely Lucas de Oliveira, Clarissa Fernandes das Dores, Thaís Magalhães Abreu, Leonardo Henrique Candido, Pedro Ernesto Santos Neves, Oswaldo Vinicius Alves de Oliveira, e todos eles fazem parte da equipe de atuação pedagógica do curso pelo polo da UFSJ e descrevem, no referido capítulo, as vivências no curso de formação em “Educação de Surdos em tempos de pandemia” na UFSJ (Universidade Federal de São João Del Rei), abordando as realidades e desafios que surgiram no decorrer do curso no ano de 2020. Isso também é explanado pelo polo da UFRN, que compôs, em conjunto, o desenvolvimento dessa formação, elaborando o capítulo 3: “EXPLANAÇÃO EMPÍRICA DO PROJETO DA UFRN: CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPO DE PANDEMIA”, que é uma contribuição da equipe envolvida no polo: Isaack Saymon Alves Feitoza Silva, Gisele Oliveira de Silva Paiva, Isabelle Pinheiro Fagundes, Margarida Maria Pimentel de Souza e Julia Ohana Alves Medeiros.

Para contextualizar a discussão do curso que tem por foco a Educação de Surdos, apresenta-se, no capítulo 4, intitulado “PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO E NO BRASIL: MODELOS EDUCACIONAIS”, escrito por Marisa Dias Lima e pela professora Márcia Dias Lima, os estudos desenvolvidos seguindo os pressupostos teóricos de que a trajetória da Educação dos surdos vem sendo modificada desde a antiguidade, bem como a contribuição de algumas personalidades no processo de escolarização dos surdos e o seu papel no movimento. Além disso, aborda-se os diferentes modelos educacionais que contribuíram para o desenvolvimento das discussões de melhoria para a Educação dos Surdos de hoje.

A seguir, no capítulo 5, “A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS”, há um debate trazido por Sônia Marta de Oliveira, que visa instigar um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos Surdos e suas possibilidades a

serem adotadas nas escolas, tendo em vista que são poucos os estudos que abordam a EJA no que tange aos alunos surdos, contexto no qual é possível encontrar desafios tanto na estrutura quanto nos aspectos pedagógicos e formação de professores. No entanto, mesmo diante dessa realidade, é necessário ressaltar que a Educação de Surdos sofreu uma reviravolta no tempo da pandemia, uma vez que foi preciso reinventar as práticas pedagógicas nos modelos educacionais desta, inclusive, na EJA, considerando a utilização de tecnologias e recursos que adequam as especificidades dos alunos surdos no ensino remoto. Dessa forma, no capítulo 6, intitulado “PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS E *SOFTWARES* BILÍNGUES NO ENSINO REMOTO”, as autoras Aline Vendrame Cordeiro e Marisa Dias Lima, além da discussão, apresentam diferentes possibilidades de plataformas, programas, aplicativos, entre outros, a serem utilizados em ensino remoto com os alunos surdos.

Por fim, a parte 1 encerra-se com o capítulo 7, intitulado “FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE EM EaD EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE”, no qual é apresentada a análise do curso de aperfeiçoamento sob a ótica dos cursistas, assim como também uma reflexão sobre as contribuições da formação com a construção de prática pedagógica aos professores no ensino remoto, finalizando-se, em seguida, com o resultado geral do curso e a sua relevância na Educação de Surdos em tempos pandêmicos.

Prosseguindo, inicia-se o estudo/aprimoramento da formação na parte 2, “UNIDADES PEDAGÓGICAS DO CURSO”, composta por 3 (três) módulos, a saber: “Módulo I - Educação Básica de Surdos: contextualização e formação de professor no ensino remoto”; “Módulo II – Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação de Surdos”; “Módulo III – Ambiente de ensino remoto: professor, família e Surdos”, totalizando a apresentação de 11 (onze) videoaulas ministradas pelos professores surdos e ouvintes, nas quais são apresentados: ensino,

estratégias e práticas de ensino remoto, incluindo as atividades e materiais de estudos.

Por último, finaliza-se o livro com uma breve consideração acerca do curso e sua importância na formação de professores que atuam e /ou atuarão na Educação de Surdos, a fim de trazermos um panorama acerca da utilização das metodologias ativas para o ensino de filosofia, visando a autonomia e a liberdade de reflexão, principalmente, durante os tempos pandêmicos, e que pode ser contextualizada em ensino presencial com os alunos surdos, no que tange à prática pedagógica numa perspectiva de ensino bilíngue, a qual foi muito abordada nesse curso.

Enfim, o pensamento inicial, ao elaborar de modo conversacional e a muitas mãos esta obra, é que ela valha de fonte de inspiração e alento nesse período no qual nos encontramos.

Saudações cordiais,
Marisa Dias Lima

PARTE 1

DISCUSSÃO TEÓRICA FORMATIVA

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO E OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE UM CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA OFERECIDO A DISTÂNCIA

Marisa Dias Lima¹

Em 2020, nos deparamos com o surto pandêmico provocado pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2, em todo o mundo, inclusive, no Brasil, sendo que diversas atividades rotineiras tiveram que ser paralisadas emergencialmente como medida preventiva contra a contaminação e disseminação da Covid-19, o que incluiu a educação (WHO, 2020). Dessa forma, tanto a instituição de ensino quanto as escolas e os professores tiveram que se reinventarem, adotando alternativas de ensino e recursos que atendessem a todos, a fim de promover a educação de qualidade, de forma igualitária, sem deixar de preservar a saúde pública de todos.

Aqui, estabelecemos a correlação da situação com a citação da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que determina que o poder público deve assegurar o ensino de qualidade, citando os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, no artigo primeiro, reconhecendo a necessidade e a importância de se prover o acesso à educação no ensino regular, para crianças, jovens e adultos que necessitam de um atendimento educacional especializado. Independentemente do momento vivido na sociedade, esses estudantes

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marisali-ma@ufu.br

têm esse direito de ensino garantido por lei, que não deve ser interrompido e /ou privado em nenhum momento de sua vida escolar.

No entanto, com a situação escassa da saúde pública, foi desencadeada a oferta do ensino remoto, que é visto como um ensino precário sem embasamento concreto da metodologia e conteúdo a ser trabalhado, o que foi agravado devido aos diferentes perfis de alunos, sendo que uns apresentam carência econômica para terem a estrutura, suporte e recursos necessários para acompanharem as aulas no ensino remoto. Portanto, esse contexto tornou mais grave a exclusão de alunos surdos durante a pandemia e as condições exigidas e requeridas a eles (SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020).

Em concordância, Simões (2020) afirma que, evidentemente, os mais atingidos pela medida emergencial para dar continuidade à educação durante a pandemia, as aulas remotas, foram os alunos surdos que, além de serem privados de acesso e interação linguística em ambiente escolar e pares surdos, também ocorre que alguns deles não possuem acesso às tecnologias.

Segundo o censo mais recente do IBGE (BRASIL, 2010), 9,7 milhões de brasileiros apresentam algum grau de deficiência auditiva, sendo desse total 501,647 mil em idade escolar de nível fundamental. Apesar de ainda se configurar um grande desafio implantar programas bilíngues e inclusivos, vale ressaltar que tal prática tem amparo legislativo (BRASIL, 2002, 2005, 2015, 2021). A carência de conhecimento por parte da sociedade sobre a importância de as crianças surdas manterem o contato o mais cedo possível com a língua de sinais, somada ao desconhecimento social da Libras como de fato uma língua, provoca limitações imensuráveis às políticas públicas. Contudo, cabe ao Estado garantir políticas linguísticas de ampliação e proteção da Língua Brasileira de Sinais e, conseqüentemente, a seus falantes surdos (MARTINS *et al.*, 2020).

Sendo assim, a Educação de Surdos e o ensino remoto se mostram como debates necessários e contínuos para a formação/capacitação/aperfeiçoamento de professores, sobretudo quando estão interliga-

dos com a realidade em que se encontram (SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020). Como declaram os autores Nozi e Vitaliano (2012), o ensino escolar deve assegurar a todos os alunos o pleno desenvolvimento social, cognitivo, psicológico e afetivo, formando integralmente indivíduos para executarem suas habilidades e funções no meio social.

Vale ressaltar que esse público deve aprender de forma interligada à língua dos surdos, no caso, a Libras – Língua Brasileira de Sinais –, e as particularidades de ensino aprendizagem dos surdos, atentando-se à língua, identidade e cultura surda, assim como também o ensino de português na modalidade escrita, para que haja uma boa compreensão sobre o uso da língua, a especificidade do sujeito surdo e a inclusão deste na sala de aula do ensino regular, para que, assim, ocorra uma maior interação dos surdos com os colegas, professores e demais profissionais envolvidos, ainda mais agora, com o ensino remoto.

Para a comunidade surda, a formação de professores, no que tange à Educação de Surdos, encontra carência, pois há muitos anos é aplicada de forma geral, sem se atentar com a prática efetiva, epistemologia surda, dentre outros, somando-se a isso, agora, o surto pandêmico, contexto no qual a Educação de Surdos se deu na modalidade de ensino remoto que é plenamente nula no que tange à formação de professor que debata esse tema com respaldo de materiais, estudos e pesquisas.

Apesar de que algumas formações foram difundidas massivamente nas redes sociais pelas secretarias, pesquisadores sobre a educação em tempos de pandemia para público geral, não houve formação quanto à especificidade dos alunos surdos, que se encontram em situação mais agravada, como afirmam Martins *et al.* (2020) ao identificarem as três principais questões preocupantes acerca do isolamento social de crianças surdas: 1) a escassez de interlocutores potenciais em Libras, nesse momento de limitações comunicativas e suas consequências para a apropriação da língua de sinais; 2) a desinformação frente aos desafios linguísticos entre pais e filhos surdos; 3) a falta de

recursos e ferramentas de entretenimento em língua de sinais voltados para crianças surdas.

Uma educação alicerçada nos fundamentos da inclusão escolar, que possibilita o aprendizado e respeito pela diversidade, evidenciando que todos os educandos são capazes de construir conhecimento, autonomia e condutas em relação aos valores que são formados socialmente, e que, conseqüentemente, beneficiará práticas sociais e integração entre todos os envolvidos (ALVES *et al.*, 2013). Em suas pesquisas, Conceição e Martins (2019) perceberam que a maioria dos surdos matriculados em escolas regulares era formada por filhos de pais não surdos e que não dominavam o uso de Libras ou não a utilizavam nas relações familiares cotidianas anteriormente à entrada dos filhos em escolas com programas bilíngües. Com isso, fez-se necessário saber se os alunos surdos estão sendo atendidos de acordo com os seus direitos em tempos de aulas remotas, tendo em vista que os surdos não possuem suporte necessário dentro de casa com os seus familiares nas atividades propostas no ensino remoto, devido à falta de comunicação entre eles e à ausência do uso e apropriação da Libras.

Diante disso, os fatos apontados instigaram-nos quanto à necessidade de discutir, com urgência, acerca do ensino de qualidade fundamentado nas especificidades linguísticas das quais estão sendo privados os alunos surdos e que é a base fundamental para promover o desenvolvimento destes, pois todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos, sendo que o que vai diferenciá-las é a forma como cada uma tem acesso ao aprendizado, no caso das crianças surdas, a Libras a ser intermediada em práticas pedagógicas e o seu uso linguístico no ensino remoto. Diante das possíveis dificuldades encontradas no ensino e na aprendizagem de alunos surdos, nesse período de pandemia da Covid-19, foi desenvolvida uma proposta de curso de formação de professores, de modo emergencial, sendo a 1ª edição ofertada em curta duração, posteriormente estendida em tempo maior na 2ª edição, em parceria com a SEMESP/DIPEBS/FNDE. Portanto, considerando o cenário da realidade da Educação de Surdos em tempos de pandemia em

escolas públicas da rede pública de ensino em todo o território do Brasil, que persistiram por mais de 2 (dois) anos, assim como a carência de formação específica de Educação de Surdos em tempos de pandemia para os professores da rede básica, houve a demanda de oferta dessa 2ª edição, realizada no ano de 2021.

1. Movimentos e articulações de instâncias superiores: processos para viabilizar formação de professores

Buscando propiciar formação inicial e continuada dos professores da Educação Básica, em um curto período de tempo, para ofertar a formação de professores acerca da Educação de Surdos em tempos de pandemia, houve articulação com inúmeras instituições acadêmicas e corporativas (UFU, UFSCar, UFTM, UFRN, UFSJ, MEC, SEMESP, FNDE²), regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios, que se unem em parcerias para participarem do processo de formação de professores que residem em todo o país, capacitando-os via cursos à distância.

Essa ação foi contextualizada nos termos do Decreto 6.755/09, que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica e em seu artigo primeiro, que estabeleceu uma política de formação com a finalidade de atender à demanda por formação inicial e continuada dos professores das redes públicas de Educação Básica. O público-alvo são os professores que atuam no magistério sem ainda disporem de uma formação adequada.

² UFU – Universidade Federal de Uberlândia
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei
MEC – Ministério da Educação
SEMESp – Secretaria de Modalidades Especializadas
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica

Nessa direção, buscando contribuir para a formação dos professores no que tange à Educação dos Surdos no ensino remoto, assim como pela situação emergencial, foi criado e oferecido o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, a distância, com cinco (5) instituições de Ensino Superior, em 1ª edição com a carga horária de 90 horas e duração de 3 (três) meses, dentre elas, as seguintes instituições que colaboraram nessa primeira instância de organização:

- Universidade Federal de Uberlândia – UFU, idealizadora do projeto, sob a coordenação de Marisa Dias Lima (Faculdade de Educação) – Gestão responsável + polo UFU;
- UFSCar, sob a coordenação de Mariana de Lima Isaac Campos – polo UFSCar;
- UFTM, sob a coordenação de Geyse Araujo Ferreira – polo UFTM;
- UFRN, sob a coordenação de Isaack Saymon Alves Feitoza Silva– polo UFRN;
- UFSJ, sob a coordenação de Rosely Lucas de Oliveira – polo UFSJ.

Desse modo, atentando-se à contribuição da instituição com a rede de formação continuada de professores em Educação de Surdos do MEC/SEMESP/DIPEBS, esse curso prima pela capacitação de professores, em todo o país, para a educação de pessoas surdas que foram submetidas a um ensino remoto sendo viabilizado pela EaD, que se mostrou como condição fundamental para sua oferta, assim como também a temática que se encontrava nula em qualquer órgão de ensino. Por isso, foi criada de forma emergencial a oferta desse curso.

No ano seguinte, 2021, a determinação do protocolo sanitário de isolamento ainda persistia em escolas, mantendo, assim, o ensino remoto. Diante disso, foi retomada a discussão da necessidade de dar

continuidade ao curso aos demais professores, sendo que foi promovida somente pela UFU a oferta da 2ª edição, com carga horária de 180h, com duração de 6 (seis) meses, a professores de todo o Brasil, que desejavam se atualizar nessa nova modalidade de ensino com os alunos surdos – o ensino remoto. Para viabilizar o alcance maior de professores que residem em diferentes regiões, foi promovida a modalidade do curso em Educação a Distância – EaD, a fim de estender maior capacitação e qualificação aos profissionais de todo o país.

Esse ambiente de formação EaD, de acordo com Silva, Godoi e Souza (2012), permite aos educadores/professores e profissionais envolvidos um novo meio para obter acesso à EaD, sinalizando a evolução mais recente em que a EaD habitual evolui para a Educação *on-line*. Silva, Godoi e Souza (2012) definem a modalidade *on-line* como aquela que conta exclusivamente com as disposições próprias da internet e tecnologias digitais convergentes e alertam para a necessidade de investirmos na gestão e na mediação da comunicação e da aprendizagem na internet. De acordo com esses estudiosos, para que a disponibilização de educação *on-line* esteja em sintonia com indicadores de qualidade em educação, como dialógica, compartilhamento, colaboração, participação criativa e simulação, é preciso investimento em gestão e mediação dessa educação.

A nosso ver, capacitar professores para atuarem com os alunos surdos na perspectiva do ensino bilíngue, em modalidade de ensino remoto por meio de curso EaD, contribui com a inclusão de pessoas surdas em toda a rede pública de ensino, por meio da ampliação das potencialidades de ensino aprendizagem aos alunos surdos, por intermédio de formação que apresenta metodologias, elaboração de material didático e produção de conteúdos e recursos a serem aplicados no ensino remoto, assim como possibilita a implantação de novas metodologias de ensino e de aprendizagem por meio do uso da Libras – língua adotada nas videoaulas do curso de formação, além de apresentar um caráter multidisciplinar dessa área a ser aplicado em aulas remotas, fundamentando a qualidade de ensino-aprendizagem aos estudantes

surdos, como determina a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Nesse sentido, a educação *on-line* se constitui como um novo modo de se fazer EaD e que se mostrou essencial para viabilizar o curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos, em tempos de pandemia, a distância.

2. O cenário da educação de surdos no Brasil

Atualmente, as políticas públicas brasileiras apresentam grandes avanços no que diz respeito à compreensão das diferenças implicadas na educação de pessoas surdas. Diferentemente da maior parte da história da educação desse grupo de pessoas, na qual a abordagem clínico-terapêutica (SKLIAR, 1998), de caráter medicalizador, buscava “normalizá-las” como única forma capaz de integrá-las à sociedade, hoje, esse grupo luta pelo respeito à sua identidade e cultura, buscando a sua independência social, econômica e pessoal.

Atualmente, no Brasil, podemos perceber as conquistas das pessoas surdas, pautadas na proposta educativa bilíngue. Quadros e Karnopp (2004) defendem que o “Bilinguismo” é uma proposta de ensino que considera a Língua de Sinais como língua natural da criança surda, ou seja, como sua primeira língua, que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a Língua Portuguesa escrita como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Língua de Sinais.

Tal abordagem depende da presença de professores bilíngues que tenham domínio das duas línguas envolvidas, utilizando cada uma em diferentes momentos. A utilização da proposta bilíngue não é apenas a tradução de uma língua para outra, pois a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais têm bases originárias distintas, princípios e regras gramaticais diferenciadas: a Libras tem uma modalidade visual-gestual e a Língua Portuguesa oral-auditiva. Além disso, ao abrir espaço para a Língua de Sinais como primeira língua de instrução, é preciso entender que os surdos têm uma cultura própria, que deve ser reconhecida e respeitada.

É preciso ressaltar que as pessoas surdas³ têm a Língua de Sinais como língua natural de comunicação, e é por meio desta que a maioria dos surdos tece as suas relações com o mundo. Assim, o desenvolvimento de uma Língua de Sinais, cuja aquisição se processa de maneira natural para o sujeito surdo, será a base para a aquisição de uma segunda língua, pois esta lhe dará as condições necessárias para o desenvolvimento de sua cognição, de sua autoestima e de sua identidade.

A Língua de Sinais, utilizada pela comunidade surda brasileira, foi reconhecida oficialmente pela Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002, como Língua Brasileira de Sinais (Libras). A referida lei, em seu Art. 1º, parágrafo único, define a Libras como “A forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002, n. p.).

De acordo com Lucinda Ferreira Brito (1995), a Libras é dotada de uma gramática organizada a partir de elementos constitutivos das palavras e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam com base em mecanismos morfológico, sintático e semântico. Estes possibilitam a produção de um número infinito de construções por meio de um número finito de regras.

Com relação à sua “estrutura sintática”, Strobel e Fernandes (1998) esclarecem que a Libras não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque esta tem uma gramática diferenciada, independente da língua oral, que também é composta pelos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece às regras próprias, que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade

Dentro desse contexto, Razuck (2011), com base em sua convivência com alunos surdos no espaço escolar, questiona o processo

³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2000), existem, no Brasil, cerca de 5,7 milhões de pessoas com algum grau de perda auditiva.

de alfabetização em Libras inexistente no ambiente escolar por esses alunos. Segundo a autora, o escasso conhecimento e uso constante da Libras nas escolas dificulta o pleno desempenho de todas as funções que a língua deve possibilitar, atuando, pois, como um impedimento comunicativo que afeta, inclusive, a estruturação do pensamento.

O mesmo pode se perceber nos dados publicados pelo Censo Escolar, referentes à “Evolução da Educação Especial no Brasil”, que revelam que, entre os anos de 2010 a 2019, o número de alunos surdos matriculados na Educação Básica e em instituições de Ensino Superior vem crescendo a cada ano no Brasil. No entanto, os dados apontam uma substancial diferença entre o número de alunos surdos presentes na Educação Básica, em contraste com o número de alunos que conseguem ingressar no Ensino Superior.

Embora não seja possível saber com exatidão o nível de escolaridade das pessoas surdas, o Censo Escolar, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, nos permite ter uma noção da situação escolar dessas pessoas. Conforme dados divulgados, o Brasil possuía, em 2019, um número de 20.087 alunos surdos e 36.314 alunos com alguma deficiência auditiva matriculados em classes comuns na Educação Básica. Em classes exclusivas, o número de matrículas cai para 4.618 alunos surdos e 2.954 alunos com alguma deficiência auditiva.

No Ensino Superior, o INEP apresenta dados referentes a 2018. Conforme esses dados, o Brasil possuía, até esse ano, um total de 2.235 alunos surdos e 5.978 alunos com algum tipo de deficiência auditiva matriculados em algum curso de graduação presencial ou a distância. Numa rápida comparação, é possível concluir que a quantidade de alunos surdos ou com algum tipo de deficiência auditiva matriculados no Ensino Superior representava apenas um percentual de 11% do total dos alunos surdos e de 16% de alunos com algum tipo de deficiência auditiva matriculados na Educação Básica.

Essa comparação não nos permite uma informação exata sobre a situação escolar das pessoas surdas, visto que foi realizada com base em

dados referentes a períodos diferenciados 2019 e 2018. Entretanto, são importantes, pois nos possibilitam ter uma noção do quanto o acesso ao Ensino Superior parece distante da realidade da maioria delas.

De modo geral, embora esses dados sejam importantes, deixam algumas questões em aberto, por exemplo, a dúvida a respeito de como os direitos da Educação de Surdos é garantido: é assegurado um ensino bilíngue em que os conteúdos são trabalhados na Língua de Sinais? Enfim, são questões importantes para a compreensão dos seus processos de ingresso ao Ensino Superior, mas que, devido à falta de informações estatísticas em âmbito nacional, nos escapam à compreensão.

A inclusão de alunos surdos nas escolas regulares tem ressoado em uma série de desafios socioeducacionais, dentre os quais podemos destacar a adaptação do espaço físico da escola, das metodologias de ensino e da formação inicial e continuada dos professores, ressaltando que não basta apenas que estes aprendam a Libras, mas que aprendam, em seus cursos de formação, como desenvolver uma prática de ensino e aprendizagem que considere as necessidades de aprendizes surdos.

Na visão de Sá (2006), quando se opta por utilizar a Libras como primeira língua no processo educativo dos surdos, necessita-se entender que tal postura altera toda a organização escolar: os objetivos pedagógicos, as práticas de ensino e aprendizagem e a participação da comunidade surda no processo escolar.

No que concerne à proposta educativa bilíngue, embora reconhecendo-a como a que mais respeita as diferenças das pessoas surdas, ainda há uma série de questões de cunho político-pedagógico que merecem reflexão e necessitam de uma reestruturação dentro das escolas onde os surdos estão incluídos.

Entendemos que o professor, ao desenvolver suas atividades curriculares voltadas para o ensino do aluno surdo, precisa realizá-las utilizando a Libras, pois segundo a Lei n. 10436/2002, Decreto n. 5626/2005, e a recente Lei n. 14.191/2021, esses alunos têm o direito de se comunicarem, aprenderem e serem avaliados na sua primeira língua – a Libras. Nesse caso, acreditamos na necessidade de ter professores

bilíngues atuantes na escolarização desses estudantes. Nessa perspectiva, não há preocupação em negar as diferenças, mas fazer com que o surdo assuma o seu papel como cidadão brasileiro, em condições de participar ativamente da sociedade, considerando as suas peculiaridades na inclusão social e práxis escolar.

Apesar de todas essas dificuldades, o ambiente escolar para essas pessoas assume um importante papel na medida em que representa uma das poucas oportunidades de desenvolvimento das capacidades cognitivas, ainda que de maneira precária. Apoiando-se nas ideias de Schroeder (2007) *apud* Razuck (2011) aponta a escola como o lugar próprio onde ocorre o processo de formação de conceitos científicos por meio de interações com o outro e, também, de transformação das funções mentais superiores, de estruturação de ideias abstratas e liberação da necessidade do concreto.

Nesse sentido, é essencial a transformação do currículo e da formação docente, contribuindo para que o espaço escolar seja capaz de propiciar um ambiente de construção do conhecimento que respeite as diferenças linguísticas, identitárias e especificidades culturais das pessoas surdas. A inclusão que aqui se almeja é aquela que compreende o acesso igualitário ao conteúdo curricular, garantindo aos surdos não somente o acesso à educação, mas a sua permanência escolar e progressão nos estudos.

3. Legislação e criação de um curso

Posto o reconhecimento do *status* linguístico da Libras e das conquistas legais das pessoas surdas, focamos, neste espaço, em nossas discussões a respeito da Educação dos Surdos, que se atentam à língua, identidade e cultura surda, a serem promovidas em instituições de Ensino Superior na modalidade de Educação a Distância - EaD, considerando que as determinações do Decreto 5626/05 do capítulo 4 também aplicam-se a cursos de formação de professores e instrutores,

oferecidos pelas instituições públicas de Ensino Superior, inclusive, na modalidade a distância.

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a Educação Infantil até a Superior.

§ 1º Para garantir o Atendimento Educacional Especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para: o ensino e uso da Libras;

a) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa;

b) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua, para pessoas surdas.

(BRASIL, 2005, n. p.).

Partindo disso, os projetos de EaD tiveram o seu respaldo acentuado após a publicação da Lei n. 9394/96 e do Decreto n. 5622/05, que no Art. 80, dispõe: “[...] o poder público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada.” (BRASIL, 2005, n. p.). Essa modalidade de educação tem sido vista como uma alternativa viável para atender a um país de grandes distâncias geográficas, no qual muitas pessoas não têm acesso à informação e conhecimento.

Em meio a esse quadro, em 2005, foi criada a Universidade Aberta do Brasil – UAB, por meio da regulamentação do Decreto n. 5.800/06, que se trata de um sistema de integração entre instituições do Ensino Superior, que tem como objetivo viabilizar a expansão e a interiorização da oferta do Ensino Superior público e gratuito a partir do fomento à EaD, priorizando a formação inicial e continuada dos

professores da Educação Básica (BRASIL, 2006). Assim, diversas instituições federais de Ensino Superior integram o sistema UAB.

Nesse contexto, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no ano de 2020, buscou ações, orientação, formação/capacitação em conjunto com a Secretaria de Modalidades Especializadas do Ministério da Educação – SEMESP/MEC e com a Diretoria de Políticas Bilíngues de Surdos – DIPEBS para organização, produção e desenvolvimento de cursos de aperfeiçoamento para a formação de professores para atuarem na Educação de Surdos nesse tempo em que o país se encontrava – em tempos de pandemia –, a fim de viabilizar a qualidade do ensino remoto numa perspectiva bilíngue aos alunos surdos, o que propiciou um curso para discussões e reflexão sobre a educação de pessoas surdas no tempo presente e apresentação de materiais e didáticas de ensino na modalidade de ensino remoto, de forma contextualizada, com cerca de 300 vagas para os profissionais da educação, pelo polo da UFU, somando-se com outras 1.500 de outras universidades que elaboraram juntamente o curso. Houve resultados positivos da elaboração do curso e grande demanda e necessidade, uma vez que a Educação de Surdos ainda se encontrava em ensino remoto.

No mesmo ano, 2020, ele foi oferecido em sua primeira versão pela UFU, a idealizadora do projeto que contou com a parceria de outras 4 (quatro) universidades (UFSCar, UFTM, UFSJ e UFRN), que viabilizou a organização do curso em temas, assim como a elaboração das videoaulas e materiais pedagógicos, bem como compartilhamento de uma mesma plataforma que foi ofertada pelo MOODLE-CEAD-UFU. Em 2021, o Brasil ainda persistiu na oferta do ensino remoto e foi dada continuidade da proposta do curso em segunda versão, a qual foi promovida somente pela UFU, com 1.000 vagas.

Dessa forma, por meio do curso, pudemos contribuir com a inclusão escolar de alunos surdos na modalidade do ensino remoto, expandindo mais a contemplação da formação de professores de escolas públicas em toda a região do Brasil, em consonância com a produção de conhecimento, a fim de contribuir com a qualificação de professores

com um currículo que atenda e reconheça as diferenças linguísticas e culturais dos estudantes surdos. Portanto, visando, posteriormente, que os docentes estejam mais aptos para atuarem na Educação de Surdos em tempos de pandemia, além de cooperar diretamente no trabalho escolar desenvolvido nas instituições educacionais do país, auxiliando no ensino, considerando as especificidades inerentes à aprendizagem de estudantes surdos de forma plena, podendo, ao mesmo tempo, viabilizar o fluxo e a permanência desses educandos, assegurando, principalmente, no que concerne à sua língua natural de comunicação e expressão.

Além disso, pudemos ainda desenvolver estudos e pesquisas envolvendo procedimentos didático-pedagógicos para a Educação de Surdos em ensino remoto; diagnosticar, acompanhar e avaliar as contribuições do curso de formação continuada dos docentes da rede pública do Brasil, no que tange à Educação de Surdos.

Isso com um desenho original cuja abordagem de ensino envolveu conteúdo sobre a Educação Básica de Surdos: contextualização e formação de professor no ensino remoto; processo de ensino remoto e suas práticas na Educação de Surdos; por último, foi desenvolvido o conteúdo sobre o ambiente de ensino remoto e a relação entre o professor, família e surdos na modalidade de ensino remoto, sendo que a primeira edição do curso foi ofertada no período de 3 meses (outubro a dezembro de 2020), com a carga horária de 90 horas, e sua segunda edição, com maior tempo de organização de parceria e articulação, no período de 6 meses, tendo início no mês de outubro de 2021 e finalizando-se em março de 2022, com a carga horária de 180 horas, sendo a última versão ofertada.

4. Composição do curso de formação a distância: educação de surdos em tempos de pandemia

O curso de “Educação de Surdos em tempos de pandemia” tinha como objetivo oferecer formação continuada a distância, via web –

moodle –, para professores/educadores que atendiam ou pretendem atender alunos surdos na modalidade de ensino remoto. Desse modo, promover formação de professores que atuam na Educação de Surdos em tempos de pandemia em instituições de ensino, a fim de viabilizar os fundamentos e princípios das ações e práticas pedagógicas de ensino aprendizagem aos estudantes surdos da Educação Infantil ao Ensino Médio, na modalidade de ensino remoto nas instituições de ensino.

E tendo por finalidade:

- Formar professores da escola pública para atuarem na Educação de Surdos em tempos de pandemia na rede de ensino com os estudantes surdos de diferentes níveis e modalidades de educação;
- Desenvolver reflexões, ações e práticas pedagógicas aos professores para a atuação e/de utilização nos processos de ensino remoto na Educação de Surdos em tempos de pandemia;
- Contribuir com o processo de inclusão escolar e social de pessoas surdas em tempos de pandemia, por meio da capacitação dos professores que atuam na educação de surdos na escola pública.

Esse curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia para a formação continuada de professores foi ministrado integralmente a distância por meio do MOODLE-CEAD, com materiais e videoaulas bilíngues (Libras/Português), contando com professores pesquisadores, professores formadores, supervisores e técnicos, sob o comando e acompanhamento constante da coordenação assumindo e acompanhando as turmas, assumindo a função de apoio/suporte aos tutores, que contando com os professores da Educação Básica que atuam com a Educação de Surdos em uma perspectiva de ensino bilíngue.

O curso contemplou 3 linhas de ação articuladas: (1) A formação foi dividida em três partes, sendo a primeira parte destinada à formação de professores acerca da contextualização de Educação de Surdos em tempos de pandemia; a segunda parte destinada aos processos, às ações e às práticas pedagógicas; a última parte destinada a ambiente de ensino remoto que envolve professor-família-aluno surdo.

O curso tem módulos que consideram uma metodologia de ensino bilíngue (Libras/Português escrito) de forma contextualizada (prática com atividades e sugestões de trabalhos a serem aplicados em ensino remoto) e interativa em situações do dia a dia. Concomitante às discussões práticas, o curso é apresentado de forma contextualizada em eixos temáticos, em 3 módulos de ensino, apresentando em torno de 12 temáticas com o total de 14 professores ministrantes convidados, dentre eles, 6 professores universitários (3 são mães de alunos surdos) e 9 professores que atuam em escolas de surdos, que puderam compartilhar seus conhecimentos e experiências no ensino remoto que exercem.

Por considerar que a Educação de Surdos ultrapassa a questão da comunicação, o curso também instiga reflexões e discussões vivenciadas em ensino remoto com suas dificuldades, entraves e escassez do uso da Libras, que objetivam inserir o aluno cursista em fatores pertinentes à educação de pessoas surdas, bem como fornecer um espaço para reflexão e discussão, como também trocas de experiências e contextos. Os conteúdos programáticos do curso abordaram os seguintes módulos e temas abaixo:

Quadro 1 – Ementa de conteúdo programático do curso

	Título do assunto	Ementa preliminar
Módulo 1	1.1 Contextualização de Educação de Surdos na pandemia	Contextualizar a Educação de Surdos em tempos de pandemia, estabelecendo as diferenças das práticas, do ensino, da aprendizagem e outras. Fundamentar sobre a relação da escola, professor, família e alunos surdos frente à realidade.

	Título do assunto	Ementa preliminar
Educação Básica de Surdos: contextualização e formação de professor no ensino remoto	1.2 Ensino remoto dos alunos surdos da Educação Infantil	A constituição e planejamento do campo do ensino, do ambiente e do aprendizado das crianças surdas na Educação Infantil em tempos de pandemia. Concepção de conhecimento acerca da subjetividade e especificidade linguística, histórica e cultural das crianças surdas.
	1.3 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental	A constituição e planejamento do campo do ensino, do ambiente e do aprendizado dos alunos surdos no Ensino Fundamental em tempos de pandemia. Concepção de conhecimento acerca da subjetividade e especificidade linguística, histórica e cultural dos alunos surdos. Planejamento e elaboração de aula.
	1.4 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Médio	A constituição e planejamento do campo do ensino, do ambiente e do aprendizado dos alunos surdos no Ensino Médio em tempos de pandemia. Preparação para o Enem. Planejamento de formação cidadã, civil e profissional.
Módulo 2	2.1 Alfabetização e letramento das crianças surdas	Práticas de alfabetização e letramento numa perspectiva bilíngue. Trabalhos de leitura, texto e intratextualidade. Contextos sociais e culturais de letramento para surdos em tempos de pandemia.
	2.2 Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue	Concepção e princípios da didática e metodologia de ensino remoto, articuladas à Educação de Surdos numa perspectiva bilíngue. Elementos das ações, práticas pedagógicas e metodologias.

	Título do assunto	Ementa preliminar
Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação de Surdos	2.3 Produção de materiais didáticos com recursos multimodais	Fundamentos, princípios e conceito de material didático para a Educação de Surdos. Definição de procedimentos metodológicos, de conteúdos e de atividades para a elaboração de materiais didático-pedagógicos para surdos. Elaboração e transversalidade dos materiais didáticos.
	2.4 Utilização de tecnologias e <i>softwares</i> bilíngues no ensino remoto	Utilização do vídeo, da Internet, das redes sociais e de multimídias na educação de surdos. Conhecimento e uso de softwares educativos para surdos. Linguagens multimodais. Culturas de mídias.
Módulo 3 Ambiente de ensino remoto: professor, família e surdos	3.1 Processo de interação bilíngue interligada a recursos visuais (com narrativas, literatura, atividades lúdicas, jogos e outros)	Papel dos profissionais acerca do ambiente de ensino remoto numa perspectiva bilíngue (Libras/Português). Organização de aula, plataformas e ambientes como espaço de realização de atividades produtivas, em que a aprendizagem significativa deve ser construída por alunos e professores. Acessibilidade linguística, cultural e atitudinal.
	3.2 Interação professor-aluno surdo no ensino remoto	Orientação, suportes e estratégias de fortalecimento de vínculos a serem estabelecidos entre o professor e alunos surdos, a fim de minimizar os impasses de ensino aprendizagem dos alunos surdos.
	3.3 Interação professor-família no desenvolvimento do aluno surdo	Orientação, suportes e estratégias de fortalecimento de vínculos a serem estabelecidos entre o professor e a família, frente ao desenvolvimento dos alunos surdos. (elaboração de atividades, roteiros e dinâmicas de interação)

	Título do assunto	Ementa preliminar
	3.4 Interação com pais surdos de filhos surdos e/ou ouvintes	Orientação, suportes e estratégias de fortalecimento de vínculos a serem estabelecidos entre o professor e pais surdos, frente ao desenvolvimento dos alunos surdos e/ou ouvintes. (elaboração de atividades, roteiros e dinâmicas de interação)

Fonte: Elaboração própria dos autores.

As videoaulas dos módulos foram gerenciadas na plataforma *MOODLE*, em uma versão atualizada pela UFU e pela equipe do Centro de Educação a Distância – CEAD. A escolha por essa plataforma de gerenciamento deu-se devido a ela ser gratuita e de fonte aberta. Isso significa que os administradores têm acesso ao código fonte do *software*, podendo examinar, alterar, ampliar e modificar a plataforma.

A determinação do CEAD-UFU ser o administrador de plataforma do curso para os 5 polos de instituições do Ensino Superior que compôs a parceria desse projeto de formação (UFU, UFSCar, UFTM, UFRN e UFSJ) se deve à experiência que esse Centro teve na oferta de curso EaD em cursos anteriores, dentre eles, “Atendimento Educacional Especializado para Surdos”, que foi ofertado em 8 edições e 4 edições no curso de Libras para professores. Além da experiência do CEAD-UFU, dispomos de equipes capacitadas e qualificadas para intermediarem a organização e estrutura para todos os 5 polos, o que resultou em um belo trabalho e estruturação do curso, o qual se tornou uma referência de formação de professores no que tange à Educação de Surdos, mais especificamente, no ensino remoto.

Os alunos cursistas e os administradores do curso puderam acessar os módulos de qualquer lugar, com a utilização de um computador, conexão com a internet e um navegador web (*Chrome*, *Mozilla*, *Firefox* etc.). Além disso, o uso de ambientes *on-line* para cursos a distância pode tornar o conteúdo mais eficaz e interativo, usando as

vantagens da internet sem dispensar a necessidade do professor e da elaboração do material didático.

Para o desenvolvimento do curso, são utilizadas as ferramentas disponíveis no *Moodle*. Dentre estas, destacamos algumas: o envio e compartilhamento de materiais de estudo via web; os fóruns e as salas de bate-papo (chats); testes de múltipla escolha; as pesquisas e os questionários; a coleta de correção das atividades avaliativas; o registro e relatório de notas; as videoaulas.

Cada módulo tem um tema central e, no decorrer dele, são realizadas atividades avaliativas: fórum de discussão, diário de bordo, atividade final com plano de aula e questionário. Nos conteúdos referentes a cada módulo, também são disponibilizados ao aluno materiais de estudo e sugestões de leituras, para que os cursistas possam expandir conhecimentos e utilizar fora do curso em vários momentos em que quiserem.

O curso é apresentado em um formato acessível, com uma interface simples e interativa, utilizando todos os recursos de multimídia e de interação disponíveis na web. Todo o material é desenvolvido utilizando recursos de gravação e edição de vídeo. As indicações de leituras e diretrizes para o desenvolvimento das atividades do curso, como o guia de estudantes, cronograma e orientações tecnológicas são disponibilizadas no *Moodle*, em formato de PDF, sendo que os alunos podem fazer *download* e salvar em seus aparelhos.

A necessidade de utilização de diferentes mídias foi observada, tendo em vista experiências anteriores com a oferta de vários cursos promovidos pela instituição na modalidade a distância. O aluno cursista, muitas vezes, não dispõe de um computador com acesso à internet ou possui uma conexão com a internet muito lenta. Desse modo, considerando as possíveis dificuldades desses alunos acessarem o material *on-line*, que privilegiará a utilização de recursos visuais e hipemidiáticos, como as videoaulas gravadas em vídeos armazenados em EDUPLAY-RNP, que é um *software* de uso público e gratuito etc.

Atualmente, muitos cursos na modalidade EaD, oferecidos pelo MEC, focam na utilização de mídias digitais, no entanto, a acessibilidade e direitos linguísticos ainda se encontram em posição de destaque, sendo uns dos recursos mais essenciais que difundem a acessibilidade e condições adequadas para o ensino aprendizagem nos cursos ofertados na modalidade a distância. A acessibilidade linguística adotada no curso, com videoaula ministrada em Libras e tradução de voz em português, tem um fator e papel relevante para que a formação de professores que atuam e ou atuarão na Educação de Surdos tenham bases e condições de promover o desenvolvimento de conhecimentos aos surdos e ouvintes que ingressaram no curso e, posteriormente, possa ampliar as condições de acesso e permanência dos alunos surdos na Educação Básica, com vistas à valorização da sua cultura e identidade.

Cabe ressaltar que o curso não tem a finalidade de substituir a formação presencial dos professores, mas foi essencial no período pandêmico, no qual todos os cidadãos foram instruídos a seguirem o protocolo sanitário, com o isolamento e distância. Ao mesmo tempo, a formação EaD constituiu-se em uma ferramenta alternativa e complementar de formação de professores e facilitação de ensino aprendizagem acerca da Educação de Surdos, sem contar que propiciou ser acessível aos professores de regiões remotas.

5. Considerações Finais

O cenário da Educação de Surdos ainda revela inúmeras limitações, sendo a carência de professores com formação adequada para receber o aluno surdo em sala regular de ensino o principal fator limitante desse processo. De uma maneira geral, a pretensão do curso é contribuir com a formação de professores da Educação Básica em todo o país, que atuam ou desejam atuar na Educação de Surdo, por meio da formação numa perspectiva bilíngue e do oferecimento de um espaço

para reflexão e discussão entre os profissionais, propiciadas por meio da EaD.

Assim, acreditamos que o desenvolvimento e produção desse curso são relevantes para a academia no tocante à tríade dos princípios da Universidade Pública, que prima pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse caso, a oferta do “Curso de formação de Educação de Surdos em tempos de pandemia” a distância propiciou a investigação e a produção de conhecimentos científicos e tecnológicos que contribuem com a solidez de conhecimentos na área de educação de pessoas surdas.

O desenvolvimento e a produção desse curso auxiliam às demais instituições públicas do país no processo de Educação de Surdos em ensino remoto, uma vez que a utilização do produto/material desenvolvido poderá acontecer por meio de parcerias destas com a UFU. Funciona, portanto, como ferramenta didático-pedagógica para o ensino bilíngue (Libras/Português escrito), podendo também funcionar como curso de extensão destinado a professores da Educação Básica em todo o país, contribuindo com a qualificação dos professores no atendimento aos alunos surdos das suas classes.

A comunidade surda também é beneficiada, pois o curso auxilia na consolidação e na divulgação da Educação de Surdos em uma perspectiva de ensino bilíngue, capacitando professores da rede pública de ensino que recebem alunos surdos. Inclusive, um melhor suporte de orientação acerca da relação dos professores com as famílias e com os seus filhos surdos. A oferta do curso também auxilia os próprios alunos surdos no sentido de que poderão encontrar, no seu processo de escolarização, professores melhor qualificados para os receberem na sala de aula regular de ensino.

A oferta do curso nos levou ao reconhecimento das variações que se refletem em níveis de incorporação da tecnologia aos processos de ensino aprendizagem da Libras, que movimentam a formação postada em uma plataforma educacional. Esses níveis de incorporação da tecnologia, sobretudo a digital, aos processos educacionais do ensino

bilíngue na modalidade de ensino remoto, nos levou a denominar a EaD *on-line* como aquela EaD praticada em espaços virtuais de aprendizagem, também chamados de AVAs.

Nessa perspectiva, pela sua interatividade, o ambiente virtual ou a sala de aula *on-line* permitiu-nos identificar diversos níveis de interação, de aprendizagem, de conhecimento, de acesso à informação e à instrução pedagógica, pelo fato de esse espaço virtual de aprendizagem propiciar acesso a informações e conhecimentos em rede, esses níveis de incorporação de tecnologia acontecerem desde o acesso individual a informações inalteráveis do curso até a imersão total em um ambiente de prática, por um professor formador e/ou tutor e apoiado por uma comunidade de aprendizagem. Cabe ressaltar que a oferta do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” – 1ª e 2ª edições a distância não tem finalidade de substituir a formação presencial que tem a roda de conversa, debates e discussão de leituras e aulas apresentadas, mas de oferecer um espaço alternativo para a formação continuada de professores.

Nesse sentido, a imposição de isolamento e ensino remoto, que viabilizou o EaD, mostrou-se como condição essencial para que o “Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia” a distância alcançasse professores da Escola Básica de todo o país. Assim, foi a parceria entre instituições de Ensino Superior, MEC, SEMESP, DIPEBS, UAB, CEAD e FNDE, viabilizada pela EaD, que possibilitou a criação e oferta desse curso, atendendo à demanda por formação continuada dos professores da Rede Pública de Ensino do Brasil na perspectiva da Educação Bilíngue.

Por fim, até o momento presente, o projeto do curso de formação de Educação de Surdos em tempos de pandemia foi e ainda é o único da área que tem sido ofertado aos professores da Educação Básica em todo o território do Brasil, resultando em um grande aprendizado com riqueza de aprendizagem e conhecimento, que antes era praticamente nulo. Esse aprendizado foi reaproveitado pelos

docentes em sua prática pedagógica, aplicado no retorno de aulas presenciais.

Referências

ALVES, T. P. *et al.* Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 192-204, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14244/%2519827199790>. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/790>. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006**. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5800.htm. Acesso em: 24 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 24 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos na LDB. Brasília: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.html. Acesso em: 20 fev. 2022.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CONCEIÇÃO, B. S.; MARTINS, V. R. O. Discursos de pais de crianças surdas: Educação Infantil e a presença da Libras. **Educação**, Santa Maria, ISSN 1984-6444, fevereiro, v. 44, p. 1-24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644438319>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/38319>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MARTINS, V. R. O. *et al.* Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do “coronavírus” - covid-19. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS, ISSN: 2316-8722, agosto, 2020, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: CIET:ENPED, 2020. p. 1-13. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1328/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

NOZI, G. S.; VITALIANO, C. R. Saberes necessários aos professores para promover a inclusão de alunos com necessidades Educacionais Especiais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 333-347, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X3343>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3343>. Acesso em: 30 jan. 2023.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAZUCK, R. C. S. R. **A pessoa surda e suas possibilidades no processo de aprendizagem e escolarização**. 2011. Tese (Doutorado em

Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185114>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SCHROEDER, E. Conceitos espontâneos e conceitos científicos: o processo da construção conceitual em Vygotsky. **Atos de pesquisa em educação (FURB)**, Blumenau, v. 2, n. 2, p. 293-318, 2007. DOI: <http://doi.org/10.7867/1809-0354.2007v2n2p293-318>. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/569>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.15476.071>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15476>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SILVA, L. C.; GODOI, E.; SOUZA, V. A. Políticas de inclusão: vozes e percepções de professores da rede pública do projeto professor e surdez. *In*: SILVA, L. C.; DECHICHI, C.; SOUZA, V. A. (Orgs.). **Inclusão educacional, do discurso à realidade**: construções e potencialidades nos diferentes contextos educacionais. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 159-176.

SIMÕES, R. D. C. D. S. **Educação na pandemia**: a realidade do ensino remoto para surdos no município de Pirpirituba/PB. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização de Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Universidade Aberta do Brasil, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1192>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SKLIAR, C. B. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação: Superintendência da Educação: Departamento de Educação Especial, 1998.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Acção**: Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994. (Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade).

CAPÍTULO 2:

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA UFSJ NO CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rosely Lucas de Oliveira¹

Clarissa Fernandes das Dores²

Thaís Magalhães Abreu³

Leonardo Henrique Candido⁴

Pedro Ernesto Santos Neves⁵

Oswaldo Vinicius Alves de Oliveira⁶

O presente relato de experiência tem por objetivo descrever as vivências no curso de formação em “Educação de Surdos em tempos de pandemia” na UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei - abordando as realidades e desafios que surgiram no decorrer do curso no ano de 2020. O projeto de extensão foi apresentado por meio de uma proposta do Departamento de Letras, Artes e Cultura, em parceria com a Secretaria de Modalidades Especializadas do Ministério da Educação – SEMESP/MEC e com a Diretoria de Políticas Bilíngues de Surdos – DIPEBS, no que se refere à organização, produção e desenvolvimento de cursos de extensão para a formação de professores a fim de viabilizar a

¹ Coordenadora do projeto e docente da UFSJ. E-mail: roselylucas@ufsj.edu.br

² Coordenadora dos tutores e docente do IFMG - Ouro Preto. E-mail: clarissa.fernandes@ifmg.edu.br

³ Coordenadora dos tutores e docente da Unifal. E-mail: thais.abreu@unifal-mg.edu.br

⁴ Coordenador dos cursistas e Tradutor e Intérprete de Libras da UFSJ. E-mail: lhcandido@ufsj.edu.br

⁵ Coordenador dos cursistas e Tradutor e Intérprete de Libras da UFSJ. E-mail: pedrotils@ufsj.edu.br

⁶ Tradutor e Intérprete de Libras e Tradutor e Intérprete de Libras da UFSJ. E-mail: osw.rocha@ufsj.edu.br

qualidade do ensino remoto numa perspectiva bilíngue, com a coparticipação das seguintes instituições de Ensino Superior: UFU (Universidade Federal de Uberlândia), UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), UFscar (Universidade Federal de São Carlos), UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Essa ação possibilitou a promoção e desenvolvimento por intermédio do curso de extensão, assegurando o acesso ao conhecimento dos princípios da Educação Bilíngue de surdos a professores da rede pública de ensino e de escolas privadas conveniadas sem fins lucrativos.

A demanda principal do projeto foi a formação dos professores da rede pública e a universidade oportunizou a formação em conformidade com o Art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB): “A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível Superior, em curso de licenciatura plena, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017).” (BRASIL, 1996, n. p.).

Os coparticipantes do programa receberam bolsa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e a proposta foi oferecer 300 vagas por instituição coparticipante da formação. A UFSJ como parceira foi um dos polos coparticipantes e a bolsa foi distribuída entre a coordenação do polo, cursistas, elaboração de conteúdo e tutores. A equipe foi estruturada compreendendo uma coordenação, dois supervisores de curso (responsáveis pela equipe dos tutores), dois formadores (responsáveis pelos cursistas) e seis tutores. O pagamento das bolsas seguiu as orientações da Resolução do Ministério da Educação nº 4, de 27 de fevereiro de 2013, em seu artigo 17.

1. coordenação dos tutores (professor pesquisador)

Conforme a autora Garcia (2009), a pesquisa classifica a função do professor pesquisador na busca por conhecimentos, fatos relacionados à investigação, objetivando a melhoria de instrumentos que possam contribuir com o professor em sua prática pedagógica.

Para o curso de formação “Educação de Surdos em tempos de Pandemia”, duas professoras pesquisadoras foram contratadas, ambas com formação em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrado na área de Educação e Educação Especial.

As atividades desenvolvidas pelas professoras foram conjuntamente planejadas com a coordenação, conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Descrição das atividades realizadas pelas professoras pesquisadoras

Título de atividade	Materiais	Procedimentos	Local e/ou link
Edital seleção tutores	Formulário <i>Google Docs</i>	Reunião com a equipe para divisão dos itens do edital	//ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/delac/Edital Tutores UFSJ(1).pdf
Tradução edital	Celular para gravação; Programa editor de vídeos.	Impressão dos textos para gravação; Envio do texto em Libras para a conferência.	https://www.youtube.com/watch?v=WcxIpk7Uenk&feature=youtu.be
Inscrição dos Tutores	Formulário <i>Google Docs</i>		https://forms.gle/

Título de atividade	Materiais	Procedimentos	Local e/ou link
			XMZ8FWDiTqq Mw5p29
Avaliação dos tutores	Formulário <i>Google Docs</i>	Conferência de documentos, vídeos dos tutores.	
Reunião com os tutores para iniciar o curso, definir o papel e função na formação	Reunião Plataforma <i>Meet</i> Formulário <i>Google Docs</i> para elaborar o horário de trabalho de cada tutor; Grupo <i>Whatsapp</i>	Apresentação equipe: coordenadora, tils, professoras pesquisadoras - Solicitar aos tutores um quadro de horário; - Orientações quanto à função: esclarecer dúvidas de alunos, avaliar as atividades, incentivar perguntas, discutir com os colegas encorajando a construção do seu aprendizado, criar fóruns para cada disciplina, elaborar perguntas relacionadas ao conteúdo da disciplina, traduzir as perguntas em Libras, assistir as aulas dos professores para	

Título de atividade	Materiais	Procedimentos	Local e/ou link
		interagir melhor com os alunos nos fóruns; . Criar um quadro de alunos não frequentes para encaminhar para que a equipe tils entrasse em contato para verificar o que aconteceu com o aluno.	

Fonte: Elaboração própria dos autores.

2. Coordenação dos cursistas

O curso de extensão “Educação de Surdos em tempos de pandemia”, previsto para os meses de novembro, dezembro de 2020 e janeiro de 2021, foi programado num período em que a Covid-19 ceifava vidas em todo o mundo e no Brasil. Devido a isso e ao período de divulgação, matrículas e início do curso terem ocorrido em um prazo curto, os supervisores, juntamente com a coordenação, tiveram um início turbulento. Com o apoio das equipes dos diversos polos, o trabalho, aos poucos, se regularizou.

Inicialmente, o polo UFSJ recebeu um total de 646 pedidos de inscrições de todas as regiões brasileiras. Seguindo os critérios de classificação estabelecidos pelo curso e levando em consideração o quantitativo de 325 vagas disponíveis, 437 pedidos foram selecionados, sendo 102 como excedentes. A próxima etapa da seleção exigia a

confirmação de informações e inscrição no polo selecionado. Para os inscritos com critérios preestabelecidos, era necessário o envio de documentos comprobatórios para o polo. Esses critérios foram devidamente informados por e-mail. No entanto, cerca de 30% dos alunos não retornaram, sendo alguns e-mails inexistentes. Foi iniciado contato via telefone e por aplicativos de comunicação. Na ocasião, muitos nos informaram que não teriam condições de fazer o curso, outros informaram o e-mail equivocadamente, com alguns o contato foi impossível. É importante ressaltar que, em um curto período, alguns dos inicialmente inscritos contraíram a doença, outros seus familiares e ainda alguns sofriam com o falecimento de algum familiar devido ao vírus da Covid-19. Os excedentes foram contactados para assumirem as vagas, mas com as mesmas dificuldades apresentadas acima.

Ao final do mês de novembro de 2020, o Sistema Integrado de Monitoramento e Controle – SIMEC foi alimentado com informações básicas dos 335 cursistas e detalhes preenchidos posteriormente. Como parte das atribuições dos supervisores, mantivemos a atenção à assiduidade dos alunos no curso, bem como sua participação. Tendo em vista aqueles que apresentavam repetidas ausências, em conversa com tutores, analisamos as informações para a melhor compreensão da situação. Ao final do curso, dos 335 inscritos no portal do SIMEC, 156 concluíram com índice que os qualificaram como aprovados. Outros 90 evadiram do curso sem concluir todas as etapas e outros 90 estiveram até o final, mas não obtendo pontuação que garantisse sua aprovação.

O curso, seus materiais, seus professores e todos os recursos disponíveis para sua execução foram um sucesso. No entanto, no período em que o curso foi promovido, divulgado, a população mundial vivenciava situações atribuladas. A humanidade se via diante de uma guerra contra um vírus que, naquele momento, era altamente letal. O isolamento social já perdurava por meses e esse mesmo isolamento que protegia criava outros desafios psicológicos, financeiros, dentre outros. No entanto, pode-se dizer que, no cenário da época em que ocorreu o curso, os resultados foram positivos. Sem dúvidas, o curso “Educação de

Surdos em tempos de pandemia” cumpriu seu objetivo de difundir conhecimentos aos professores da Educação Básica brasileira sobre as especificidades dos estudantes surdos presentes em escolas de todo o país.

3. Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais

A presença do tradutor intérprete de Libras/Português na formação foi oferecida aos cursistas ouvintes que não possuíam fluência na Língua de Sinais e aos professores e tutores surdos. O serviço de tradução e interpretação também compreendia o acompanhamento da coordenadora Rosely Lucas de Oliveira em reuniões e demais encontros *on-line* de cunho formal, com representantes do projeto.

Ao requererem os serviços de tradução e interpretação, os alunos enviavam seus áudios para serem traduzidos para a libras e, quando necessário, os professores surdos enviavam vídeos sinalizados para serem traduzidos para a Língua Portuguesa oral e/ou escrita. O canal de comunicação e envio desse material se dava pelo *Google Drive* e pela rede social *WhatsApp*, que são tecnologias assistivas que promovem a acessibilidade e inclusão das pessoas surdas. O material acessível era disponibilizado para alunos e professores na plataforma *Moodle*, em que o curso era ministrado de forma *on-line*.

Além do trabalho oferecido de tradução e interpretação, os alunos entravam em contato para esclarecer dúvidas sobre sinais a serem utilizados em conversas com os professores no ambiente virtual de aprendizado e possibilidades de aprimoramento na Língua de Sinais, pois a troca de experiências com os docentes surdos foi fator preponderante para motivação prática e exercício da Língua de Sinais.

Vale a pena ressaltar que, durante o curso, por meio da atuação dos tradutores intérpretes de Libras, os estudantes puderam perceber que esse profissional é uma ponte entre docentes e discentes, bem como entre os alunos surdos e os alunos ouvintes, intermediando essas

relações. É fundamental esclarecer que tradutor intérprete de Libras não exerce função de professor, mas, sim, é uma ponte de comunicação entre vínculos estabelecidos no meio educacional. Para fundamentar o papel do tradutor intérprete de Libras, Quadros (2004, p. 28) sustenta que o tradutor e intérprete deve:

Realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos:

- a) confiabilidade (sigilo profissional);
- b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Outro fator crucial a ser mencionado foram os vínculos de parceria entre os professores e os profissionais da tradução e interpretação, os quais foram de extrema relevância para o desenvolvimento dos trabalhos durante o curso, pois por meio dessa sinergia em prol de um mesmo objetivo, obteve-se o sucesso nas aulas e a evolução dos alunos.

A competência tradutória e interpretativa, por parte do intérprete de Libras, também foi relevante para a boa evolução dos trabalhos elaborados durante o curso, pois sem fluência nas duas línguas, Libras e Português, além da formação continuada, por parte desses profissionais, o curso não obteria êxito como obteve.

4. A tutoria durante o curso

4.1. Relatora Musa Mara do Nascimento Cândido

O curso de extensão “Educação de Surdos em tempos de pandemia” foi previsto para os meses de novembro, dezembro de 2020 e janeiro de 2021, com um tema bem oportuno para profissionais da educação com alunos surdos e num momento de pandemia mundial devido ao Covid-19. No início dos trabalhos, recebi a orientação de contactar todos os candidatos inscritos da turma para assessorar no que fosse necessário.

Inicialmente, minha turma no polo UFSJ tinha 32 alunos. No decorrer dos dias, o acompanhamento foi essencial para a identificação dos que estavam acompanhando o material na plataforma e de quem, por algum motivo, havia efetivado a inscrição, mas não estava ativo na realização das atividades e frequência do curso. Na tutoria, era necessário contatar os desistentes e convidar os candidatos que estavam em uma lista de excedentes.

Para o curso, foi utilizada a plataforma *Moodle* da Universidade Federal de Uberlândia, na qual obtivemos treinamento e todo o apoio necessário para o desenvolvimento das atividades, desde um curso introdutório das funcionalidades da plataforma até a assistência tecnológica. Também ficou disponibilizado um tradutor e intérprete para colocar legenda nos vídeos em Libras, que foram postados nos módulos para mediação de aluno e tutor.

O andamento do curso se deu de forma bem tranquila, cujo tema focava na Educação Bilíngue de surdos mesmo na pandemia. O curso tinha como foco a mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que ocorreria cerca de um ano à frente, dando ênfase na qualidade e práticas de ensino para alunos surdos. O material didático foi disposto em videoaulas que foram gravadas com todo o cuidado necessário para tratar das temáticas. Embora excelentes os materiais, os

alunos, vez ou outra, reclamavam da extensão de cada vídeo, por serem muito longos. Atuando como tutora e mediadora do material, sempre foi incentivado aos alunos a assistirem os vídeos em sua integralidade.

O curso, o material, o conteúdo dos vídeos em Língua de Sinais, os professores e os recursos disponibilizados foram um sucesso. Considerando o auge da pandemia e as dificuldades desse período, pode-se dizer que os resultados foram positivos. Sem dúvidas, o curso “Educação de Surdos em tempos de pandemia” abordou bem estratégias de ensino e provocou os professores da Educação Básica brasileira sobre especificidades dos alunos surdos presentes em escolas de todo o país, mesmo estudando em casa no período da pandemia.

4.2. Relato de experiência de tutor Hélio Alves

Eu sou Hélio Alves, fui selecionado para ser tutor do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia”, organizado pela Universidade Federal de Uberlândia com parceria da Universidade Federal de São João Del Rei. Tive experiências de usar o *Moodle* da Universidade Federal de Uberlândia como aprendiz do curso de extensão de Libras e de AEE há anos. Admiti como tutor pela primeira vez, devido ao meu desejo de trabalho para ampliar novas experiências na área de educação. Realizei atividades de tutor na época de novembro de 2020 a janeiro de 2021. Trabalho com a coordenadora Rosely Lucas e acontecem as reuniões com outros tutores às vezes.

A função do meu trabalho de tutor se configura como estimular os alunos para tirar as dúvidas e realizar as atividades de prática, como participação no fórum e envio de atividades de relatório de aulas de cada módulo. Também conhecer os conteúdos programáticos de cada módulo, uma vez que esse curso possui três módulos.

Minha dificuldade de atividade de tutor é a comunicação com os alunos menos frequentes no curso que não deram os retornos de minhas mensagens por meio do *Moodle*. Fui conversar com outras tutoras para

solucionar os problemas de frequência dos alunos e permitiram o uso de *WhatsApp* para conversar com os alunos para resolver mais emergências. Infelizmente, os motivos dos alunos que não frequentaram o curso são apontados como a falta de interesse em participar, falta de tempo de frequência e de adaptação de costume de usar o ambiente virtual de aprendizagem. Além disso, dificuldade de uso de avanços tecnológicos.

Tive apenas dois alunos surdos na turma, um deles foi selecionado para admissão no curso, porém não tinha muito conhecimento do objetivo de curso. Fui entrar em contato com uma aluna surda e conversei com ela por videoconferência, dei a orientação para participação no curso e obrigação de entregar as atividades. Ela me entendeu, fez tentativas e conseguiu concluir as atividades.

Percebi que enfrentei os desafios de atividades de tutor, me conectei com autoestima para ampliar minhas experiências, são muito importantes e ganhei mais conhecimentos de trabalho de tutor. Ademais, aprendi com a interação entre professores, coordenadores, colegas-tutores e alunos. Também desenvolvi mais em relação aos conteúdos da área de Educação de Surdos que nunca foram ensinados como metodologia de ensino de Libras e de Português em diversos níveis de escolaridade para surdos e novos materiais didáticos na minha vida.

5. Conclusão

O curso “Educação de Surdos em Tempos de Pandemia” possibilitou o acesso a estudos, pesquisas e práticas pedagógicas educacionais surdas para mais de 300 cursistas. Apesar do período crítico em que nos encontrávamos, a pandemia de Covid-19, a modalidade EaD viabilizou a participação de um número expressivo de profissionais participantes e de docentes nessa formação.

A discussão acerca de trilhas educacionais viáveis na Educação de Surdos ocasionou a compreensão sobre a Educação Bilíngue de surdos

entendida como campo teórico, da Língua de Sinais, da cultura dos surdos e de práticas metodológicas praticáveis na Educação de Surdos.

Enquanto equipe, a bagagem adquirida no transcorrer do curso oportunizou o conhecimento, a partilha e a significância do trabalho em equipe. Como polo coparticipante, percebemos amplitude de expectativas em relação a espaços educacionais que versem sobre a Educação de Surdos. A UFSJ é uma instituição que tem a capacidade de estruturar ambientes formativos que dissertam sobre a Educação Bilíngue de surdos, em razão da experiência adquirida nesta formação.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

GARCIA, V. C. G. Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Por que ensinar? Como se ensina e como se aprende? **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 176-184, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/5516>. Acesso em: 30 jan. 2023.

QUADROS, R. M. **O tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** Brasília: Secretaria de Educação Especial: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

CAPÍTULO 3:

EXPLANAÇÃO EMPÍRICA DO PROJETO DA UFRN: CURSO DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPO DE PANDEMIA

Isaack Saymon Alves Feitoza Silva¹

Gisele Oliveira de Silva Paiva²

Isabelle Pinheiro Fagundes³

Margarida Maria Pimentel de Souza⁴

Julia Ohana Alves Medeiros⁵

A Educação de Surdos tem em sua essência o desafio de garantir a acessibilidade linguística aos educandos e, nos tempos de pandemia, esse fator se tornou preponderante, dada a ausência de contatos diretos entre os atores do processo educativo. Nesse sentido, o presente texto tem por objetivo apresentar as vivências no curso de formação em “Educação de Surdos em tempos de pandemia”, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), evidenciando cada realidade das localidades de abrangência e, conseqüentemente, os desafios que surgiram no decorrer do desenvolvimento do projeto, conforme o curso ofertado no ano de 2020.

O projeto de extensão foi apresentado por meio de uma proposta do Departamento de Letras – DLET, em parceria com a

¹ Coordenador do projeto e Docente de Estudos Literários para usuários de Libras da UFRN. E-mail: saymon.alves@ufrn.br

² Coordenadora dos tutores e Docente de Ensino de Libras da UFRN. E-mail: giseleoliveira.psi@gmail.com

³ Coordenadora dos tutores e Docente de Libras da UFERSA (Universidade Federal Rural e Semi-Árido). E-mail: isabelle.fagundes@ufersa.edu.br

⁴ Coordenadora dos Tutores e Docentes de Libras da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: mmmps@delles.ufc.br

⁵ Técnico da UFRN. E-mail: julia.medeiros@ufrn.br

Secretaria de Modalidades Especializadas do Ministério da Educação – SEMESP/MEC e a responsabilidade do projeto, organização, produção, recurso e processamento estavam relacionados à Diretoria de Políticas Educação Bilíngue de Surdos – DIPEBS.

No que se refere à efetivação do curso de extensão para formação de professores, este atuou na viabilização da qualidade do ensino remoto, numa perspectiva bilíngue para a Educação Básica, voltada para a educação de surdos, com foco direcionado aos discentes surdos, tendo o projeto vinculado à coparticipação de mais quatro instituições: Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UF'TM) e Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), bem como mais uma instituição com parceria voluntária: o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Essa ação teve um importante desempenho e sua divulgação foi de extrema necessidade para uma maior promoção, no intuito de alcançar conhecimentos inéditos do projeto, conforme a formação dos docentes e seus costumes nas suas práticas das escolas públicas, privadas, conveniadas sem fins lucrativos. Desse modo, o curso foi voltado para profissionais em foco, no caso, os professores bilíngues que trabalham com discentes surdos.

O desenvolvimento do projeto teve sua motivação maior na formação dos professores da rede pública e a universidade ofereceu a formação dos profissionais conforme o art. 62 da Lei nº 9.394/96 (LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional), que assim dispõe:

A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em nível Superior, em curso de licenciatura plena, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, oferecida em nível Médio, na modalidade normal (Redação dada pela lei 13.415 de 2017). (BRASIL, 1996, n.p).

Além disso, teve amparo também no Decreto federal nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei 10.436/2002 e, entre outros temas, trata da formação dos professores em todos os níveis de ensino, bem como de instrutores de Libras. Nesse particular, aborda cursos de formação continuada, dada sua relevância, como se observa no artigo 6º, incisos I, II e III:

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível Médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de Educação Profissional;

II - Cursos de formação continuada promovidos por instituições de Ensino Superior;

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas pelas secretarias de educação. (BRASIL, 2005, n.p).

Nesse sentido, destaca-se ainda o teor do art. 15, incisos I e II do mesmo Decreto nº 5.626/2005, que aduz:

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - Atividades ou complementação curricular específica na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental;

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação Superior. (BRASIL, 2005, n.p).

Conforme os procedimentos da universidade, são feitas ofertas da formação continuada dos professores, no intuito de melhor desenvolver os discentes surdos.

Os coparticipantes do programa receberam bolsa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e a proposta

proporcionou 300 vagas por instituição da formação. A UFRN, como parceira, foi um dos polos coparticipantes, com grande importância, por meio de sua atuação, tendo como base o modelo idealizado pela Universidade de Uberlândia (UFU) e a bolsa foi distribuída entre a coordenação do polo, cursistas, elaboração de conteúdo e tutores. A equipe estruturada foi composta por: uma coordenação, dois supervisores do curso que se responsabilizavam pela equipe, monitoramentos dos tutores e dois formadores se responsabilizavam pelos monitores, pelos cursistas e 12 tutores. O pagamento das bolsas foi conforme as orientações da Resolução do Ministério da Educação nº 4, de 27 de fevereiro de 2013, em seu artigo 17.

1. Coordenadores dos tutores (professores pesquisadores)

Conforme referência principal do curso de extensão, a autora Lima (2019) cita que a formação deve continuar com sua interação coletiva na busca por conhecimentos, percorrendo e projetando o avanço de instrumentos que possam cooperar na prática da formação dos profissionais e acompanhamentos dos tutores, em que evoquem as suas práticas pedagógicas, envolvendo-se com os cursistas e abarcando a relação no trabalho pela formação continuada.

O curso de formação continuada “Educação de Surdos em tempos de pandemia” teve duas professoras pesquisadoras contratadas pela FNDE, sendo que ambas têm formação em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina: uma com mestrado na área da Educação e outra com doutorado também em Educação.

As tarefas desenvolvidas foram planejadas conforme suas etapas, com a integração dos professores e seu coordenador, conforme o quadro 1:

Quadro 1 – Desenvolvimento/Organização de curso

Etapas das atividades	Materiais	Procedimentos	Local e/ou link
Edital seleção dos tutores	PDF	Reunião com a equipe	<p>https://cchla.ufrn.br/site/wp-content/uploads/2020/10/Edital-Tutores-UFRN-NOVO-.pdf</p> <p>https://cchla.ufrn.br/site/?p=9774</p>
Tradução em Libras edital	SEDIS	Textos para teleprompter para Libras	<p>https://drive.google.com/file/d/1DA3RpK402owKKWz5H_z8yPAnWidFjlsF/view</p>
Inscrição dos tutores	Formulários <i>Google Docs</i>		<p>https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd2SvHUUp8sXyKHooYJHi2z-dVjkiG00huKvOecscMNbFCEjw/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0&gxids=7628</p>
Resultados dos tutores	PDF	Convocação do site	
Reunião com tutores para iniciar o curso	Reunião Plataforma <i>ZOOM</i> Grupo <i>Whatsapp</i>	Apresentação da equipe: Coordenador, formadores e tutores; - Orientações;	

Etapas das atividades	Materiais	Procedimentos	Local e/ou link
		- Formação tutores.	

Fonte: Elaboração própria dos autores.

2. Coordenação dos cursistas

O curso de extensão elaborado no ano de 2020, “Educação de Surdos em tempos de pandemia”, teve início em novembro de 2020, indo até janeiro de 2021, e foi programado no momento da pandemia de Covid-19, visto que foi necessária a paralisação das aulas presenciais e, assim, foram feitas convocações e matrículas, tudo *on-line*. A formação dos tutores, o andamento do curso, foi tudo muito corrido, pois o prazo era curto e, dessa forma, tivemos muita sobrecarga em todas as equipes, como também nas outras universidades. O regulamento do processo envoltório do curso ficou assim estabelecido na UFRN: conseguimos 11 tutores e, na necessidade de obtermos mais um, fez-se fundamental o remanejamento de 1 tutor, o qual veio do polo da Universidade Federal de São João Del Rei para o polo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pelo fato de que nosso quadro se encontrava desfalcado e, dessa forma, ficamos com o total de 12 tutores entre 6 pessoas surdas e 6 pessoas ouvintes.

Primeiramente, o polo UFRN recebeu uma quantidade de mais de 400 inscritos. Os coordenadores, pesquisadores e formadores reavaliaram os documentos comprobatórios e, seguindo critérios vinculados ao trabalho das redes públicas e privadas, sem fins lucrativos, foram feitas seleções, visto que eram dispostas 300 vagas e, conforme as necessidades, foram firmados 389 matriculados como cursistas, sendo inscrições de todo o Brasil.

Ao final do mês novembro de 2020, foram inseridas no SIMEC – Sistema Integrado de Monitoramento e Controle as informações

básicas de 389 cursistas cadastrados, conforme as referidas fases, até o final do curso. No término do curso, tivemos 140 pessoas que foram aprovadas, tiveram muitas desistências, por doenças, por pressão do momento presente, pela correria das disciplinas remotas, pelo início de experiência do projeto em plena pandemia, entre outros fatores.

A próxima seção apresenta os relatos de alguns de nossos tutores. Antes, porém, vale ressaltar que, embora tais profissionais tenham concordado em partilhar seus relatos, o fizemos resguardando as suas identidades, exibindo apenas as iniciais de seus nomes.

3. Os tutores durante o curso de formação do projeto de extensão

3.1. Relator JALJ

Minha experiência: participei da formação dos tutores e coordenação da reunião, elaborei motivação para os alunos do fórum, enviando comunicações de mensagens positivas aos alunos, em grupo foram feitos fóruns, vídeos referentes à pandemia. Fui professor tutor desde 2008 até 2012 Letras Libras da UFSC polo Natal IFRN; as aulas eram semipresenciais, quero dizer, uma vez por mês, tinham aulas no sábado e domingo, as aulas eram feitas por meio de videoconferência e fóruns. De 2013 até 2015, fui professor do SEDIS UFRN cursos pedagogia e geografia. De 2016 até 2019, atuei como tutor nas disciplinas da UFPB Letras Libras. Em 2020 e 2021, empreendi como tutor na pandemia UFRN no projeto bilíngue. De 2021 até a data da presente experiência, desempenho minhas funções no Curso de Letras Libras como professor, DEAD UERN em Pau dos Ferros-RN.

Desse projeto, participei como tutor na formação continuada dos alunos das redes públicas, as dificuldades encontradas em contato em Língua Portuguesa com *MOODLE*, depois adquiridos e adaptação no envolvimento dos discentes no remoto; eram umas dezoito discentes

pessoas surdas. Fazer as motivações dos alunos na participação do ensino remoto foi um grande desafio no momento de pandemia e as experiências foram tranquilas, por motivo que a maioria dos alunos era composta por pessoas surdas; os surdos sabiam que o tutor também é surdo, era um ponto positivo. Com relação ao aluno ouvinte, sempre em Português, foi para mim uma parte desafiadora; entendo bem a interação e qualquer dúvida, procuro os coordenadores de formadores do projeto, enfim, o desafio e a experiência foram ótimos, alcancei muitas aprendizagens e tive bons motivos por causas positivas, nova modalidade no ensino remoto, por ocorrência da pandemia de Covid-19; na minha vida, aprendi que a experiência é um desafio do processo e interação com os alunos.

3.2. Relatora M L da S.

O projeto “Educação de surdos em tempo de pandemia” foi uma primeira experiência de tutoria em tempo curto, mas suficiente para aprender como atuar como tutora, esclarecia as dúvidas e corrigia as respostas dos alunos que respondiam as atividades na plataforma da Universidade Federal de Uberlândia-UFU.

A principal dificuldade foi em relação à falta de contato e orientação eficiente para fazer os acompanhamentos e seguir os cronogramas para que os alunos surdos e ouvintes seguissem, como também sempre era necessário atender aos alunos surdos por videochamada, o que demanda tempo por alguns não terem uma boa interpretação de leitura da Língua Portuguesa.

O principal desafio foi que os alunos se interessassem verdadeiramente em aprender e aproveitar o projeto. A seguir, o relato de um de nossos participantes.

4. Conclusão

O presente texto faz-se em face ao cumprimento do curso do projeto da “Educação de Surdos em tempos de pandemia”. As atividades foram referentes à realização de um curso de formação para professores de Libras, que aborde o conteúdo necessário para ajudá-los a encarar as dificuldades do ensino de Libras em tempos de pandemia. O projeto lançou Chamada Pública para a seleção de tutores que contribuiriam com todo o andamento do curso, cada um com sua responsabilidade por uma turma distinta. A meta foi promover a formação dos citados professores, que atuassem na Educação de Surdos em tempos de pandemia. Foram realizados treinamentos e reuniões com os tutores selecionados, a fim de capacitá-los para a jornada do referido projeto.

As atividades foram executadas nas aulas sobre a Educação de Surdos em tempos de pandemia e cada vídeo teve várias abordagens sobre todos os níveis na Educação Básica, EJA, alfabetização e letramento das crianças surdas, didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue, foco discentes pessoas surdas, com duas modalidades de ensino, primeira língua em viso-espacial em Língua de Sinais e segunda língua como modalidade escrita de nação da Língua Portuguesa; as produções de materiais didáticos eram conforme as multimodalidades no ensino, processo de recursos de aspectos visuais e produções nas instruções linguísticas, formação lúdica e narrativas nos aspectos dos estudos literários em Língua de Sinais; a importância da interação professor-família-aluno surdo formada como trabalho de ensino remoto e um dos últimos conteúdos falava sobre a relação comunicativa dos pais com os filhos surdos. Assim, vários conteúdos contribuíram na formação continuada, no processo de ensino remoto que ocorreu por conta de pandemia Covid-19, e o curso executado entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021. Após a seleção de tutores a distância, houve três reuniões que objetivaram o alinhamento pedagógico e o treinamento.

A primeira reunião, realizada no dia 19 de novembro de 2020, tratou de esclarecer dúvidas e realizar o treinamento dos tutores. A segunda e a terceira reuniões foram realizadas, respectivamente, nos dias 4 de dezembro e 22 de janeiro, e tinham por finalidade o alinhamento pedagógico e esclarecimento de dúvidas e questões que foram levantadas durante a execução do projeto.

Ao final do curso, foram 140 alunos aprovados e devidamente capacitados ao tema “Educação de Surdos em tempos de pandemia”. As dificuldades encontradas no desempenho da descentralização foram: a execução do curso e também foram observados alguns obstáculos, que foram sanados em seguida, de modo a ter o aproveitamento devido dos alunos que ficaram até o final do curso. Detectamos, em razão de explanação dos alunos cursistas, que, em alguns momentos, as videoaulas estavam se tornando cansativas, em razão de sua duração e de explicações longas, o que deixava o tempo mais exíguo para os questionamentos pertinentes. Outro ponto observado foi que, provavelmente, por se tratar de período de férias (dezembro), houve certa diminuição no engajamento dos alunos ao final do curso. Como medidas adotadas para sanar as dificuldades de modo a assegurar o cumprimento dos objetivos com relação à duração das videoaulas, optamos por estimular os cursistas a assistirem menos horas-aulas diárias, aumentar os dias na semana, que as pessoas não cansassem tanto, para que não se perdesse nenhum conteúdo, uma vez que todos os conteúdos eram necessários, esclarecedores e de grande importância para a ampliação dos conhecimentos de todos. Optamos também por reorganizar os estudos de forma que abordasse subtemas dentro de um tema e dividir os vídeos em partes, para uma melhor compreensão dos conteúdos e para que houvesse o tempo necessário para resposta aos questionamentos pertinentes.

Acerca do engajamento dos alunos, além da reorganização dos estudos supracitada, houve também flexibilização com relação à entrega das atividades, que foram aceitas além do prazo inicialmente pensado, para que não houvesse prejuízo para os cursistas. Entendemos que os

obstáculos no decorrer do curso foram superados e, ao final, foi bem avaliado pelos alunos cursistas. Iniciamos essa jornada desafiadora e conseguimos concluí-la de maneira satisfatória, promovendo a capacitação de professores de Língua Brasileira de Sinais, que agora contam com conhecimentos mais ampliados no que concerne à Educação de Surdos em tempos de pandemia.

Há tempos que são discutidas as metodologias para o ensino do povo surdo e, com a implantação da Educação Bilíngue, podemos observar uma melhora, visto que ela é mais adequada ao contexto educacional do surdo que tem a Libras como primeira língua e que melhor possa compreender, também usar o aprendizado da Língua Portuguesa para ser utilizado na modalidade escrita, como segunda língua.

Fazendo uma retrospectiva em relação ao conteúdo do curso, este foi bem aceito por todos os alunos, que caracterizaram as aulas, considerando os bons conteúdos, que proporcionaram a reflexão das atividades dos alunos, enquanto professores. As temáticas foram relativamente bem estruturadas e condizentes com a área abordada e as aulas foram partilhadas por profissionais que expuseram suas experiências e, consequentemente, suas práticas e embasamentos colhidos ao longo de suas jornadas.

Quanto aos módulos, estes foram pensados conforme as especializações e experiências dos docentes, ressaltando o módulo “Ferramentas tecnológicas”, o qual teve tanta repercussão positiva, que os discentes solicitaram sua continuidade, visto que foram apresentados conforme interação e as práticas linguísticas da Libras.

A experiência até aqui relatada, de modo sucinto, portanto, foi de grande importância para os educadores participantes e para toda a equipe de trabalho. Pensar a Educação de Surdos, seja na modalidade presencial ou virtual, seja na Educação Infantil ao Ensino Superior, é buscar atender os direitos de cidadania plena aos surdos, é garantir um direito essencial da aprendizagem efetiva, como qualquer outro educando possui.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução/CD/FNDE nº 4, de 27 de fevereiro de 2013.** Brasília: MEC, 2013.

LIMA, M. D. **Política educacional e política linguística na educação dos e para os surdos.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.614>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24583>. Acesso em: 2 fev. 2023.

CAPÍTULO 4:

PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO E NO BRASIL: MODELOS EDUCACIONAIS

Marisa Dias Lima¹

Márcia Dias Lima²

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, no campo educacional do país, sobre a inclusão da pessoa com necessidades específicas, principalmente das pessoas surdas. Apesar de que a Educação dos Surdos não dizer respeito somente à escola, é nesse ambiente que o assunto vem ganhando mais força e gerando mais questionamentos por parte dos pais e educadores, pois sabemos que a inclusão se refere ao processo de educar-ensinar, no mesmo grupo, pessoas com e/ou sem necessidades educacionais específicas, durante sua permanência na escola. Dessa maneira, toda escola deveria estar preparada, tanto em termos físicos (mobiliário, espaço físico etc.), quanto em termos pedagógicos, não só para receber e atender todo tipo de aluno, mas também para respeitar suas diferenças e educar de acordo com o ritmo e as possibilidades de cada um.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do “Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marisalima@ufu.br

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Educação pela UFU e Especialista em Educação Especial com ênfase na Surdez. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Professora pesquisadora do “Curso de Aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marcialima.ufu@gmail.com

Atualmente, nos deparamos com vários entraves existentes na Educação dos Surdos, sendo que o maior deles é o despreparo dos professores de alunos surdos que possuem dificuldade de atender/ensinar, entretanto, é notório que a escola atual tem que assumir, ao lado da Educação dos Surdos, o uso linguístico em Libras utilizado/adotado e respeitado no espaço escolar. Assim, a educação, como prática, precisa estar em constante reflexão teórica a ser discutida constantemente, porque é esse fluxo, entre o agir e o pensar, que dinamiza a ação, resistindo à subserviência ideológica de dominação.

É notável que muitos consideram os surdos como indivíduos intelectualmente incapazes por não possuírem a Língua Portuguesa como a primeira língua, desvalorizando, assim, a sua cultura, e passam a associar a surdez a um comprometimento cognitivo. Essa é uma concepção totalmente equivocada, o que leva os surdos a desenvolverem uma autoimagem enfraquecida e, em muitos casos, ignorada no seu meio social e no seu espaço escolar. Nesse sentido, o termo “surdo”, para a maioria das comunidades, compreende uma variedade de transtornos, que são usualmente considerados como parte de um ser humano inferior. Inevitavelmente, desconhecem os motivos pelos quais os surdos não partilham da “visão ouvinte do mundo” (apesar de haver uma ampla divulgação), e acreditam que a imersão em um mesmo ambiente linguístico de Língua Portuguesa é suficiente para surdos e ouvintes adquirirem a língua falada no meio, o que não acontece na realidade dos surdos. Isso porque, contrariamente aos ouvintes, os surdos, por possuírem a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como língua natural/materna, uma língua diferente da falada pelos primeiros, compartilham com outros surdos as experiências de mundo essencialmente visuais, por meio das imagens e movimentos que os cercam. A consequência primeira dessa realidade é a existência de uma cultura surda própria e diferenciada daquela do mundo ouvinte (FARIA, 2003; SKLIAR, 1998).

Partindo desses pressupostos teóricos discutidos por alguns autores, tais como), Skliar (1997), Lacerda (1998), Soares (1999), é necessário

situar, no campo de investigação epistemológica, algumas questões, dentre elas: de que forma as mudanças sociais ao longo da história contribuíram na organização política, social e educacional dos surdos? De que maneira a concepção que a sociedade tem acerca dos surdos influencia na prática da Educação dos Surdos?

Para esse fim, este trabalho procura visibilizar algumas percepções que temos acerca da Educação dos Surdos, que se fazem hoje presentes e foram influenciadas por de três fatos considerados determinantes na história da Educação de Surdos: retrospectiva histórica da Educação dos Surdos, contribuição das pessoas na construção de sua educação e as influências que tiveram no Pós-Congresso de Milão.

Ademais, ressalta-se que é de grande valia aprofundar nos conhecimentos diante dos questionamentos do ensino dos surdos, que tem por finalidade oferecer suporte aos atuais e futuros docentes da educação, a fim de atuarem de forma mais capacitada e preparada numa educação de qualidade, principalmente com as crianças surdas que possuem a maior carência de professores qualificados, com o aprofundamento nos conhecimentos relacionados à Educação dos Surdos. Isso possibilitará que discutam práticas e teorias, partindo de uma questão sociocultural, na qual é um sujeito surdo que tem a Libras a sua língua natural.

2. Fundamentação Teórica

Este trabalho toma como objeto apresentar os estudos desenvolvidos, seguindo os pressupostos teóricos de que as trajetória da Educação dos Surdos vem sendo modificada desde a antiguidade; a contribuição de algumas personalidades no processo de escolarização dos surdos e o seu papel no movimento; os diferentes modelos educacionais presentes na Educação dos Surdos após a discussão do Congresso de Milão que contribuiu para o desenvolvimento das discussões de melhoria para a Educação dos Surdos de hoje.

2.1 Retrospectiva histórica da Educação dos Surdos

Até meados do século XVI, os surdos, denominados surdos-mudos, eram considerados ineducáveis, deixados à margem como inúteis à coletividade. No entanto, desde essa época, já havia esforços para tornar possível a sua educação. Segundo Araújo (2000, p. 10), o médico italiano Girolamo Cardano afirmou que os surdos-mudos podiam ser postos em condições de “ouvir lendo e de falar escrevendo”. Posteriormente, o frade espanhol Pedro Ponce de Leon conseguiu ensinar a linguagem articulada a surdos-mudos e, em 1620, outro espanhol, Juan Pablo Bonet, publicou o primeiro livro sobre o assunto, em que explica como exercitar o educando para a emissão dos sons. Visto que os surdos, na época, quase sempre eram também mudos, isso fazia com que eles não fossem reconhecidos como pessoas capazes de possuírem direitos legais. O reconhecimento de surdos filhos de famílias nobres como pessoas de lei, para que pudessem herdar títulos e a fortuna da família, foi um fator para o desenvolvimento de métodos educacionais especiais para os surdos (SACKS, 1998).

Até 1750, a situação das pessoas surdas era calamitosa, pois eram considerados incapazes de desenvolver a fala e, portanto, “mudos”, incapazes de comunicar-se livremente até mesmo com pais e familiares, restritos a alguns sinais e gestos rudimentares. O abade francês Charles Michel de L'Épée criou o chamado método silencioso, no século XVIII. Sem desprezar a importância da palavra oral, L'Épée deu relevo especial ao emprego de sinais manuais, estabelecendo uma linguagem convencional, como meio de instrução dos surdos.

Nas afirmações de Lacerda (1998), o abade francês Charles Michel de L'Épée foi o primeiro a estudar uma Língua de Sinais usada pelos surdos. Partindo da observação da comunicação de um grupo de surdos que utilizava gestos, ele desenvolveu um método educacional apoiado na Língua de Sinais, conhecido como método francês. Esse sistema foi amplamente difundido em toda a Europa.

No Brasil, na época do Império, as elites dirigentes, que já tinham por costume enviar seus filhos para estudarem na Europa, passaram a mandar também para lá os que apresentavam deficiências, para que se beneficiassem dessas viagens educativas. A primeira tentativa de institucionalização da educação do deficiente no Brasil foi feita em 1835, pelo Deputado Cornélio Ferreira. Entretanto, somente em 1856 teve início o ensino dos surdos-mudos, quando o professor francês Eduard Huet, também surdo, fundou, no Rio de Janeiro, sob os “auspícios” de D. Pedro II, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos – INSM, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Segundo Reis (*apud* LACERDA, 1998), corria a informação, nos primórdios da instituição, de que D. Pedro II teria trazido para o Brasil o professor Huet para iniciar o ensino da Educação do Surdo no Brasil, porque a Princesa Isabel tinha um filho que era surdo e que, em função disso, D. Pedro II teria se interessado em iniciar a Educação dos Surdos no Brasil.

De acordo com Tobias Rabello Leite (terceiro Diretor do INSM¹ que escreveu a obra “Compêndio para o Ensino de Surdos-Mudos”), atender ao surdo é

[...] estimá-lo, e dar-lhe sinais de afeição. Por outro modo, não se poderia obter dele confiança, nem dominar sua índole selvagem. [...] A educação, que é indispensável ao surdo-mudo, [...] consiste nos hábitos de asseio, de decência, de ordem, de obediência e respeito, assim como na cultura das faculdades intelectuais e morais pela prática da linguagem. (LEITE, 1881, p.28 *apud* MONTEIRO, 2006, p. 52).

O INSM aceitava a Língua de Sinais e a datilologia, ou seja, o alfabeto manual. Para disciplinar os alunos, eram aplicadas, primeiramente, advertências (verbais e escritas); em caso de reincidência, havia suspensão; depois, repetindo-se de novo a falta, ocorria diminuição de alimentação; em último caso e, por fim, optava-se pela expulsão.

¹ Instituto Nacional do surdo-mudo.

Tudo indicava que o Governo não tinha interesse em assumir essa tarefa, tanto que passou esse encargo para as províncias. Assim, foi fadada ao esquecimento, juntamente com a instrução pública primária que garantia gratuidade a todos pela Constituição de 1824, mas relegada aos mínguaos recursos provinciais.

Em 1911, já com nova denominação, o Instituto Nacional dos Surdos, INES, foi remodelado, adotando o método oral puro (oralismo). Proibiu-se em sala de aula o uso da Língua de Sinais, dando preferência ao treinamento da fala. Apesar de proibida, a Língua de Sinais continuava sendo utilizada, tanto no Instituto como fora dele, independentemente do que fosse adotado oficialmente. (ROCHA, 1997 *apud* LACERDA, 1998).

A educação da pessoa surda, nos anos sessenta, acompanhou esse movimento, tendo como bandeiras: o reconhecimento da Língua de Sinais, as pesquisas sobre a aquisição da linguagem e a tomada de consciência dos educadores dos resultados pouco satisfatórios dos métodos orais para a aquisição de conhecimentos pelos surdos.

Hoje em dia, uma decisão de especial relevância para a Educação dos Surdos no Brasil foi tomada pelo Congresso Nacional, ao sancionar a Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que declarava nos seus quatro primeiros artigos:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira

de Sinais - LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. Parágrafo único. A “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS não poderão substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”.

(BRASIL, 2005, n.p).

Outra importante conquista que merece destaque foi a assinatura do Decreto que regulamenta a Lei que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Então, a partir dessa história relatada, é possível perceber que os surdos passaram por diversas mudanças profundas no seu processo de ensino, pois eram vistos como pessoas não pensantes no passado, totalmente incapazes de assumir seu papel na sociedade. Atualmente, apesar dos avanços, alguns surdos ainda continuam sendo prejudicados pela sociedade, família, escola e outros, pois algumas pessoas pensam que, pelo fato de não ouvirem, eles são dignos de dó e piedade, por causa da sua “incapacidade”.

Nessa perspectiva, a Educação de Surdos, ainda atualmente, continua sofrendo interferências socioeconômicas, culturais e políticas, prejudicando o acesso da população surda às informações sociais, além do preconceito contra a Língua de Sinais.

2.2. Contribuição das pessoas na construção da Educação de Surdos

Várias são as pessoas que, de alguma forma e em determinados momentos históricos, com maior ou menor intensidade, contribuíram para a construção da história do surdo e da Língua de Sinais. Algumas personalidades se destacaram na construção dessa história e buscamos, por meio do quadro a seguir, exemplificar brevemente quem foram e suas contribuições.

Quadro 1 – História dos surdos

Época	Personalidade	Fatos
IDADE MODERNA	Pedro Ponce de Leon	Fundou uma escola para surdos em Madri; Ensinava filhos surdos de pessoas nobres da sociedade da época; desenvolveu um alfabeto manual que auxiliava na soletração das palavras.
	Juan Pablo Bonet	Utilizava o método oral; Estudava e escrevia sobre as metodologias para ensinar o surdo a ler e escrever.
	JonhBulwer	Adepto da língua de sinais; Produziu um método e comunicação para se comunicar com os surdos.
	Jonh Wallis	Estudioso sobre a surdez; Dedicou-se mais ao ensino da escrita aos surdos.
	George Dalgarno	Foi o idealizador do sistema de

Época	Personalidade	Fatos
		datilologia.
	KonrahAmman	Defensor da leitura labial pelos surdos
	Charles Michel de L'Épee	Muitos o consideram o criador da Língua de Sinais, apesar de se saber que a língua já existia anteriormente; Criou o Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris (primeira escola de surdos do mundo); Reconheceu o surdo como ser humano, assumiu o método como uma educação coletiva; Pontuou que ensinar o surdo a falar antes de aprender a língua de sinais seria uma “perda de tempo”.
	Jacob Rodrigues Pereira	Usava alguns sinais em forma de gestos; No entanto, defendia o método oral.
	Thomas Braid Wood	Fundou uma escola de surdos na Europa (Edimburgo).
	Samuel Heinicke	Ensinou vários surdos a falar; Criou o método oral, conhecido atualmente.
	IDADE CONTEMPORÂNEA	RochAmbroiseCucuronSicard
	Pierre Desloges	Foi defensor da língua de

Época	Personalidade	Fatos
		sinais; Publicou o primeiro livro escrito por um surdo.
	Jean Itard	Médico; Dedicou-se ao estudo da deficiência auditiva; Utilizava, em suas pesquisas, métodos de perfuração de tímpanos, entre outros.
	Jean Massieu	Ex-aluno de L'Épée; Primeiro professor surdo que se tem registro – foi o nome mais cotado para ser o sucessor de Sicard no Instituto.
	Thomas Hopkins Gallaudet	Abriu a escola de Hartford; Adotou a Língua de Sinais e alfabeto manual na Educação dos Surdos na América.
	Edward Miner Gallaudet	Sobrinho de Thomas Gallaudet; Fundador da Universidade Gallaudet.
	Alexandre Graham Bell	Inventor de telefone e filho de pais surdos; Defensor do oralismo.
	Helen Keller	Ficou cega e surda aos 7 anos de idade, criou mais de 60 sinais para se comunicar com seus familiares; tornou-se uma grande escritora e sendo fluente de várias línguas
BRASIL	EnerstHuet	Professor surdo, trouxe o

Época	Personalidade	Fatos
		método de ensino de Língua de Sinais francês com o alfabeto manual para o Brasil.
	Tobias Leite	No cargo de diretor, se inicia no estabelecimento da obrigatoriedade do ensino do oralismo e da leitura labial.
	Flausino José da Gama	Ex-aluno do INES; Fez a primeira tentativa de registro dos sinais utilizados no Brasil.
	Eugênio Oates	Missionário americano; Difundiu a Língua de Sinais para a sociedade por meio de dicionário.
	Lucinda Ferreira Brito	Primeira pesquisadora da Língua de Sinais no Brasil; Possibilitou aos pesquisadores melhor entendimento acerca da Língua de Sinais adotada pelos surdos.
	Ronice Quadros	Filha de pais surdos; Pesquisadora Linguística, foi a primeira a levantar a bandeira do uso da Libras nas crianças surdas.
	Martinha Clarett	Diretora de Política de Educação Especial; Defensora da inclusão; Propôs o fechamento de escolas especiais para efetivar a Educação Inclusiva.

Época	Personalidade	Fatos
		Não acredita na importância da Libras na Educação de Surdos.
	Diretoria da Feneis	Representante da comunidade surda; Defensora da Língua de Sinais na escolarização dos surdos; Reivindicou uma educação de qualidade aos surdos, por meio da Educação Bilíngue.

Fonte: Elaborada pelas autoras baseada nas informações do Wikipédia (2014)².

2.2. Influências históricas da Educação dos Surdos PÓS-Congresso de Milão (1880)

O tempo que a Língua de Sinais havia conquistado o seu espaço na Educação dos Surdos, iniciado no século XVIII, com grandes ganhos, estava para acabar. Os surdos que haviam conseguido um lugar para desenvolver sua própria identidade, devido ao convívio com iguais e a um sistema de ensino que lhes havia propiciado a forma real de acesso ao conhecimento, foram arrancados durante o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em 1880, em Milão.

Nesse Congresso, os professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo venceu e o uso da Língua de Sinais nas escolas foi “oficialmente” abolido, acarretando uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na sua instrução em geral.

Após a reunião no Congresso de Milão, o oralismo puro invadiu a Europa. Isso ocorreu pela confluência do nacionalismo, elitismo, comercialismo e orgulho familiar vigentes na época. Existia também o

² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/Historiadosurdos>. Acesso em: 24 maio 2014.

desejo do educador ter controle total das salas e não se sujeitar a dividir o seu papel com um professor surdo, por isso os professores surdos foram demitidos, eliminando, assim a sua presença nas escolas dos surdos. Era a forma de impedir que eles pudessem ter qualquer tipo de força e de poderem se organizar para qualquer tipo de manifestação ou proposta que fosse contra o oralismo. O Congresso de Milão transformou, dessa forma, a fala na única forma de comunicação dos surdos para a finalidade da educação. Então, aos poucos, foram sendo substituídos diante das pesquisas e experimentos de diferentes metodologias de ensino.

No fim, foram fundamentados os três modelos educacionais na Educação de Surdos e presentes em maior ou menor intensidade nas escolas para surdos, que são: o Oralismo, a Comunicação Total, a Inclusão e o Bilinguismo.

2.2.1. Oralismo

Esse método foi difundido em 1880, durante o Congresso de Milão, considerado um grande e importante evento mundial sobre Educação de Surdos. Entretanto, a partir daí os educadores de todos os países passaram a adotar o novo método obrigatória e exclusivamente: o Oralismo.

A modalidade oralista baseia-se na crença de que a fala é a única forma desejável de comunicação para o sujeito surdo, e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo, porque atrapalha o desenvolvimento da fala. Diante disso, algumas vezes, os professores acorrentavam as mãos dos alunos para que fosse impedida qualquer tentativa de sinalização por eles.

Essa concepção de educação enquadra-se no modelo clínico, uma visão que afirma a importância da integração dos sujeitos surdos na comunidade de ouvintes e que, para isso possa ocorrer, o sujeito surdo deve oralizar bem, fazendo uma reabilitação de fala em direção à “normalidade” exigida pela sociedade.

Apesar de o método ter demonstrado um resultado insatisfatório, durou cerca de 100 anos, e ainda hoje há quem defenda essa abordagem educativa.

2.2.2. Comunicação Total

Esse método da Comunicação Total surgiu em decorrência dos questionamentos de alguns educadores acerca da eficiência do Oralismo, pois sabemos que, apesar da proibição dos usos de sinais na sala de aula, os surdos ainda seguiam se comunicando assim nos intervalos das aulas, escondidos dos professores em seus grupos, nos quais criavam seu próprio sistema de sinais.

Na década de 60 – nos EUA, os pesquisadores começaram a investigar as Língua de Sinais e a legitimá-las como uma língua própria dos surdos, resultando assim o exímio do método Oralismo, cedendo, dessa forma, seu espaço à Comunicação Total, que propõe fazer uso de todo e qualquer método de comunicação (sinais naturais e artificiais, palavras, símbolos, mímicas...) para permitir que a criança surda, pelo menos, adquirisse uma linguagem.

Essa metodologia resultou na criação de sistemas de sinais que acabam sempre seguindo a ordem da produção das palavras da língua falada da comunidade ouvinte, produzida simultaneamente de forma artificial, provocando várias críticas por parte de alguns autores, dizendo que o maior problema é a mistura de duas línguas, a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais, resultando numa terceira modalidade que é o “português sinalizado”. Esse “português sinalizado” encoraja o uso inadequado da Língua de Sinais, já que esta tem gramática diferente de Língua Portuguesa.

2.2.3. Inclusão

Atualmente, a Educação dos Surdos no Brasil se baseia numa nova proposta de ensino defendido pelo poder oficial, disseminando a

visão de que é um ato de discriminação colocar os surdos, bem como qualquer outro tipo de “deficiente”, tristemente isolados em escolas especiais – atribui-se que é um atentado à modernidade, ou ao avanço tecnológico, ainda se desejar manter grupos “isolados”. Desse modo, defende-se a ideia de que colocar os “deficientes” junto às pessoas “normais” é um sinal de grande avanço impulsionado pela solidariedade. Portanto, criando um método para a Educação dos Surdos – a Inclusão.

O governo acredita que o aluno surdo deve frequentar o sistema regular de ensino, porque é um cidadão com os mesmos direitos que qualquer outro, e essa visão se deve ao fato de que o aluno surdo necessita de um modelo orientador da Língua Portuguesa, de ficar exposto ao modelo linguístico nacional, pois é no ambiente dos ouvintes que ele viverá sempre. A aprendizagem de uma língua efetiva-se realmente quando alguém tem o contato direto com os falantes dessa língua.

Mas ao tentar incluir os surdos em salas de aula regulares, involuntariamente, isso inviabiliza o desejo dos surdos de construir saberes, identidades e culturas a partir das duas línguas (a de sinais e a língua oficial do país) e impossibilita a consolidação linguística dos alunos surdos. Não se trata de apenas aceitar a Língua de Sinais, mas de viabilizá-la, pois todo trabalho pedagógico que considere o desenvolvimento cognitivo tem que considerar a aquisição de uma primeira língua natural (este é o eixo fundamental do “Bilinguismo”, o qual defendemos).

Por mais que o professor se esforce, se capacitando com os cursos de Libras e outros, durante a sua regência de algumas atividades, o aluno surdo acaba sendo prejudicado, como em uma leitura oral de um texto ou, por exemplo, nas conversas, diálogos e debates em sala de aula, em que se vê pouca participação destes nas atividades propostas pelos professores.

O governo minimiza essa falta de recurso adequado aos surdos, exigindo a presença de um intérprete de Libras em sala de aula, mas nem sempre é a solução, pois a grande maioria de intérprete não tem uma formação necessária, além da grande diferença entre Libras e língua oral.

2.2.4. Bilinguismo

Este é visto como uma proposta de ensino usada por escolas que sugerem permitir que os sujeitos surdos tenham acesso a duas línguas no contexto escolar. As pesquisas têm mostrado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a Língua de Sinais como primeira língua e, a partir daí, se passa para o ensino da segunda língua, que é o Português, que pode ser na modalidade escrita ou oral.

A proposta bilíngue traz uma grande contribuição para o desenvolvimento da criança surda, reconhecendo a Língua de Sinais como primeira língua e mediadora da segunda: a Língua Portuguesa. O Bilinguismo favorece o desenvolvimento cognitivo e a ampliação do vocabulário da criança surda. A aquisição da Língua de Sinais vai permitir à criança surda acessar os conceitos da sua comunidade e passar a utilizá-los como seus, formando uma maneira de pensar, de agir e de ver o mundo. Já a Língua Portuguesa possibilitará o fortalecimento das estruturas linguísticas, permitindo acesso maior à comunicação.

A sua abordagem busca remover a FALA e concentrar-se nos sinais da Língua de Sinais, incentivando, assim, melhor domínio por parte das crianças na Língua de Sinais. Para isso, propõe expor as crianças surdas em contato com pessoas fluentes na Língua de Sinais desde cedo, sejam seus pais, professores ou outros.

Essa nova proposta está sendo debatida atualmente entre a comunidade surda com os governantes, por meio de movimentos surdos que reivindicam que seja adotado na Educação dos Surdos o modelo da Educação Bilíngue que foi sancionado pelo Decreto 5626/2005, argumentando que este não está sendo cumprido.

3. Conclusão

Ao propor uma discussão de mudanças na Educação de Surdos, é preciso que, antes, haja coleta de dados, estudo e investigação, a fim de entender os fatores históricos que a envolvem, diante das visões que a sociedade tinha dos surdos, as rupturas que evidenciam as interferências das relações de poder com a política educacional.

Para que a atual situação da Educação dos Surdos seja mais bem compreendida nas suas raízes históricas e políticas, a fim de oportunizar a possibilidade de propor as mudanças diante das decisões derivadas dessa análise e de contribuir para uma melhor mudança da realidade educacional, se faz necessário discutir, largamente, sobre o lugar que ocupam, na Educação dos Surdos, as transformações sociais de cada momento histórico e a lógica da ideologia dominante.

Em outras palavras, a pesquisa e a reflexão a partir da perspectiva da qual foram apresentados os três fatos determinantes para Educação dos Surdos, a saber: retrospectiva histórica da Educação dos Surdos, que inclui a criação da primeira escola pública que, enfim, reconhece os surdos como seres capazes, com seus valores, hábitos e culturas próprios, que se utilizam da Língua de Sinais para se comunicarem, dando a eles uma ampla participação enquanto cidadãos; a contribuição das pessoas na construção de sua educação e o seu papel para com a educação; enfim, as influências que estes tiveram no Pós-Congresso de Milão, que trouxe das subjacências às atuais discussões das concepções da surdez e dos surdos pelo ouvinte e suas consequências na organização política, social e educacional para a comunidade surda, provocando as mudanças educacionais dos surdos até os dias atuais.

Sabemos que a discussão de uma transformação na Educação dos Surdos debatida entre os governantes e educadores está basicamente centrada nas mudanças estruturais e metodológicas da escolarização vigente e na dificuldade de esta se adequar e ser compatível com a proposta da inclusão/exclusão, entre outras coisas, a se propor uma

escola que possa adaptar e acolher a todos de acordo com as suas diferenças e especificidade, com qualidade. No entanto, o que se torna emergente são as mudanças de concepção do sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições sobre políticas educacionais, a análise das relações de poder entre surdos e ouvintes (SKLIAR, 1997).

Entre as principais contribuições que podem gerar essas transformações, está a expansão, entre os educadores, do aprofundamento teórico acerca das concepções sociais, culturais e antropológicas da surdez e do surdo, e principalmente, o reconhecimento da diferença – não da deficiência – como mais um exemplo da diferença humana, para construção da cidadania e, conseqüentemente, de um verdadeiro processo educativo da difusão de informação e conhecimento acerca dos sujeitos surdos e da Libras, mais especificamente, na divulgação da proposta de uma Educação Bilíngue que a comunidade surda quer como um novo modelo educacional dos surdos de hoje

Enfim, entende-se que, para oferecer uma boa educação aos alunos surdos, não basta somente incluí-los, mas é necessário que toda a organização esteja de acordo, desde o seu espaço físico, os seus profissionais e seus aspectos pedagógicos com os conteúdos trabalhados devem estar adaptados, adequados e preparados para serem utilizados diante das adversidades, devido ao fato de os surdos utilizarem a Libras como a principal base de instrução.

Referências

ARAÚJO, A. M. L. **Jogos Computacionais Fonoarticulatórios para crianças com Deficiência Auditiva**. 2000. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica e de Computação) – Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro

de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 ago. 2022.

FARIA, S. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5287>. Acesso em: 2 fev. 2023.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfr68rsh4FkNNKyr/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/810>. Acesso em: 12 out. 2022.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1998.

SKLIAR, C. **La educación de lossordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendonça: EDIUNC, 1997.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 75-107.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados: Bragança Paulista, 1999.

CAPÍTULO 5:

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

*Sônia Marta de Oliveira (SMED – PUC Minas)*¹

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sua trajetória assinalada por exclusões e indeferimentos de direitos que se identificam no processo histórico da população brasileira. Educação para alguns poucos abastados e, à margem, ficava a grande diversidade: os pobres, negros e pessoas com deficiência. As políticas públicas de educação para esse público têm aproximadamente 50 anos de lutas e foram constituídas e embasadas em campanhas de alfabetização e projetos caracterizados de forma *pro tempore*, sem uma continuidade (LIMA, 2017).

[...] historicamente, em nosso país, as políticas educacionais não favoreceram que alunos das classes trabalhadoras realizassem um percurso educacional capaz de garantir o direito à conclusão da educação básica com formação integral. Ao contrário, a história de nossa formação social traz as marcas do passado colonial e escravocrata, da configuração de um capitalismo tardio e subalterno, de uma burguesia aferrada à prática de ações patrimonialistas sobre o Estado, privatizando o público a serviço dos interesses das elites políticas e econômicas. Assim, ao longo dos anos, a desigualdade e a exclusão social foram se ampliando no Brasil, resultando daí grande contingente da população que vive em situação de pobreza, que não concluiu a trajetória escolar e nem possui

¹ Doutorado (2020) e mestrado (2015) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. Especialização em Educação Infantil (2003) pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. Graduada em Pedagogia (2001) pela PUC Minas. Professora da rede municipal de Belo Horizonte. Membro do ‘Movimento Mineiro em defesa da Escola Bilíngue de surdos’. Tradutora e Intérprete de Libras/Português. E-mail: soninhamarta@gmail.com

formação profissional qualificada. (SHIROMA; LIMA FILHO, 2011, p. 727-728 *apud* FREIRE; CARNEIRO, 2016, p. 2)

A EJA, como ação educativa, não desponta em instituições escolares, mas no interior de diversas associações e coletivos de trabalhadores e movimentos de educação popular articulados aos movimentos de estudantes, igrejas etc. Se sobressaem a “Campanha de pé no chão também de aprende”, “Movimentos de cultura popular”, “Movimento de Educação de Base” e o “Programa Nacional de Alfabetização” (VIEIRA, 2007). O “Movimento de Educação de Base” é uma entidade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, constituída em 21 de março de 1961, e desempenha atividades de educação popular nas regiões Nordeste e Norte e no Estado de Minas Gerais e Distrito Federal, em cooperação com governos estaduais. A “Campanha pé no chão também se aprende”, formada na cidade de Natal em fevereiro de 1961, consistia no ensino primário para crianças de baixa renda, em espaços educacionais sem nenhuma infraestrutura. Destacou as festas e músicas populares, estabeleceu bibliotecas e museus de caráter popular. Expandiu a alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire; o Programa Nacional de Alfabetização, instituído por meio do Decreto nº 53.465/1964, empreendimento do MEC com o objetivo de sistematizar os movimentos de educação popular e de alfabetização de adultos e adolescentes que havia crescido no Brasil a partir de 1961.

Os Documentos Internacionais que tratam sobre o direito à educação e as políticas construídas em torno dessa temática, têm o Brasil como signatário. Apresentamos, aqui, trechos dessas declarações e dispositivos legais construídos pelo poder público brasileiro, relevantes para a elaboração de caminhos políticos concretos, buscando assegurar uma educação que valorize e reconheça o direito à escolarização de quem está à margem, de quem não tem acesso ao conhecimento.

Na “Declaração Mundial sobre Educação para todos”, plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem – aprovada

pela “Conferência Mundial sobre Educação para todos”, em Jomtien (Tailândia) 1990, destacamos os seguintes trechos:

ARTIGO 3

UNIVERZALIZAR O ACESSO À EDUCAÇÃO E PROMOVER A EQUIDADE

1. A Educação Básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Para tanto, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades;

4. Um compromisso efetivo para superar as disparidades educacionais deve ser assumido. Os grupos excluídos - os pobres; os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais; os nômades e os trabalhadores migrantes; os povos indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas; os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime de ocupação - não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. (UNESCO, 1990, n.p),

Da Declaração de Salamanca, que discorre sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais em 1994, salientamos os pontos a seguir:

14. A Legislação deveria reconhecer o princípio de igualdade de oportunidade para crianças, jovens e adultos com deficiências na educação primária, secundária e terciária, sempre que possível em ambientes integrados;

19. As Políticas Educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso à educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e

das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares;

28. A aquisição de conhecimento não é somente uma questão de instrução formal e teórica. O conteúdo da educação deveria ser voltado a padrões superiores e às necessidades dos indivíduos com o objetivo de torná-los aptos a participar totalmente no desenvolvimento. O ensino deveria ser relacionado às experiências dos alunos e a preocupações práticas no sentido de melhor motivá-los. (UNESCO, 1994, n.p).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/1996 (LDB), do texto aprovado que disserta sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, sublinhamos os excertos:

Seção V

Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. Redação dada pela Lei nº13.632/2018 que dispõe sobre educação e aprendizagem ao longo da vida;

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL, 1996, n.p).

A Educação de Jovens e Adultos ser caracterizada por aqueles que não frequentaram a escola na idade própria denota traços de um pensamento de reparação que, de acordo com Pierro (2005 *apud* SANTOS; SILVA, 2020), ocasionou o ensino supletivo compreendido como mecanismo de contrapartida de estudos que não se efetivaram no

Ensino Fundamental e Médio. Contudo, não há base científica que referende uma idade correta para construir conhecimento, visto que a educação deve reconhecer no outro seus saberes, suas experiências, sua cultura e possibilitar a transformação a partir do que esse outro traz consigo. (SANTOS; SILVA, 2020). Argumento este que corrobora com a Declaração de Salamanca, que admite o conhecimento não somente como ciência formal, mas, também, como adequação às necessidades das pessoas, propiciando a participação real na evolução educacional, atentando para as diferenças linguísticas e culturais, tal como a diversidade surda desconsiderada nesse contexto educacional, pois se encontra à margem no processo de escolarização, apesar de compor as reivindicações promulgadas na “Conferência Mundial sobre Educação para todos”, em Jomtien, no ano de 1990.

As diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (BRASIL, 2000) admitem que a exclusão social no Brasil é alta, em consequência da falta de conformidade e sintonia educacional a que muitos brasileiros foram subordinados impedindo o direito efetivo à vida escolar. É relevante compreender que não cabe ações paliativas para a EJA e, sim, ações ordenadas e contínuas complementares para que a integridade dos sujeitos da EJA seja reconhecida, seja respeitada. (VASQUES; ANJOS; SOUZA, 2019). De acordo com o Parecer CEB N° 11/2000, a EJA tem, em seu âmago educacional, pessoas que estiveram e estão à margem da escolarização e que almejam o direito à educação. Pessoas de diferentes idades, com experiências singulares de vida e de cultura, que veem nessa modalidade de ensino a possibilidade de (re)construir sua cidadania.

Esses documentos compuseram a estrutura da “Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva”, elaborada em 2008, que ratifica o processo de inclusão como ação política, pedagógica, social e cultural, resguardando o direito de os estudantes aprenderem juntos, sem distinção. Esse instrumento educacional entende que diferença e igualdade devem seguir a mesma direção, evitando a exclusão educacional e social (BRASIL, 2008).

A EJA é apontada na “Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva”, no que concerne à expansão de possibilidades de escolarização, concreta interação social e formação para ingresso no mercado de trabalho. Os surdos da EJA podem ser contemplados igualmente na compreensão da Educação Bilíngue retratada nessa política educacional? A “Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva” interpreta essa modalidade escolar como:

[...] Língua Portuguesa/LIBRAS, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado é ofertado, tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular. (BRASIL, 2008, n.p).

Propor que a Educação Bilíngue de surdos seja na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais, destacando, em primeiro plano, uma língua de modalidade oral, infere um discurso, uma prática e posição hegemônica da Política em referendar o Português como língua na Educação de Surdos, admitindo a Língua de Sinais como suporte ou recurso pedagógico e não como língua de instrução, já que deverá ser ensinada para os estudantes ouvintes no espaço escolar, como consta no texto, e não para os estudantes surdos. O aprendizado da Libras se dá, segundo a Política, no Atendimento Educacional Especializado (AEE) empreendido por professores habilitados para o ensino da Libras e do Português escrito como segunda língua, do Braille, e de alternativas pedagógicas condizentes à especificidade do estudante. Os pormenores presentes no texto da “Política Nacional de Educação Especial na

perspectiva da Educação Inclusiva” reforçam a exclusão linguística dos surdos ao atestarem o ensino do Português como segunda língua e ignorarem o ensino da Libras como primeira língua no AEE, que sequer cita a Língua de Sinais como língua de ensinamento dos estudantes surdos.

A proposta de Educação Bilíngue garante e, ao mesmo tempo, resgata a Língua de Sinais como caminho primordial na construção do conhecimento pelo estudante surdo, por meio de uma educação que reconheça e valorize a Libras. O surdo compreende as estruturas de uma segunda língua em sua modalidade escrita.

Giordani (2004, p. 125) argumenta também que

Não se desconsidera a formalidade da Língua Portuguesa escrita, a gramática é muito bem-vinda, depois do conteúdo. Não só estamos falando com narradores surdos sobre a escrita, estamos falando com narradores jovens e adultos, pais e mães, trabalhadores, donas de casa, com muitas histórias de escolas normalizadoras, homens e mulheres que inundados pelas suas histórias, voltam a escola, motivados por diferentes objetivos, mas que já não se calam aos nossos equívocos.

O conhecimento deve ser oferecido ao estudante surdo intrínseco à sua vida surda, com suas histórias, seus saberes, seu jeito de ver e entender o mundo. A perspectiva do professor, de quem ensina, deve ser a perspectiva de quem aprende. A EJA orienta-se por pensamentos de proteção da dignidade das pessoas, construção da identidade e cidadania sistematizados em pontos como o trabalho, o tempo e a cultura, respeitando a especificidades dos grupos que a compõe.

Os instrumentos normativos e as políticas educacionais direcionadas aos surdos são alicerçados nos movimentos surdos por intermédio das associações de surdos, ganhando impulso nos anos 1980, inspirados no “Ano Internacional da pessoa com deficiência”, proferido

pela Organização das Nações Unidas (ONU), que tinha como lema a participação e a igualdade. (THOMA; KLEIN, 2010). Políticas linguísticas, como a Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras – Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, objetivam o ingresso à escola aos estudantes surdos, dispõem sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação do professor de Libras, do instrutor, do tradutor/intérprete de Libras e o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos e a organização da Educação Bilíngue. Para Giordani (2004, p. 119),

Muito se ouve da escola que o surdo não sabe e não quer escrever, sim, é verdade. Nas suas narrativas, os surdos dizem que não sabem e não querem escrever a escrita da escola, mas relatam inúmeras experiências de letramento em seu cotidiano, o surdo quer e sabe escrever uma escrita diferente da escola.

A lei nº 13.005/2014 aprova o Plano Nacional de Educação (PNE), garantindo a Educação Bilíngue para surdos na meta 4.7: garantir a oferta de Educação Bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua, e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos(as) e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues, bem como em escolas incorporadas nos termos do Art. 22 do Decreto nº 5.626/2005 e dos Art. 24 e 30 da “Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência”, assegurando o aprendizado da Libras e o estímulo da identidade linguística dos surdos em escolas e classes de Educação Bilíngue.

A EJA, no PNE, é contemplada na Meta 9, que projeta a elevação da taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência desse PNE, erradicar o analfabetismo

absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional. As diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (BRASIL, 2000) admitem que a exclusão social no Brasil é alta em consequência da falta de conformidade e sintonia educacional a que muitos brasileiros foram subordinados, impedindo o direito efetivo à vida escolar. É relevante compreender que não cabe ações paliativas para a EJA e, sim, ações ordenadas e contínuas complementares para que a integridade dos sujeitos da EJA seja reconhecida, seja respeitada. (VASQUES; ANJOS; SOUZA, 2019).

É necessário compreendermos que jovens e adultos vivenciam seu período de direito educacional singular que não foi devidamente ratificado pelo poder público numa sociedade diversamente cultural. O espaço educacional integra a diferença de maneiras diversas: pessoas, contextos, pensamentos. É o local de interlocuções e momentos, de criações e constituição de memórias. A escola é promotora de reflexão sobre o mundo em que vivemos. Reflexão que nos leva a construir novas maneiras de sermos e de agirmos. (VASQUES; ANJOS; SOUZA, 2019).

Entender que a EJA, tradicionalmente, tem função secundária no contexto da educação brasileira, nos incentiva enquanto educadores a entender e colaborar para uma mudança desse cenário, buscando a promoção de políticas públicas efetivas para esse público. Como ressalta Arroyo (2007): a EJA tem que ser um ensino real para sujeitos reais, em contextos reais, com histórias reais, em configurações reais.

2. A educação de surdos adultos

O abade francês L'Épée, no ano de 1750, fundou a primeira escola para surdos fundamentada num método criado por ele, intitulado abordagem gestualista. Esse método surgiu da observação e contato com surdos carentes nas ruas de Paris, que conversavam por meio de sinais. Com ele, os surdos tinham conhecimento e domínio da escrita.

L'Épée foi o primeiro professor dos surdos das classes menos abastadas, foi professor dos surdos abandonados pelas famílias e que moravam nas ruas. Assim, podemos afirmar que a base da Educação Bilíngue surgiu da alfabetização de surdos adultos (LOPES, 2007, p. 44).

A Educação de Surdos feita por L'Épée funcionou como condição de possibilidade para que muitos surdos se articulassem numa comunidade surda e para que a modalidade linguística desse grupo pudesse ser reconhecida como uma forma de comunicação e um método de aprendizagem.

A escolarização dos jovens e adultos surdos precisa ser um caminho para a conquista de direitos. Escolarização que promova uma formação que possibilite a participação social dos surdos, considerando a Língua de Sinais como um artefato cultural que diz sobre os surdos, sobre como os surdos se estabelecem e pensam. Considerar a língua fundamentada na concepção dos surdos, porque ela significa mais que um conceito científico, é a maneira intrínseca de expressar o mundo por intermédio de vivências visuais (QUADROS, 2017).

Os saberes transitam, se transformam conforme o processo histórico dos grupos sociais. Entretanto, os estudos científicos não são estáveis e a teoria do conhecimento também não. As pesquisas científicas discorrem sobre finalidades epistêmicas da ciência, visto que há diálogo com paradigmas e regras desprovidos de subjugação. A Epistemologia está relacionada com o pensamento e com os alicerces do conhecimento, no qual os limites não estão nitidamente acordados. A teoria do conhecimento é estruturada como um conjunto de ideias e conceitos que se coloca à disposição para compreender a ciência como caminho explicativo da atividade mental dos sujeitos e procurar dilucidar como o pensamento dos sujeitos pode originar os saberes como organização coerente de conhecimentos precisos (OLIVEIRA, 2020).

Apreendendo Epistemologia como campo de saberes e conhecimentos, a Educação de Surdos necessita incorporar às suas

diretrizes pedagógicas a Epistemologia Surda, entendida como ações surdas no mundo, na forma como os surdos constroem conhecimentos, na relação dos surdos com os pais ouvintes, com os pais surdos, na interação surdo-surdo, no relacionamento com uma sociedade composta por maioria ouvinte que os conceituou como sujeitos privados de uma língua (OLIVEIRA, 2020, p. 61).

A cultura e a Língua de Sinais são o cerne epistemológico da comunidade surda. Reconhecer a língua sem validar a cultura pode levar à decadência das concepções da comunidade surda (LADD, 2008).

Versar sobre os saberes surdos, na Educação de Surdos, é proporcionar um ensino configurado nos aspectos linguísticos e culturais dos surdos nas vidas surdas, pois, no olhar cultural dos surdos, o mundo é formado por vidas surdas. O papel dos saberes, das narrativas surdas, é ver vidas surdas. Ver na perspectiva surda, no entendimento surdo. Os professores da Educação de Surdos na infância, na adolescência, na fase adulta, necessitam ver vidas surdas e compreendê-las como um conjunto de oportunidades de apropriação da cultura dos surdos, suas narrativas culturais, que são a maneira de se posicionarem e compreenderem o mundo (OLIVEIRA, 2020).

3. O Ensino de Português na EJA de surdos

O processo do ensino da Língua Portuguesa será possível se o desenvolvimento for de aquisição de segunda língua, sendo a Língua de Sinais reconhecida e efetivamente a primeira língua. O ensino da Libras pela Libras é um processo de reflexão sobre a própria língua, que sustenta a passagem do processo de leitura e escrita elementar para um processo mais consciente. Esse processo dará sustentação para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

[...] estamos falando sobre a escrita, estamos falando com jovens e adultos, pais e mães, trabalhadores, donas de casa, com muitas histórias de escolas normalizadoras, homens e mulheres que, inundados pelas suas histórias, voltam à escola [...]. (GIORDANI, 2004, p. 125).

O Português escrito, enquanto segunda língua, tem características percebidas em procedimentos de aprendizagem de outras línguas. Foi verificada uma variabilidade na competência, bem como no desenvolvimento, nas técnicas utilizadas pelos estudantes e, também, nos objetivos. Apresenta-se, ainda, a imprevisibilidade da instituição educacional de entender o que é inerente à gramática da língua a ser ensinada. Ademais, há possibilidade de questões afetivas influenciarem no aprendizado de uma segunda língua (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

3.1. Os estudos de Paulo Freire e o aprendizado de segunda língua

Freire aprendeu a ler com sua mãe, à sombra de uma mangueira onde escrevia, no chão, palavras do seu dia a dia. Aprender com o que é do nosso cotidiano, com o que vivenciamos, nos proporciona uma relação dialógica com a escrita e a leitura. Aprendemos com o que temos à nossa volta, com os saberes que partilhamos.

A educação deve fundamentar-se na consciência da realidade cotidiana. Não no conhecer das letras, palavras, ou frases... o processo de alfabetização não pode ser dar sobre, nem para o aluno, ele tem que se dar com o aluno. Há que se estimular nele a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política.²

² Extraído do texto elaborado a partir da palestra “Vida e obra de Paulo Freire”, proferida por sua esposa, Ana Maria Araújo Freire, no I Encontro Nacional de Educação

A proposta de Freire é pensar o estudante e o professor como sujeitos na organização do conhecimento e da história. A gênese de uma educação libertadora é alicerçada no diálogo, tendo o estudante como núcleo da aprendizagem (FREIRE, 1987).

No livro *Ideias para ensinar português para alunos surdos*, de Quadros e Schmiedt (2006), as autoras discutem sobre o processo de aquisição da língua escrita de modalidade oral-auditiva por alunos surdos que utilizam a Língua de Sinais de modalidade visual. Entendendo o aprendizado dessa língua escrita, o Português, como segunda língua. Esse aprendizado expõe prismas elementares, tais como o seguimento intelectual espacial dos estudantes surdos, a habilidade visual marcada pelos surdos, a viabilidade de movimentação da Língua de Sinais para o Português, as distinções das modalidades das línguas no desenvolvimento educacional, o papel social que as línguas apresentam, o contraste interacional que os surdos têm com a escrita, considerando a cultura desse grupo, o alfabeto manual que retrata associação visual com as letras do Português escrito.

Quadros e Schmiedt (2006) argumentam, com base em estudos apresentados por outros pesquisadores, que entre a primeira e segunda língua há a presença de uma interlíngua, um conjunto que expressa especificidades linguísticas com distintas categorias de complexidade que caminham para a estrutura linguística da língua alvo.

A segunda língua apresentará vários estágios de interlíngua, isto é, no processo de aquisição do português, as crianças surdas apresentarão um sistema que não mais representa a primeira língua, mas ainda não representa a língua alvo. Apesar disso, estes estágios da interlíngua apresentam características de um sistema linguístico com regras próprias e vai em direção à segunda língua. A interlíngua não é caótica e desorganizada, mas apresenta sim hipóteses e regras que começam a delinear uma outra língua que já não é mais a primeira língua daquele que está no processo de aquisição da segunda língua. Na produção textual dos alunos

de Jovens e Adultos – ENEJA, em 25 de abril de 1998, no Recife/PE.

surdos fluentes na língua de sinais, observa-se esse processo (Brochado, 2002). (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 34)

A concepção de conhecimento e do conhecimento científico acontece por intermédio da junção entre a prática e a teoria, e a metodologia o caminho primordial para correlacionar a ação e o estudo que se configura num contínuo empenho que demarca um processo interior incompleto e definitivo, constante busca, que define um processo intrinsecamente inacabado e perdurável (MINAYO, 1994). Como professora na EJA de surdos, busquei sistematizar o ensino do Português escrito com os estudos freirianos com situações e contextos vivenciados pelos estudantes e os processos de interlíngua apresentados por Quadros e Schmiedt (2006).

Os exemplos de produção escrita que serão apresentados dissertam sobre o contexto de alimentação, focando em frutas. Inicialmente, realizamos uma discussão sobre alimentação saudável, assistimos vídeos, realizamos roda de conversa sobre o tema, os estudantes produziram textos sinalizados via celular (em vídeo) em relação à temática abordada, fizeram leitura visual dos vídeos, correções, para, em seguida, fazerem o registro escrito do que trataram nos textos sinalizados.

Exemplo de interlíngua – estágio I

mãe tem laranja. mãe laranja é. mãe laranja delça.

O exemplo demonstra o estágio de interlíngua I, em que prevalecem características da Língua de Sinais na escrita do Português com frases reduzidas, estrutura gramatical semelhante à da Libras, poucas preposições e, ocasionalmente, de maneira equivocada. Porém, com a interpretação e conceito do léxico, é provável determinar sentido.

Na leitura sinalizada do estudante e na discussão dialógica, foi possível inferir: que o texto escrito no estágio de interlíngua I apresenta o

seguinte contexto: *Minha mãe tem laranjas. Ela gosta! Acha uma delícia chupar laranjas!*

Exemplo de interlíngua – estágio II

Mãe fala comer salada saúde bom. Doença não tem, evitar dá. Dentro corpo vai sangue forte bom. Salada comer evitar gordar. Precisa educação física.

Nessa produção escrita, verifica-se um texto caminhando para a estrutura do Português, porém com marcas de elementos linguísticos da Libras. No estágio de interlíngua II, há na produção escrita de alguns estudantes uma proeminente mistura da Libras e do Português. Ocorre a utilização da estrutura da Libras e de elementos do Português, com o propósito de aproximar a escrita da língua alvo. A produção escrita tem frases organizadas, ora apresentando características da Libras, outrora manifestando especificidades do Português, a utilização dos verbos no infinitivo e, às vezes, o uso de verbos de ligação, presença de substantivos.

Exemplo de interlíngua – estágio III

A mamãe falou para comer frutas porque ajuda na saúde nossa. Eu sempre gosto comer frutas. Gosto mais de banana.

No estágio de interlíngua III, decorre um registro do Português com evolução da gramática da língua alvo. Ocorre a produção de sentenças com ordenação sujeito, verbo e objeto com frases mais complexas, utilização de preposições, conjunções e artigos, presença de verbos flexionados.

4. Considerações

A disposição em mediar o conhecimento do Português escrito na perspectiva de segunda língua requer de nós, educadores, atitudes éticas em relação aos estudantes surdos, respeito à língua e à cultura dos

surdos, um compromisso que nos mova ao encontro do estudante surdo, construindo uma ótica surda em relação aos seus saberes, promovendo uma educação que estimule a liberdade surda de existir e coexistir no mundo. Os estudantes não são homogêneos, as habilidades não são idênticas, visto que os estudantes surdos carregam consigo vivências, saberes diversos, propiciando uma troca rica de conhecimentos sobre si e sobre o outro. Buscar o conhecimento em torno das Epistemologias Surdas viabiliza, enquanto desenvolvimento, acesso às narrativas surdas fundamentadas nas teias culturais surdas em sua particularidade, sem estereótipos sobre os surdos e suas histórias. É imprescindível entendermos que o caminho pedagógico de ensinar o surdo é atravessado pelas histórias de vidas surdas, pelas suas realidades. Propiciamos o conhecimento quando nos deixamos aprender com o outro e pelo outro. Ensinar o Português escrito para os surdos reivindica um ensino na Libras e pela Libras.

Referências

- ARROYO, M. G. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 787-807, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/McdhTVQ3ZxTVBhZDVjhMdYF/>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 30 jan. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 10 ago. 2022.

FREIRE, P. **A ação cultural para a libertação.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. C.; CARNEIRO, M. E. F. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos: contradições e possibilidades. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 1, n. 10, p. 34-43, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2016.3469>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/3469>. Acesso em: 2 fev. 2023.

GIORDANI, L. F. Letramentos na Educação de Surdos: escrever o que está escrito nas ruas. *In*: LOPES, M. C.; THOMA, A. S. (Orgs.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 73-85.

LIMA, A. A elaboração do referencial curricular para a Educação de Jovens e Adultos do município de Itaboraí: um relato de experiência. *In*:

NICODEMOS, A. (Org.). **Saberes e práticas docentes na Educação de Jovens e Adultos**. Jundiá: Paco, 2017. p. 356-418.

LOPES, M. C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

OLIVEIRA, S. M. **Os artefatos culturais surdo nos currículos de graduação do tradutor e intérprete de língua de sinais/língua portuguesa**. Belo Horizonte, 2020.

QUADROS, R. M. **LIBRAS**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC: SEESP, 2006.

ROSAS, Paulo. Vida e obra de Paulo Freire, conferência proferida por Paulo Rosa, no I Encontro Nacional de Jovens e Adultos - ENEJA, em 25 de abril de 1998, no Recife/PE.

SANTOS, P.; SILVA, G. Os sujeitos da EJA nas pesquisas em educação de jovens e adultos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p.98-112, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623696660>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/TcK5QFPgf6KspwxvpG7qYG/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

THOMA, A. S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.1, n. 36, p. 107-131, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1603>. Acesso em: 2 fev. 2023.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien: UNESCO, 1990.

UNESCO. **Declaração de Salamanca:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

VASQUES, C. C.; ANJOS, M. B.; SOUZA, V. L. G. Políticas públicas para Educação de jovens e Adultos (EJA). **Educação Pública**, [s. l.], v. 19, n. 16, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja-a-escola-como-local-de-excelencia-para-a-realizacao-dos-processos-de-ensino-e-aprendizagem>. Acesso em: 10 ago. 2022.

VIEIRA, M. C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I:** aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CAPÍTULO 6:

PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS E SOFTWARES BILÍNGUES NO ENSINO REMOTO

Aline Vendrame Cordeiro¹

Marisa Dias Lima²

1. Introdução

A Educação de Surdos, ao longo dos séculos, vem sendo aprimorada, reinventada e aplicada. Hoje em dia é comum encontrarmos professores surdos atuando na área da educação, oposto do que ocorria antigamente no Brasil. Algumas características específicas são bem mais marcantes no ensino dos alunos surdos, tais como o contato visual e o contato físico. Tal diferencial é muito importante para uma boa comunicação com o aluno surdo. Infelizmente, no período desafiador imposto pela pandemia aos profissionais da educação, houve muito retrocesso na aprendizagem dos alunos, em contrapartida, também podemos dizer que novas oportunidades surgiram nessa adversidade.

O ambiente presencial escolar brasileiro segue um padrão arcaico que remonta desde sua primeira instituição de ensino adotada pelo padre Manoel da Nóbrega no Colégio de Salvador da Bahia, em 1549. De lá para cá, pouco evoluímos além das carteiras, lousa e giz e o professor

¹ Especialista em Educação de Surdos, Graduação em Letras-Português/Inglês. Professora de Português/Inglês e Libras em Escola Bilíngue de Surdos. Colaboradora do curso de Português para surdos pelo SIGNA. E-mail: dulce.alin@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marisalima@ufu.br

único detentor do conhecimento a ser ensinado, raramente tivemos vivemos períodos em que se abriu espaço para atualizações profundas.

Para tanto, é importante conhecer as particularidades da realidade escolar e assim introduzir diferentes tecnologias na escola: computador, vídeos, internet, data show, aparelho de som, TV, entre outros recursos que sejam positivos na prática pedagógica. A aprendizagem necessita ser desafiadora, com vistas a compreender o mundo e atuar na própria rede de conhecimentos, buscando desenvolver nos alunos as aptidões. Deve-se incluir nessa jornada o aprendizado sobre o uso correto de editores de textos, o Excel, programas, sites para pesquisa, e antes de tudo dar ênfase à escrita seja manual ou digital, ambas têm as suas prioridades, cada uma a seu modo, o uso do editor de textos promove a conexão de distintas formas de expressão, já que associa texto, imagem, fluxogramas, uso de autoformas, gráficos entre outros, além disso, é um suplemento na correção ortográfica. (DIAS; CAVALCANTE, 2016, p. 163-164).

Nessa busca por soluções imposta pelos novos desafios da contemporaneidade, o ensino remoto nos trouxe opções e possibilidades de melhorias ao ensino. Na educação de alunos surdos, em que já sabemos que a comunicação visual é indispensável, o ensino remoto se tornou uma ferramenta chave para experiências únicas que, dificilmente, conseguiríamos reproduzir numa sala de aula tradicional.

Nesse novo ambiente digital, podem ser criados diversos cenários e situações. Essa nova ferramenta pode ser explorada para trazer um aprendizado muito mais imersivo e ilustrativo e, assim, prendendo muito mais a atenção do aluno. Podemos imaginar o ensino de verbos de movimento, por exemplo, em ocasiões nas quais podemos trabalhar com os tempos verbais: presente, passado e futuro. Uma imagem em formato gif (*Graphics Interchange Format*) em movimento de uma ação verbal mostraria exatamente o significado do verbo presente no gerúndio: “Ele está correndo”. Isso, num quadro branco, não teria a

mesma facilidade com a mesma imersão de uma figura em movimento. O ambiente digital torna possível muitos exemplos visuais e diretos.

O ambiente digital surge como uma nova perspectiva no contexto escolar, abrindo espaço para uma maior interação humana mediada pelos gêneros eletrônicos, através da interdisciplinaridade. A linguagem universal e compartilhada no mundo inteiro, transforma o aprendizado do aluno, inserindo-o como sujeito social no contexto educacional e na tecnologia simultaneamente. (DIAS; CAVALCANTE, 2016, p. 163)

A internet, há muito tempo, nos ofereceu possibilidades incríveis de ensino e aprendizagem e logo se viu a necessidade de assimilação das tecnologias educacionais nas escolas. Ficou nítida a importância dela nos tempos modernos, que nos prepararam para tempos difíceis como o da pandemia do Coronavírus, nos mostrando, coercivamente, que são verdadeiros novos horizontes, novas maneiras de aprendizagens no ensino. Isso é, desafios que valerão a pena serem enfrentados para o progresso social duradouro na educação, seja em aulas presencialmente ou remotamente.

A adesão escolar precisa estar suscetível no que se diz respeito às tecnologias educacionais, objetivando uma educação de qualidade e informatizada, para isso é preciso rever as diretrizes curriculares abordando a inclusão digital, uma vez que a internet desenvolve diversas aptidões no tocante ao ensino aprendizagem do educando. (DIAS; CAVALCANTE, 2016, p. 163).

Agora, mais do que nunca, a inclusão digital veio para ficar e para, desse modo, avançarmos mais em nossas metodologias de ensino e aprendizagem.

2. Ensino remoto atual na educação de surdos

A partir da necessidade de mudança de modalidade de ensino, por conta da pandemia citada na introdução deste artigo, foram adotadas como proposta as aulas de forma remota. Segundo Vercelli (2020, p. 50), “As aulas remotas ocorrem de forma sincrônica. Portanto, com a presença do professor em tempo real, sendo que as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat.”. Essa modalidade de ensino foi a forma encontrada para que alunos da rede regular de ensino continuassem seus processos de aprendizagem, assim como afirma Vercelli (2020, p. 49): “[...] adotaram-se aulas remotas para que as atividades não fossem paralisadas e os estudantes prejudicados em seu processo de aprendizagem.”, como também para as famílias perceberem que a educação é um complemento de casa para escola.

Nesse contexto, nós, professores, nos reinventamos, sabemos que nem todos os alunos têm conhecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), como também recursos financeiros para se manter de forma virtual. As TICs representam a Educação a Distância. Com essa nova forma de ensino nos ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos têm a possibilidade de trocar informações e experiências com os professores, realizando possíveis trabalhos em grupos, debates, fóruns, criar seu e-mail, o chat, a agenda de grupo *online*, comunidades virtuais, webcam, entre outros, que possam trazer um relacionamento entre as pessoas.

Buscamos novas formas de ensino-aprendizagem de forma virtual, fazendo novas formações que possam nos auxiliar a desenvolvermos a continuação do trabalho docente de forma remota, buscando apoio de autores com pesquisas que possam nos ajudar para o desenvolvimento dos alunos. Segundo Imbernón (2016),

A meu ver, as modalidades e estratégias de formação para aumentar a qualidade da formação é, portanto, sua efetividade deve organizar-se, antes de tudo, tendo como base o trabalho em

grupo entre o professorado, centrar-se em um trabalho colaborativo para a solução de situações problemáticas que surgem da prática laboral. (IMBERNÓN, 2016, p. 162).

Diante desse pensamento de Imbernón, observamos a necessidade do trabalho em grupo para conseguirmos enfrentar os desafios entrelaçados nesse momento da pandemia com as dificuldades na vivência em casa: falta de internet, problemas financeiros, saúde, entre outros, que apresentam dificuldades para o desenvolvimento da continuação dos estudos em casa.

Observamos que uma das maiores dificuldades seria com a família, principalmente, referente aos alunos surdos, tendo em vista que, na maioria dos casos, quem se interessa por algum benefício é apenas a mãe.

Assim, trazemos as concepções de Quadros (2017, p. 21): “É um trabalho que exige empenho por parte das famílias, pois, com a língua usada nos demais espaços sociais...”. Nesse sentido, podemos observar que os estudos voltados para a pessoa surda sempre destacam o apoio familiar, que é de suma importância, principalmente no momento de isolamento social, afastados do ambiente escolar, tudo via internet, na busca da continuação dos estudos.

3. Práticas de ensino remoto para alunos surdos

O cenário atual que vivemos em relação à Educação de Surdos exige um grande debate a respeito das escolas brasileiras, a sua organização pedagógica e seus profissionais, tanto para se adequar à situação pandêmica que estamos vivenciando, como para favorecer a pluralidade de ações que sejam complementares, que constituam um currículo pautado na abrangência, na flexibilidade e na garantia de acesso ao conhecimento (BAPTISTA; CAIADO, 2020).

Aproximando esse debate do contexto de sala de aula, esse local pode se tornar um ambiente improdutivo para o surdo, se o professor

não tiver conhecimentos acerca da realidade linguística. Por isso, se faz necessário que o docente busque por formação continuada para que, desse modo, consiga proporcionar, sempre que possível, aulas adequadas e acessíveis.

Lacerda e Santos (2014) elucidam algumas orientações para o professor de Surdo: 1) considerar que a construção de sentidos e a compreensão de mundo são diferentes quando comparadas aos estudantes ouvintes; 2) devido à falta de acessibilidade da maioria das mídias, contato com poucos sujeitos que interajam, explicar ou discutir acontecimentos da sociedade, pois é provável que encontrem estudantes com baixo nível de letramento; 3) não basta apresentar um vocabulário do conteúdo em Libras, é importante considerar a pedagogia visual, ou seja, adotar uma postura didática ao explorar todos os elementos imagéticos que um determinado assunto possua.

Essas instruções podem ser utilizadas no recente contexto pandêmico com o ensino remoto, visto que, nesse cenário, o uso das tecnologias digitais é imprescindível. Para Moreira e Schlemmer (2020), essa modalidade da educação:

[...] se configura, então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19. (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 8).

A interação entre professores e estudantes se concentra nas reuniões *on-line* (por exemplo, via *GoogleMeet*, *Zoom*, *Jetsie* outros), na troca de mensagens instantâneas no *WhatsApp* ou *Telegram*, e até mesmo em outra plataforma particular desenvolvida pela instituição de ensino.

No contexto do ensino para o surdo, é muito importante que a gestão da escola busque a parceira com os profissionais bilíngues (instrutor surdo, professor bilíngue e ou intérprete de Libras) e que haja

reuniões antes do início do semestre, para comunicar aos professores e até mesmo oferecer formações ou convidar profissionais habilitados para apresentarem orientações coerentes com a necessidade do surdo. Dessa forma, pode-se evitar situações embaraçosas (o professor descobrir que tem um surdo como aluno depois que o intérprete se apresenta na sala virtual), como também a desistência do próprio surdo em frequentar as aulas on-line.

Se não houver esse esclarecimento antes, haverá dificuldades no desenvolvimento do trabalho do professor e aprendizagem do surdo, conforme foi evidenciado por Silva *et al.* (2021) ao apresentar as dificuldades do ensino remoto para as diversas deficiências, no caso do surdo:

O aluno com surdez necessita de uma **adequação pedagógica** linguística, oferecida diretamente por um intérprete educacional, currículo adaptado, e tecnologias assistivas voltadas para exploração de uso visual [...]. Uma das maiores dificuldades na inclusão escolar destes alunos no ensino remoto se dá por questões metodológicas que muitas vezes não são adaptadas, e que erroneamente se acha que o intérprete educacional resolveria a questão comunicacional (SILVA et al., 2021, p. 12, grifo nosso).

Portanto, especificamente com os alunos surdos, para que as aulas possam funcionar devidamente, se faz necessário um trabalho em conjunto com: 1) a gestão, no sentido de acolher, incentivar a participação da família e conseguir administrativamente equipamentos que possam ser usados, 2) professor: em compreender a realidade linguística do surdo, explorar elementos imagéticos dos conteúdos, considerar a Libras, a identidade e cultura no planejamento e na avaliação, 3) intérprete: que precisa estar ciente do planejamento do professor, para pesquisar e estudar vocabulários específicos e, assim, desempenhar seu trabalho.

Sem falar da necessidade de utilizar os recursos e ferramentas digitais que vieram para auxiliar, de forma prática, o processo de ensino e aprendizagem, dentro e fora de sala de aula, pois a aquisição de competências digitais propicia um bom desempenho dos alunos de modo geral, contribuindo com um engajamento melhor nos seus estudos em casa, que não teve que se restringir somente em videoconferência, sendo que existem várias possibilidades de ferramentas que podem ser aplicadas, como apresentado no texto abaixo.

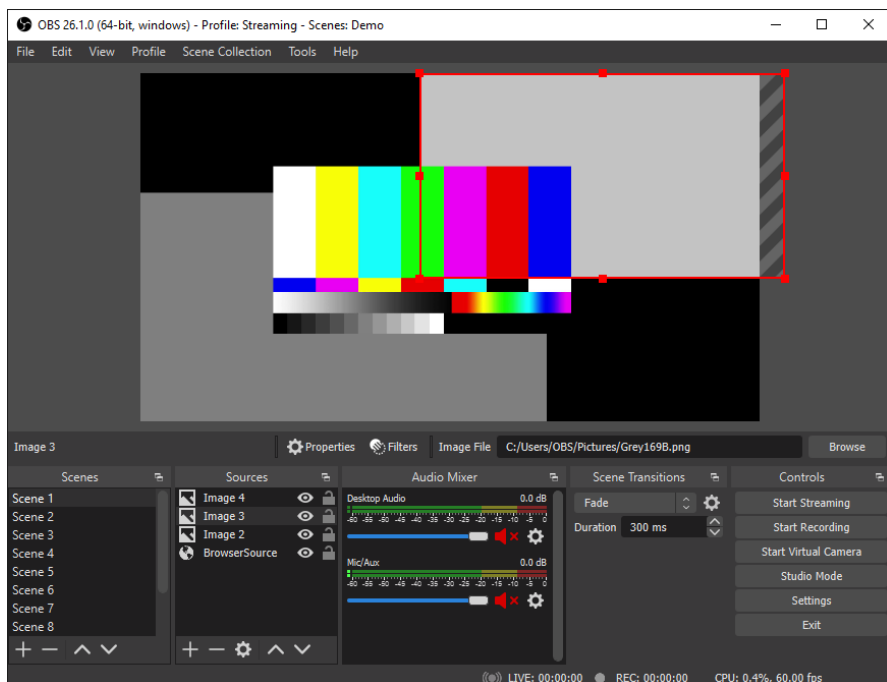
3.1. As ferramentas de utilização pedagógica: utilização para a Educação de Surdos no ensino remoto

Ferramentas interessantes foram desenvolvidas para *streamings* cada vez mais sofisticados nas redes e, com a chegada turbulenta da pandemia parando a escola, a busca por soluções no ensino remoto se tornou acelerada e diversas opções de usos e recursos normais nas redes sociais e *lives* se voltaram para a educação.

3.1.1. *Open Broadcaster Software* - OBS

Existe o programa OBS (*Open Broadcaster Software*), que serve para a transmissão em tempo real na internet, sendo mais comum no YouTube. O programa possui diversas formas de edição para a transmissão *on-line* e em tempo real, sendo possível exibir imagens ao fundo, mostrar sites que estão sendo acessados no momento, remover o fundo da webcam, interagir com o ambiente digital e sendo possível gravar tudo o que acontece na área central (figura 1).

Figura 1 - Interface do OBS



Fonte: Elaboração própria dos autores.

É aberto um leque de opções e criatividade para as aulas gravadas ou em tempo real. O programa fornece a possibilidade de explorar diversas formas de ensino e aprendizagem pelos alunos. As funcionalidades do programa são inúmeras.

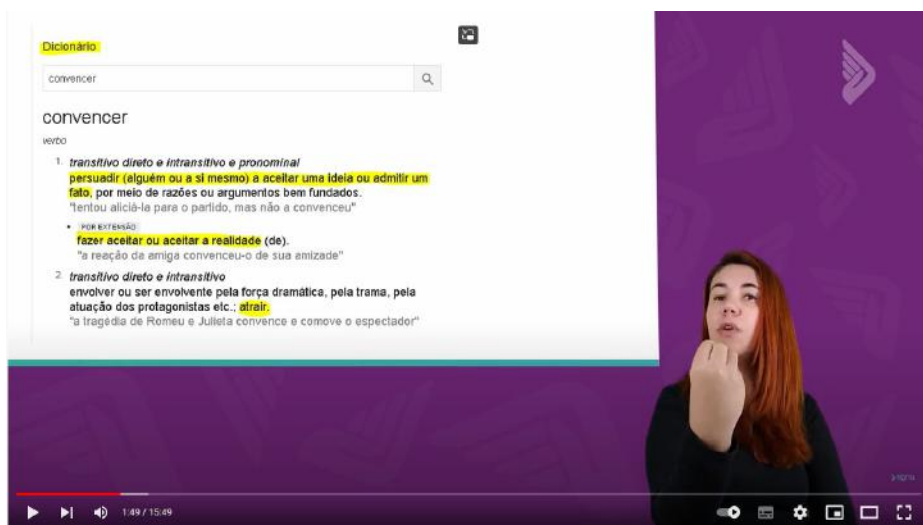
O programa fornece a captura e mistura de vídeo e áudio em tempo real com alto desempenho, utilizando as cenas ilimitadas as quais podem ser alternadas por meio de transições de imagens ou vídeos personalizadas sem interrupções.

Tem à disposição filtros para fontes, ou seja, de onde vem a gravação de vídeo, funcionalidades como máscara de imagem, correção de cor, fundo verde e muito mais.

No programa, podemos também controlar áudios e aplicar filtros, além de gravar seu próprio áudio na apresentação da aula ou preparação da aula.

Possui um painel de Configuração simplificado, para ajustar suas transmissões e gravações em tempo real. Possibilita também a criação de perfis diferenciados para cada situação de aula: em tempo real ou gravada.

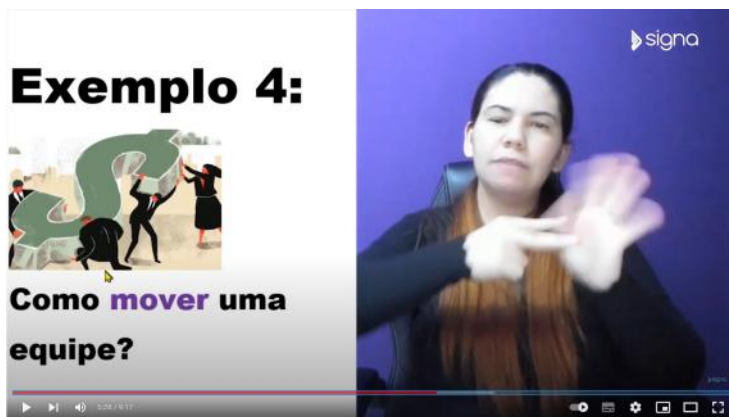
Figura 2 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 2, podemos ver uma configuração de ambiente feita no OBS. O espaço da lousa pode ser redimensionado e até mesmo a imagem da webcam pode ser redimensionada, deixando o professor com um tamanho maior, melhorando a visualização da sinalização. Na lousa, o conteúdo da aula foi criado em *Power Point* e transformado em imagens separadas e adequadas para a configuração no OBS.

Figura 3 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 3, podemos ver o *word* sendo utilizado em tempo real. O uso em tempo real pode ser transmitido em uma *Live* ou simplesmente gravado para um estudo na plataforma *Classroom*, do Google.

Figura 4 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

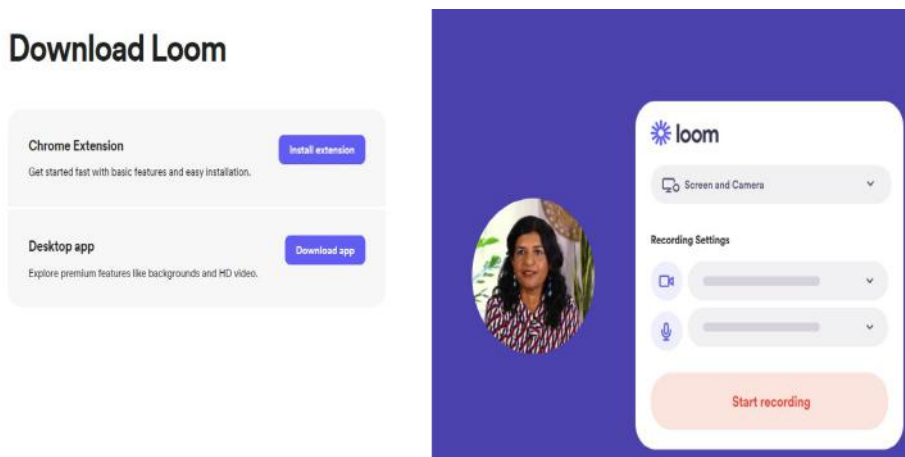
Na figura 4, podemos ver a professora bem no centro de uma página com resultados do google. Nesse tipo de configuração feita no OBS, o professor poderá navegar pelas páginas e ir apontando o conteúdo com o próprio dedo, interagindo com a página. Essa configuração de compartilhamento da tela do computador permite que o professor crie cenários e interaja nele.

São inúmeras as possibilidades com o uso do programa OBS. O programa é gratuito e existem inúmeros tutoriais de como utilizá-lo à disposição no YouTube, inclusive de configuração.

3.1.2. *Loom*

Outra opção para gravação de vídeo mais simplificada é por meio do programa *Loom*. Ele pode ser baixado no computador como um programa de gravação ou utilizado como uma ferramenta de extensão do navegador Google Chrome ou outros compatíveis.

Figura 5 - Print da página <https://loom.com>



Fonte: Loom (2022).

A interface dele já é preparada para uso compartilhando a tela do seu computador ao mesmo tempo que grava com a webcam. É possível mover o vídeo no espaço da tela que está sendo gravada, possibilitando uma melhor interação com o ambiente de aula.

O diferencial do *Loom* é que ele já disponibiliza o vídeo gravado em um link no próprio servidor, simplificando para o professor compartilhar o link com o aluno na rede. Há também a possibilidade de fazer *download* do vídeo. Há diversas formas de utilizar seus materiais de estudo no *Loom*.

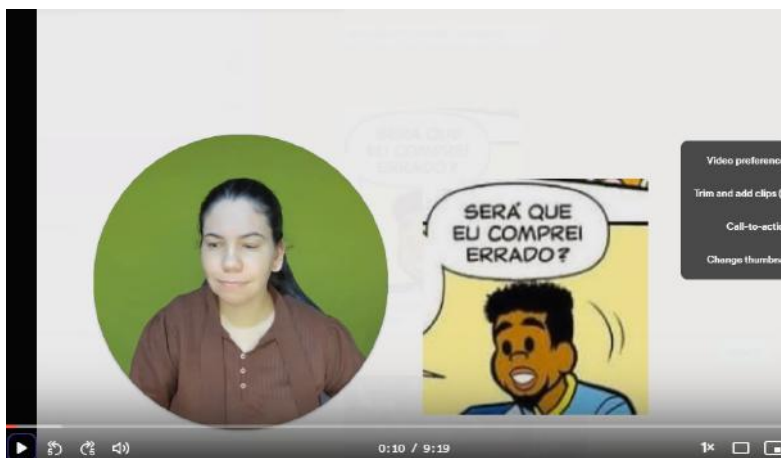
Figura 6 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 6, podemos ver a interação da professora com a imagem e escrita no *word*. Além do *word*, o *Loom* oferece canetas para que as palavras ou imagens sejam destacadas por alguns segundos.

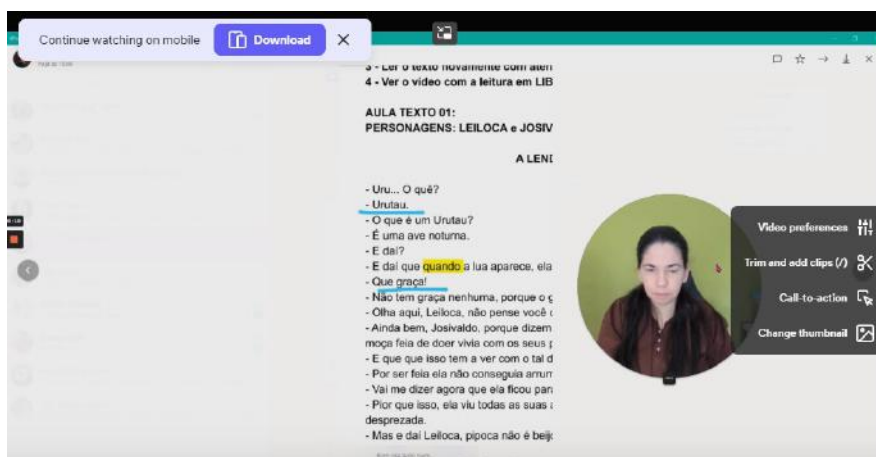
Figura 7 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 7, podemos ver a professora interagindo um recorte de quadrinhos para fazer a tradução ou ensino de significado de palavras.

Figura 8 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 8, a professora está tirando a dúvida pelo *WhatsApp Web* e interagindo com o texto.

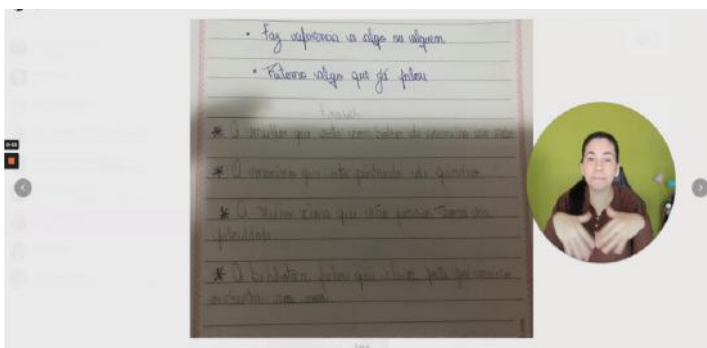
Figura 9 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 9, a professora está explicando como se utiliza um determinado site/programa na internet. No caso, o antigo dicionário de Libras da Acessibilidade Brasil.

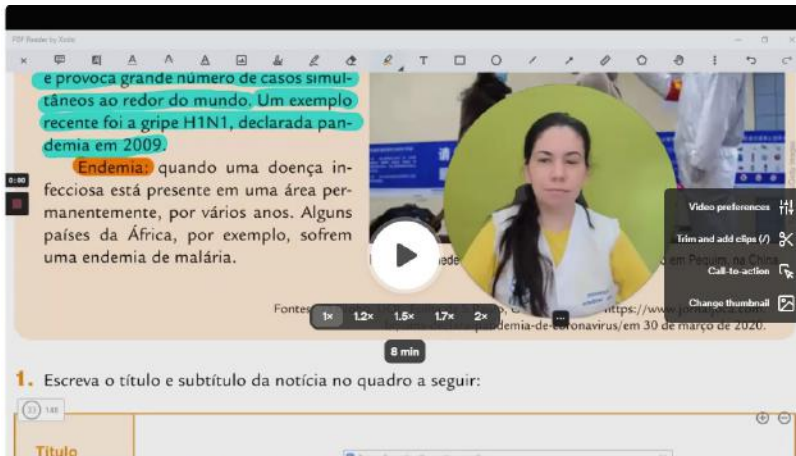
Figura 10 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 10, a professora faz a correção de uma imagem do caderno de uma aluna.

Figura 11 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 11, a professora explica um conteúdo de uma apostila em PDF. Como foi mostrado nas figuras acima, as possibilidades com o *Loom* são diversas e mais simplificadas. São apenas limitadas pelo espaço da webcam. Fora os vídeos gravados com o *Loom*, é possível fazer pequenas edições, como cortes e algumas interações, dentro do próprio site do *Loom*.

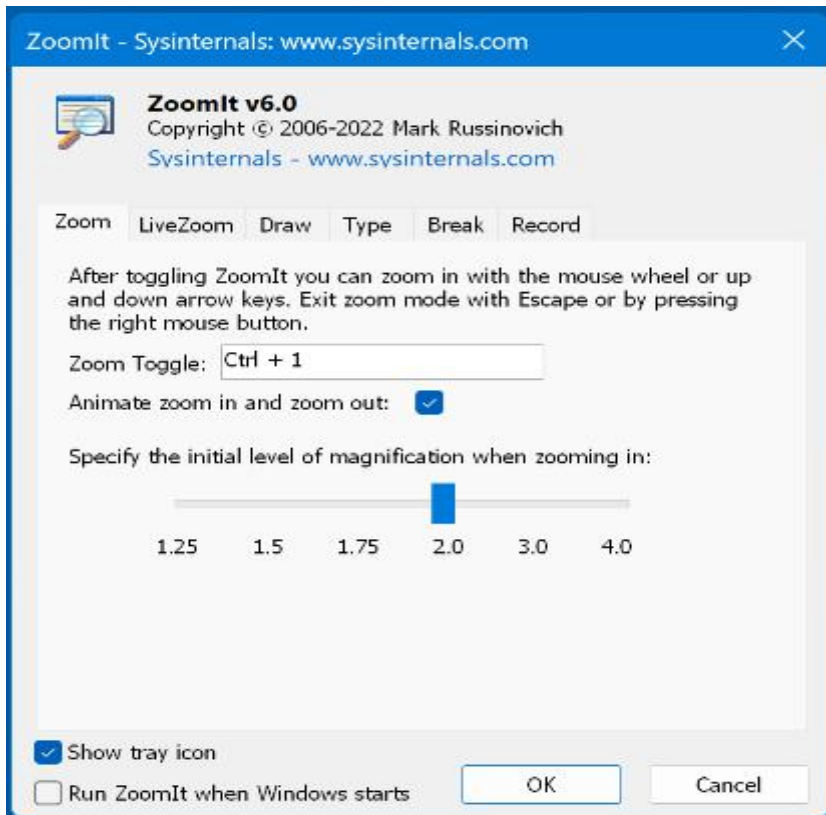
3.1.3. *ZoomIt*

O *ZoomIt* trata-se de uma ferramenta de *zoom* que possibilita anotação e gravação de tela em apresentações de aula, que incluem demonstrações ou interação com a tela. O *ZoomIt* é executado discretamente na bandeja do *windows* e se ativa com teclas de atalhos personalizáveis para ampliar uma área da tela, mover-se pela tela,

possibilitando desenhar, escrever e destacar na imagem ampliada. É uma ferramenta essencial combinada com a apresentação em tempo real ou gravada no OBS.

Figura 12 - Print do site

<https://docs.microsoft.com/pt-br/sysinternals/downloads/zoomit>



Fonte: Elaborada pela autora - Microsoft (2022).

A figura 12 mostra como é a aparência do programa e as abas personalizáveis. E para ativar a o uso dessa ferramenta durante a apresentação ou gravação da aula, podemos usar o atalho criado. Imediatamente, o programa entrará em ação em forma de *zoom* na tela ou

de caneta para o rabisco na tela que está em execução no momento que o programa foi acionado.

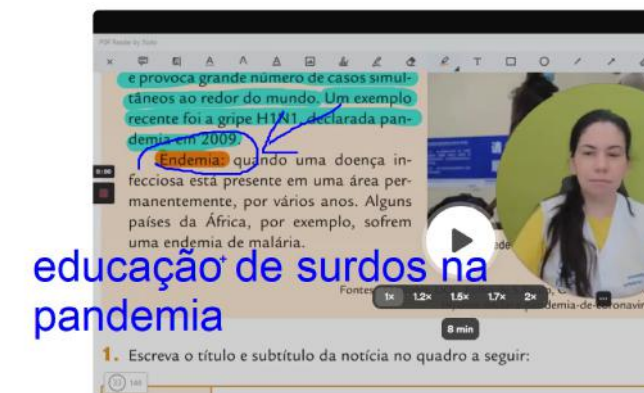
Figura 13 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

A figura 13 mostra a principal interação do *Zoom*. Usar as canetas coloridas para destaques durante a gravação com o OBS.

Figura 14 - Imagem de arquivo pessoal



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Na figura 14, podemos ver um *zoom* aplicado na videoaula, a palavra “endemia” destacada e uma escrita sobreposta “educação de

surdos na pandemia”. A interação com o *zoom* ajuda muito no destaque de palavras, imagens ou cenas relevantes à proposta da aula.

As ferramentas digitais são ideais para o ensino remoto, principalmente, durante a pandemia, pois é a modalidade de ensino mais praticada no momento para possibilitar a continuidade da aprendizagem, pois elas podem ser utilizadas em qualquer lugar, devido à praticidade, e proporcionam maior autonomia aos alunos, assim como facilitam o trabalho dos professores com materiais complementares.

Ressalta-se que as ferramentas digitais na educação podem ser consideradas materiais de apoio e recursos complementares para o processo de ensino e aprendizagem, pois auxiliam os professores e os alunos, contribuindo com um maior repertório de possibilidades de atividades e interações. Para isso, é necessário que os professores busquem qualificação para dominar os recursos, assim como também sua utilização com os alunos surdos no que tange à especificidade linguística que ajudem de fato os alunos surdos a desenvolverem habilidades digitais práticas, que podem ser aplicadas nas tarefas do cotidiano, dentro e fora da sala de aula, e permitem explorar o mundo por meio da comunicação e informação.

4. Considerações Finais

A tecnologia chegou nas salas de aula, mudando a realidade do ensino e aprendizagem, criando novas metodologias de ensino e a pandemia solidificou, além de proporcionar novas metodologias e possibilidades de ensino para todos.

No caso da Educação de Surdos, a tecnologia proporcionou um elemento a mais da criação de ferramentas, pois destaca-se mais o visual, possibilitando o “casamento” entre a metodologia de ensino visual com os recursos tecnológicos para os alunos surdos. Assim, foi possível perceber as várias possibilidades no campo visual no ensino e aprendizagem de alunos surdos.

A necessidade durante o período da pandemia abriu muitas portas para o desenvolvimento de práticas pedagógicas no ambiente virtual proporcionado no ensino remoto em uma perspectiva bilíngue e até mesmo na criação de vídeos e/ou tradução em Libras para a exposição no ensino presencial.

Reforçamos que a gestão da escola e, principalmente, os professores, precisam manter uma parceria com os profissionais bilíngues para que, assim, seja possível desenvolver um trabalho docente que atende à necessidade do surdo. Isso se torna mais crucial no ensino remoto, já que as interações acontecem em salas virtuais, nas quais nenhuma das partes que participam desse processo educativo têm contato físico, como anteriormente existia.

Manter a educação escolar por meio do ensino remoto é um desafio grandioso, sobretudo devido às diferenças predominantes nas escolas públicas e privadas no que se refere ao acesso às tecnologias digitais, conexão com a internet e ambiente adequado para se estudar, bem como as condições financeiras que variam e delimitam como a aprendizagem vai acontecer.

Na Educação do Surdo, as dificuldades podem ultrapassar o material, alcançando a comunicação, pois existem escolas que, provavelmente, não têm sequer um profissional bilíngue para acompanhar o estudante em questão, o impedindo de vivenciar o ambiente virtual das aulas. Os entraves são muitos, mas ainda estamos aprendendo, a cada dia, a lidar com as mudanças da sociedade e o impacto disso na escola.

Referências

BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M. **Prática pedagógica na educação: multiplicidade do atendimento educacional especializado**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2020.

DIAS, G. A.; CAVALCANTI, R. A. As tecnologias da informação e suas implicações para a educação escolar: uma conexão em sala de aula. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Campina Grande, v. 1, ed. especial, p. 160-167, 2016. DOI: <http://doi.org/10.24219/rpi.v1iEsp.80>. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/80>. Acesso em: 2 fev. 2023.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação do professorado**: uma mudança necessária. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. *In*: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; CAETANO, J. F. (Orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução a Libras e a educação dos surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 185-200.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 1-35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 2 fev. 2023.

QUADROS, R. M. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

SILVA, R. S. *et al.* Acessibilidade digital em tempos de ensino remoto. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 4, p. 28-34, 2021. DOI: <http://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14966>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14966>. Acesso em: 2 fev. 2023.

VERCELLI, L. C. A. Aulas remotas em tempos de Covid-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26843/v13.n2.2020.932.p47-60>. Disponível

em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/932>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SITES DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

PORTUGUÊS COM LIBRAS. [S. l.: s. n.], 2022. Canal do YouTube - Português com Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Portuguescomlibras>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ZOOMILT - SYSINTERNAL. **Microsoft**, [s. l.], 30 ago. 2022. Disponível em: <https://docs.microsoft.com/pt-br/sysinternals/downloads/zoomit>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LOOM. **Loom**, [s. l.], 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.loom.com/home>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CAPÍTULO 7:

FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE EM EaD EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Marisa Dias Lima¹

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU em parceria com as 5 IES, contribuiu para a construção de práticas pedagógicas no contexto do Ensino Bilíngue aos alunos surdos pelos cursistas no formato do ensino remoto. Para tal, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, com o uso de questionários respondidos por cursistas de duas edições (1ª edição com 914 cursistas e a 2ª edição com 548 cursistas). Esse curso, oferecido na modalidade de Educação a Distância, teve início em outubro de 2020 e encerrou-se na 2ª edição, em março de 2022. Nesse sentido, a referida formação auxiliou no desenvolvimento de habilidades e competências para interligar o uso de ferramentas tecnológicas com o planejamento pedagógico e oferecimento de conteúdos nas aulas por meio do ensino remoto, além de formar os docentes na perspectiva da educação de ensino bilíngue com os alunos surdos, possibilitando o repensar da prática pedagógica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marisali-ma@ufu.br

1. Introdução

Um dos desafios da escola na sociedade contemporânea é a escolarização de alunos com deficiência, ainda mais alunos surdos, devido à especificidade linguística que os distingue dos demais. Apesar de possuímos um vasto aparato legal (BRASIL, 1996, 2008, 2015, 2020, entre outros), essa questão ainda se apresenta complexa no cotidiano escolar. Tal situação se agravou em 2020, com a pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19)², na qual a escola precisou repensar seus processos educacionais e suas práticas pedagógicas, principalmente, porque as aulas passaram a ser oferecidas de forma remota. De acordo com Costa e Sousa (2020, p. 132), “[...] o ensino remoto, por sua vez, pode surgir a partir de adaptações e traduções pedagógicas. Esse tipo de trabalho não necessariamente é realizado por equipes especializadas na modalidade a distância”.

Nesse contexto, a formação continuada docente, para atender às demandas da política de Educação de Surdos, também teve que se reconstituir. Mesmo capacitações no formato de Educação a Distância (EaD) necessitaram revisar e elaborar novas práticas que contemplassem o contexto que a sociedade se encontra, focar-se na prática de ensino na formação, não em discussão e reflexão teórica, devido ao contexto atípico em que se encontram os professores.

Nas últimas décadas, a Educação dos Surdos tem se voltado para uma proposta atual, que é de ensino na perspectiva da Educação Inclusiva, que preconiza que todos os sujeitos com deficiência, inclusive os surdos, possam usufruir de uma escola de qualidade com suportes adequados para a sua escolarização, permitindo a esses indivíduos o acesso às escolas regulares e possibilitando o combate das atitudes discriminatórias e a construção de uma sociedade inclusiva.

² Para mais informações, acessar o site do Ministério da Saúde, disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2022.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) orienta os sistemas de ensino a darem respostas adequadas às necessidades dos alunos com deficiência. A inclusão escolar pressupõe que não só o acesso, mas a permanência, a participação e a aprendizagem dos educandos sejam garantidas. A proposta da Educação Inclusiva não se restringe apenas aos alunos, mas constitui-se como a forma de pensar e agir da escola de maneira a garantir os suportes necessários para o processo de ensino aprendizagem de todos. Nesse tempo, houve um longo período de movimento surdo defendendo a Educação Bilíngue, sendo que, recentemente, essa reivindicação foi decretada como Política Pública de Educação, sendo inserida na LDB a Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino sancionada pela Lei 14.191/2021.

Retomando ao contexto da crise que se instalou devido à pandemia, as escolas se viram em uma situação em que foi preciso repensar a sua organização e, ao mesmo tempo, em que os alunos tiveram que se adaptar ao ensino remoto, os docentes tiveram que readequar o seu trabalho de forma a atender as demandas atuais. Muitas vezes, sem familiaridade suficiente com os recursos tecnológicos e estratégias pedagógicas utilizados na EaD, os professores da Educação Básica tiveram que se apropriar das ferramentas e metodologias por conta própria. De acordo com Ferreira e Barbosa (2020), a atividade profissional docente teve que se modificar na migração para o ensino remoto, com o desenvolvimento de habilidades específicas para criação de conteúdos, edições de vídeo e orientações claras para o estudo.

Com isso, vieram à tona muitos dos problemas relacionados à Educação de Surdos, já conhecidos e que, agora, obrigatoriamente, devem ser enfrentados, como a falta de capacitação dos docentes com a Libras sem contar com o profissional tradutor intérprete de Libras nas salas de aula, assim como a falta de proximidade de muitos docentes com a utilização dos recursos tecnológicos digitais na prática profissional. Mais do que inserir as tecnologias no dia a dia, diversos gestores e professores estão precisando aprender ou aprofundar seus conhecimentos sobre o

bom uso pedagógico desses recursos, sem falar das referências de seu uso para com os alunos surdos, tais como os jogos, visualização de tela para sinalização, gravação em Libras. “Nesse sentido, estratégias têm sido implementadas a fim de dar suporte a esses docentes, de modo que se sintam mais confortáveis a seguirem com suas atividades de modo remoto.” (MACHIAVELLI; CAVALCANTE, 2020, p. 2).

Nesse sentido, torna-se relevante verificar o que as formações continuadas estão oferecendo aos professores e demais profissionais da Educação, mais especificamente sobre ensino remoto aos alunos surdos. Tomamos como foco o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com 5 IES, o qual foi ofertado pelo CEAD-MOODLE-UFU³ para professores de todo o território do Brasil. Isto posto com o objetivo de analisar as contribuições da referida formação, a partir da perspectiva dos cursistas (que são docentes tanto da rede privada quanto pública, de diferentes regiões do Brasil) na sua prática pedagógica no contexto da Educação de Surdos (Educação Inclusiva e Educação Bilíngue) em tempos de pandemia.

2. Educação de surdos e ensino remoto

Os sistemas educacionais que atuam na Educação de Surdos, atualmente, na perspectiva de Educação Inclusiva e Educação Bilíngue, devem assegurar recursos, estratégias e serviços diferenciados e alternativos para atender às especificidades educacionais dos alunos surdos, tanto no uso linguístico quanto na valorização da identidade e cultura surdas. Dessa forma, no ensino remoto, foi preciso que essas ações fossem reconstruídas, passando a usar com mais intensidade, nas aulas, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que consistem em um diversificado conjunto de recursos tecnológicos, tais

³ Centro de Educação a Distância – CeAD da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

como: computadores, internet e ferramentas que compõem o ambiente virtual, tais como chats e correio eletrônico; fotografia e vídeo digital; TV e rádio digital; telefonia móvel; *wifi*; *websites e homepages*, ambiente virtual de aprendizagem para o ensino a distância; entre outros (TEIXEIRA, 2010).

Na conjuntura do distanciamento social causado pela pandemia, as diversas esferas da sociedade tiveram de se reinventar ou até mesmo parar seus serviços. A educação presencial foi uma dessas esferas e, buscando minimizar os efeitos que poderiam vir da não retomada de quaisquer tipos de atividades, foi adotado o ensino remoto.

Por um lado, assumimos que o ensino remoto não equivale ao ensino presencial, seja pelas precárias condições de vida dos professores, alunos e seus familiares, de acesso, de realização das atividades no ambiente doméstico, de ajustes às especificidades e às singularidades de cada aluno, no caso dos surdos, o uso linguístico da Libras, bem como pelo limite que a ferramenta tecnológica impõe sobre as formas de interação e mediação pedagógica com pares surdos, propiciando, assim, um ambiente linguístico que viabiliza o desenvolvimento destes.

[...] por outro lado, em exercícios de reflexões, ainda sem um distanciamento e na esperança de perspectivar projetos, tendo em vista o período de excepcionalidade, podemos considerar que as estratégias de ensino remoto podem abrir possibilidades de vislumbrar futuro. De certa forma, o ensino remoto viabiliza a presença da escola na vida dos alunos, mantém a memória da vivência presencial nesse espaço, atualizando as relações já estabelecidas. Cria um elo, mesmo que frágil, entre o aluno e a escola, o que reitera a ideia dela como instituição, por excelência, mediadora dos processos de humanização. (SOUZA; DAINEZ, 2020, p. 11).

Shimazaki, Menegassi e Fellini (2020, p. 2) ressaltam que as medidas do ensino remoto, de maneira geral, ignoraram questões “[...] como a

situação de vulnerabilidade socioeconômica, linguística, física e cognitiva dos alunos.”. Quando tais condições foram ignoradas, a situação de alunos surdos que necessitam de um trabalho específico ou direcionado agravou-se porque a diversidade do aprendizado foi ignorada.

Tornou-se desafiante para a escola pensar em práticas diversas que possam contemplar todos os alunos dentro do que é a proposta de inclusão escolar, sem perder de vista o cenário em que estávamos imersos. A respeito disso, Zordam e Almeida (2020) dizem que é necessário analisar em que sentido ou de quais maneiras a atividade educacional se relaciona com a vida, o que nos traz a preocupação sobre o que tem e de que forma tem chegado aos nossos educandos, sabendo que, em muitos casos, não há nenhum tipo de acesso garantido. Desse modo, há necessidade de refletir acerca da formação continuada ofertada aos professores, uma vez que o que tem sido oferecido aos docentes trará implicações diretas ao que é disponibilizado aos estudantes.

No entanto, não há de se investir somente em formações que tenham por tema o uso de TICs de forma paralela aos outros assuntos/contextos, mas todas as formações continuadas precisam estar atualizadas e contextualizar o ensino que oferecem, dando base para o professor repensar sua prática pedagógica e ser capaz de relacioná-la com a sua realidade, interligando-se na perspectiva de ensino bilíngue.

3. A formação continuada em educação de surdos em perspectiva inclusiva e/ou bilíngue em tempos de pandemia

A chegada da pandemia da COVID-19 trouxe um novo olhar para a Educação e, com isso, os cursos de formação docente precisaram repensar a sua estrutura, de modo a contemplar, conforme Garofalo (2020), ferramentas de colaboração, como videoconferências e aplicativos de mensagens instantâneas, e ferramentas de interação, como fóruns e e-mails, porque, uma vez que as formações continuadas

implementam o uso de tais ferramentas, que eram comuns na EaD, ensinam os professores a utilizá-las, o que atribui a esses cursos maior responsabilidade nesse período de ensino remoto. Na medida em que esse período pandêmico se estende, aumenta, por exemplo, a importância do uso de diferentes recursos tecnológicos com a finalidade de oferecer aos alunos um ensino claro, coeso e dinâmico, que atenda às exigências do momento.

Os professores veem-se no desafio de reinventar suas práticas, distanciando-se de metodologias do ensino presencial, que, inicialmente, foram completamente adotadas remotamente, para novas práticas que contemplem uma dinâmica mais próxima da EaD e maior relação entre professor e aluno, sem intermediação de terceira pessoa, no que tange à acessibilidade linguística dos surdos por meio da Libras.

Segundo Tozetto (2017, p. 24.543),

[...] para que realmente se efetive uma formação continuada dos docentes que atuam com os alunos surdos que os considere como sujeitos históricos, sociais, políticos e culturais, é preciso que esta se dê num movimento dialético de construção e de reconstrução da cultura e do conhecimento.

Logo, as formações continuadas para docentes precisam considerar o contexto em que estão inseridas, promovendo diálogo com a realidade, de maneira a rever e reavaliar quais medidas têm sido significativas, para que os professores elaborem práticas pedagógicas que contemplem as demandas do momento. Esse movimento deve se dar ao longo do percurso formativo, possibilitando a construção e reconstrução dos saberes, de maneira que sejam aplicáveis e efetivos.

Devido à pandemia, mesmo os cursos na modalidade EaD precisaram repensar sua estrutura de organização e funcionamento, visto que tanto os docentes do curso quanto os cursistas estavam imersos no contexto em que se encontrava a sociedade: de distanciamento social. E, por compreender essa realidade, o “Curso de aperfeiçoamento em

Educação de Surdos em tempos de pandemia”, para professores da Educação Básica que reside em toda a região do Brasil, oferecido até a segunda edição pelo CEAD-MOODLE-UFU na modalidade EaD, com início em novembro de 2020 a Janeiro de 2021, na 1ª edição com carga horária total de 90h e 2ª edição com início de outubro de 2021 a Março de 2022, com carga horária total de 180h, teve que sofrer modificações na organização e oferta de seus conteúdos, como forma de atender às exigências e necessidades do momento. O curso lida com professores que tiveram suas casas divididas em espaço familiar e espaço de trabalho, mães e pais que tiveram que lidar com o ensino dos próprios filhos em meio a muitas outras demandas, como a saúde de familiares idosos, o aprendizado do uso da tecnologia como ferramenta de trabalho, entre outros fatores. Para tanto, o “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” implementou 11 (onze) videoaulas gravadas sobre as diversas temáticas discutidas e relacionadas ao período pandêmico. Também houve a inserção de vídeos informativos compreendendo que a dinâmica das famílias foi alterada, auxiliando na “leitura” do material, vídeos sobre os conteúdos e vídeos com mensagens de motivação, estes com o objetivo de buscar proximidade com os cursistas. Também foram feitas reuniões *on-line* a cada etapa do curso, tanto com a equipe quanto com os cursistas, para dinamizar a aprendizagem e promover o contato entre todos, além de buscar retorno sobre o resultado das modificações. O calendário de prazos de entrega de atividades foi flexibilizado e ocorreram mudanças nas propostas das atividades das aulas e, no fim, todos conseguiram concluir com êxito, apesar dos empecilhos que tiveram no decorrer do curso, como se ver em relatos abaixo por meio de formulário de questionário aos cursistas coletados:

- “Como havia falado, como fiquei doente (COVID) e não pude acompanhar como deveria, diria que foi satisfatório, mas poderia ser melhor.”

- “Poderia ter me dedicado muito mais, porém, em final de ano, início de férias, ficou bem puxado.”
- “O curso surgiu em um momento de professores esgotados mentalmente...recesso escolar ... acredito que, diante disso, os prazos para realizar as atividades foram poucos.”

Todas essas modificações sugeridas, aplicadas, avaliadas e reavaliadas nos fazem perceber que a Educação tem relação direta com as questões cotidianas. Por consequência, percebemos que a EaD necessitou de uma nova organização de acompanhamento da equipe, nova organização metodológica no que tange às atividades e a formação continuada precisou revisar o currículo, objetivando oferecer uma base que atendesse às necessidades do professor nesse período. Cabe, agora, analisar como tais modificações auxiliaram diretamente os cursistas nessa nova etapa pela qual a educação passou, que foi o ensino remoto.

4. Metodologia

O estudo consistiu em uma pesquisa de matriz qualitativa, que compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, as quais visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (GATTI; ANDRÉ, 2011). Para investigar as contribuições do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” na prática docente no ensino remoto com os alunos surdos, utilizaram-se questionários que, de acordo com Gil (1999), têm por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Optou-se pelo desenvolvimento de um questionário *on-line* na plataforma do Google Formulário⁴, o curso da 1ª edição possui 1500 cursistas matriculados, porém, apenas 914 responderam ao questionário. A 2ª edição possui 1000 cursistas matriculados e foram respondidos

⁴ Ferramenta de coleta de respostas, utilizada para pesquisas, avaliações etc.

somente 548 cursistas. Para tal, foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido pela própria plataforma do curso, contendo um convite para participação e proposta da pesquisa.

Na primeira edição, em janeiro de 2021, foi enviado o link com o questionário *on-line*, composto por 6 categorias com o total de 34 questões fechadas e 1 questão aberta de cada categoria para feedback, sendo que o mesmo foi feito no final da 2ª edição, que ocorreu em março de 2022. As questões foram elaboradas com o objetivo de conhecer o perfil pessoal e profissional dos cursistas, organização do curso, conteúdo e equipe envolvida e as contribuições dessa formação na elaboração de aulas remotas para o Ensino Básico. Todos os registros recolhidos não pediram a identificação do cursista, sendo tratados eticamente. A partir das informações coletadas no questionário e dos referenciais teóricos sobre a temática da Educação de Surdos, formação de professores e aulas remotas, foi realizada a análise dos dados por meio da categorização das perguntas e respostas.

No presente artigo, fizemos um recorte da análise para contemplar os objetivos propostos, de forma a compreender, pela visão do próprio cursista, como o curso contribuiu para a construção de aulas remotas para turmas com alunos surdos. Vale enfatizar que o curso é sobre a temática da Educação dos Surdos em uma perspectiva de ensino bilíngue, ou seja, trabalha diversos aspectos dessa área de estudo, ampliando, assim, o conhecimento pedagógico dos cursistas na Educação de Surdos.

5. Perfis dos cursistas

Para entendermos o perfil do alunado do “Curso de aperfeiçoamento de Educação de Surdos em tempos de pandemia”, foram feitas algumas perguntas sobre isso. Sendo assim, na 1ª edição, o questionário foi respondido por 914 cursistas, no qual 790 se declaram sendo do sexo feminino e 124 do sexo masculino, que é a minoria de

público matriculado nesse curso. O mesmo acontece na 2ª edição, que apresenta estimativas aproximadas, na qual 14,22% declaram ser do sexo masculino, que é um número extremamente baixo comparando-se com os 85,78% que se declaram ser do sexo feminino.

Ainda seguindo na formação dos cursistas, o questionário nos mostrou que a grande maioria aqui representada compõe o corpo docente da Educação Infantil e das séries iniciais, estando diretamente ligada à área de humanas, enquanto os demais cursistas atuam nas disciplinas específicas das suas respectivas áreas de formação ou até mesmo no que tange à multidisciplinaridade.

Ao indagarmos sobre o segmento de interesse dos cursistas de fazer o curso, tivemos uma variedade de respostas e isso se deu devido à atuação dos cursistas em diferentes segmentos.

- “pandemia; necessidade de melhorar minha prática pedagógica; conhecimento.”
- “Primeiro, por trabalhar na sala de AEE. Segundo, por conhecer a comunidade surda. Porque posso vir a ter um aluno surdo em minha sala, aí preciso saber trabalhar com ele.”
- “1) interesse em melhorar minha prática; 2) aprender com novas ideias; 3) conhecer a realidade de outras escolas.”
- “Melhoria na minha prática docente; utilizar bem o meu tempo disponível; contribuir para uma Educação Inclusiva.”
- “1- Cursos a distância me facilitam a organizar meus próprios horários de estudos; 2- Gratuidade; 3- Temática essencial para o bom desenvolvimento do ensino remoto.”
- “1- Adquirir conhecimento; 2- Aprender novas tecnologias para auxiliar nas aulas on-line e presencial; 3- Interagir com outros professores para troca de experiências na Educação de Surdos.”

Nas questões acima, percebe-se que a maioria dos cursistas revela que tem buscado a formação para obter o aprimoramento dos conhecimentos e de sua prática pedagógica no que se refere ao ensino remoto, que era um campo de desconhecimento dos professores durante toda a sua atuação na Educação Básica.

6. Contribuições do curso de educação de surdos em tempos de pandemia na construção de aulas remotas

Para analisarmos as contribuições do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” na prática pedagógica dos cursistas, precisamos entender o contexto em que eles estão inseridos em relação ao uso da tecnologia e da EaD. Com isso, verificamos a facilidade que o ambiente do curso da modalidade EaD promovia aos alunos, 77% dos cursistas da 1ª edição responderam ótima com um aumento na 2ª edição, na qual 80% dos cursistas disseram que ter sido ótima no que se refere à facilidade de utilização do curso EaD, pois, no período da 2ª edição, os professores já estavam mais habituados com o uso de tecnologias, devido ao ensino remoto que já se arrastava em longo tempo que ocorreu o curso. Sendo assim, no geral, percebemos que um grande número teve facilidade com a plataforma do curso e, a partir de suas experiências, fica mais fácil transpor esse conhecimento para o ensino remoto, sendo que alguns tiveram dificuldades, mas logo foram sanadas com vários suportes no decorrer do curso, conforme se vê nos comentários abaixo dos cursistas:

- “Achei tudo excelente e de qualidade.”
- “Essencial para o momento em que estamos vivendo.”
- “Como eu já participei de outros cursos com esse tipo de plataforma, não tive dificuldades para me familiarizar com ela e cumprir com as atividades propostas pelo curso.”

- “Tudo foi muito bem pensado, estudado e elaborado. Só tenho o que agradecer pela rica oportunidade.”
- “Gostaria de ter tido algum contato ao vivo, entre todos.”
- “Usar outra plataforma que seja possível o uso do aumento da velocidade do vídeo.”
- “Excelente! O ambiente é de fácil navegação, você tem acesso às suas notas e pode acompanhar sua evolução. A tutora é uma profissional prestativa, compreensiva e muito responsável.”
- “Confesso que, no início, tive um pouco de dúvida, mas logo consegui entender, devido ao fácil acesso.”
- “Adorei essa interação com os colegas e com o tutor, eram flexíveis e ajudavam sempre que possível em nossas dúvidas.”
- “No início do curso, tive dificuldades para acessar a plataforma, por falta de domínio das tecnologias, mas, com a ajuda da tutora, que enviou pelo whatsapp o link direto da plataforma, ficou tudo resolvido, pois salvei a senha e, a partir daí, foi só sucesso.”

Nas palavras de Soares e Santos (2013, p. 310), “[...] a integração ao mundo tecnológico, midiático e informacional impõe-se como uma exigência quase universal [...] o acesso aos artefatos tecnológicos [...] é, ao mesmo tempo, uma exigência e um direito daqueles que praticam a educação.”.

Apesar de perceber que a maioria dos cursistas tem conhecimento e utiliza recursos da tecnologia no seu cotidiano, é preciso entender o funcionamento dessas ferramentas para inseri-las na prática pedagógica. Apenas saber usar não é suficiente para utilizar esses recursos como mediadores do aprendizado. Como apontado por Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), a tecnologia não é uma saída mágica – ela é apenas um “ingrediente” preciso nos esforços de uma reforma educacional.

A nova exigência educacional acabou nos fazendo conceber o ensino remoto como possível, apesar do cenário carente em que se encontrávamos. Para além disso, a vontade de ensinar aos alunos surdos e compartilhar suas experiências docentes é algo muito visível no “Curso de formação em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, por meio da participação assídua nas trocas de experiências e conhecimentos nos fóruns, nos encontros síncronos, nos materiais em vídeos etc.

No contexto dessa formação, quase todos os cursistas matriculados lecionavam suas aulas de forma remota. Já com relação ao simples fato de estarem matriculados em um curso na modalidade EaD, foi perguntado aos cursistas se as videoaulas do Módulo 2 – “Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação Bilíngue de surdos” os auxiliaram na produção de atividades remotas em suas respectivas aulas remotas, 83% da 1ª edição responderam que foram ótimos e o mesmo foi dito na 2ª edição, com 88%. Contudo, ao iniciarem as atividades, os cursistas afirmaram que o curso auxiliou no conhecimento e utilização das ferramentas digitais, pois aprenderam a usá-las, e quando a pandemia se instalou, decretando o distanciamento social, já haviam desenvolvido certas habilidades para continuarem ministrando suas aulas de forma remota, como podemos verificar nos relatos dos cursistas a seguir:

- “O curso me ajuda a entender e a atuar dentro da realidade dos meus alunos.”
- “As vídeoaula e formas de estratégias trabalhadas pelos professores foram ricas em informações e contribuíram muito para meu aprendizado.”
- “Excelentes!!! Fiquei encantada com a riqueza de conteúdo e clareza nas explicações em Libras.”
- “Letramento/alfabetização foi muito bem esclarecido com atividades oportunas para o atual período que estamos passando.”

- “Módulo incrível, o qual aborda vários assuntos, como: atentar para a emoção, conhecer o aluno, suas características, suas experiências, focar na Libras e na visualidade, estimular a leitura por meio de histórias, confecção de materiais.”
- “Esse módulo foi muito prático, teve bastante informações práticas que ilustraram muito bem as discussões do módulo 1. Esse módulo colocou à disposição de cada cursista uma gama de metodologias e estratégias úteis nesse momento de aulas remotas.”
- “Nesse módulo, foram surpreendentes a qualidade e a quantidade de dicas e reflexões dentro da prática no planejamento e nas metodologias/ferramentas que podem ser usadas no contexto da Educação Bilíngue.”
- “Práticas para pensarmos na Educação de Surdos no contexto remoto. Sendo que foi muito interessante ver diferentes práticas e estratégias usadas no período de pandemia.”
- “Cada vídeo aqui assistido nos fez entender como devemos agir diante desse momento que estamos vivendo e como trabalharmos nas aulas remotas. Fico grata por casa momento aqui vivido, momento esse que enriqueceu o meu aprendizado.”
- “Contribuiu muito, pois tenho adicionado as aprendizagens que adquiero no curso ao meu trabalho e as experiências do meu trabalho ao curso.”

O que se verifica a partir das respostas é que tem sido muito positivo para os cursistas estarem em um curso no formato EaD durante a pandemia, pois, com a obrigatoriedade das aulas remotas, tiveram melhores suportes em trabalhar com os conteúdos interligados com as ferramentas digitais apresentadas pelos professores ministrantes do curso, que possuíam experiência de ensino remoto com os alunos surdos. Assim sendo, percebemos o quanto o curso, quando proporciona a utilização

de diferentes recursos, contribui para alterações positivas nas práticas pedagógicas. A readaptação da realidade da sala de aula física para a sala de aula virtual trouxe mudanças significativas na forma de ensinar e de se comunicar. Segundo Kenski (2004):

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso. (KENSKI, 2004, p. 67).

Retomando aqui a percepção dos cursistas sobre se os conteúdos ofertados no curso auxiliaram na prática docente, eles responderam que conseguiram vislumbrar possibilidades de aprimoramento e mudanças na sua forma de ensinar. Para Redig, Mascaro e Dutra (2017, p. 38), “[...] a formação de professores deve ser dialógica, por meio de percursos formativos, de maneira que a relação teoria e prática fique evidente ao futuro docente.”. Seguindo esses preceitos, podemos observar, nos relatos dos cursistas, que o curso alcançou esse objetivo:

- “No meu entendimento, o fórum também exige leitura e reflexões. Entretanto, não significa que vá ter o mesmo peso de atividades que apresentam produção textual individual e sintática, porém houve uma dissonância significativa entre o peso do fórum para com o envio de arquivo.”
- “As avaliações nos levaram a refletir sobre a nossa prática pedagógica diária, ou seja, nossa experiência. Sabemos que temos que nos munir de conhecimento para agregarmos valores ao nosso ofício de professora de aluno surdo ou não.”
- “Bastante satisfatório, superou minhas expectativas. Imaginei que, nesse curso, aprenderíamos como analisar, estabelecer e

traçar caminhos para os processos educativo do sujeito surdo. Mas ele foi muito além disso.”

- “Os conteúdos abordados me fizeram refletir sobre a minha prática pedagógica.”
- “Serviram como orientação para o atendimento aos alunos.”
- “Expandiram a minha compreensão sobre suportes relacionados ao exercício do magistério.”
- “O conteúdo e forma de abordagem auxiliaram tanto nos alunos com deficiência como os demais.”
- “A aprendizagem que venho adquirindo nesse curso me fez despertar para uma prática mais consciente com o aluno da sala de recursos; propor ações do cotidiano do aluno.”

Considerando a real importância em aplicar com clareza o conhecimento, bem como propiciar o sucesso profissional e o desempenho significativo dos cursistas, tanto na 1ª quanto na 2ª edição, 90% afirmaram que os seus desempenhos no curso foram satisfatórios no que tange à utilização de recursos e as práticas pedagógicas sugeridas têm feito a diferença no planejamento das aulas remotas. É fundamental o uso desses recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem e, por isso, o curso de aperfeiçoamento precisou considerar essa questão ao oferecer diferentes estratégias para que o cursista vislumbrasse possibilidades na sua prática. Segundo Fiori e Goi (2020, p. 235), “[...] na ambiência educacional, não se considera mais a ideia de educar sem a intervenção tecnológica.”

Quanto às respostas dos cursistas sobre como o curso procurou compartilhar as experiências e estratégias mais próximas da realidade vivenciada pelos professores em ensino remoto com usos tecnológicos, ampliando suas possibilidades de exercer a docência, encontramos:

- “Agregou muitos conhecimentos, os quais nunca encontrei em outros lugares. Os conteúdos foram incríveis!!! Contri-

buiu com a minha inacabada formação profissional em prol da Educação Bilíngue para Surdos! Parabéns aos responsáveis!!!”

- “Enquanto mãe de aluna surda, fiquei realizada e agradecida pelos conteúdos disponibilizados, vivemos momentos difíceis, de muito aprendizado, adorei esse curso, que venham outros momentos como esse, gratidão.”
- “Os conteúdos abordados no curso foram fiéis à prática educacional diária. Foi de grande valia participar e oportunizar novos conhecimentos.”
- “Curso maravilhosos!!! Poderia ser mais divulgado, pois, nós, professores, precisamos cada vez mais de aperfeiçoamento na área de Educação Especial e em Libras. Todo o conteúdo foi bem da realidade da sala de aula, pois, normalmente, faço formações com professores que, muitas vezes, também trabalham em universidades, que falam coisas muito fora da nossa realidade atual e esse curso me surpreendeu positivamente, pois, apesar da formação abranger também professores com mestrado e doutorado, foi de fácil linguagem e compreensão, além de citar inúmeros recursos e ideias úteis em nosso dia a dia. Amei! Parabéns!”
- “O curso foi extremamente prazeroso, motivador, inovador. Ampliou meu olhar para a Educação Inclusiva, me fez refletir bastante sobre a necessidade emergente de aprender Libras cada vez mais e ensinar ao máximo de pessoas que eu puder atingir. A atenção, o carinho da tutora fizeram toda diferença, registro minha profunda gratidão a todos os envolvidos nesse projeto magnífico. Foi realmente incrível e já estou sentindo falta. Deus continue abençoando a cada um de vocês, muita paz, luz.”
- “Perfeito! Esse curso retratou todo o período de pandemia na íntegra, mostrando as realidades, dificuldades e as supera-

ções de todo os professores, alunos e seus familiares. Vocês nos proporcionaram um belíssimo curso, com professores altamente qualificados e uma tutora exemplar, com aulas ricas em conteúdo, Parabéns! Muito obrigado a todos.”

Com isso, percebemos que os cursistas conseguiram vislumbrar funções pedagógicas nos artefatos tecnológicos que estamos acostumados a utilizar no nosso cotidiano, mas não necessariamente usamos como ferramentas de aprendizagem. Acreditamos que os conteúdos apresentados no curso podem se tornar instrumentos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, tanto no ensino remoto como também no ensino presencial. Porém, é preciso saber utilizar, garantindo o ensino de qualidade para esses sujeitos.

O legado de toda esta questão da pandemia, nos alerta para que os métodos de ensino devam caminhar lado a lado com as tecnologias de informação e comunicação atentando se a língua, identidade e cultura do sujeito surdo que já se avizinha há alguns anos, mas que estava sendo vista de forma muito particularizada. O que determina os parâmetros de qualidade da educação no ensino remoto é a educativa alinhada com o sistema operacional, que envolve os meios tecnológicos. (FIORI; GOI, 2020, p. 237).

Toda crise traz oportunidades de repensarmos nossos valores, nesse prisma, acredita-se que a crise causada pela Covid-19 tenha oferecido a chance de experimentarmos novas maneiras de fazer as coisas e questionar velhos hábitos. É hora de “aproveitar a oportunidade” para aprender novas práticas e adquirir novos hábitos.

7. Conclusões

A transformação da educação dos alunos surdos na modalidade de ensino remoto, muito mais do que uma mudança abrupta que

demonstra que os modelos atuais não se aplicam à atual realidade, dita as regras de uma nova cultura, a digital, na qual há necessidade de modernização das formas de ensinar, mas, ao mesmo tempo, de encontrar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e a mediação humana, garantindo o uso linguístico dos alunos surdos, no caso, a Libras. Essa mudança de hábitos, essa nova cultura, prevê que o uso das novas tecnologias está associado às inovações constantes e permite a criação de novas soluções de metodologias que se atentam às especificidades de ensino bilíngue com uso visual linguístico dos alunos surdos.

Diante das mudanças no ensino, causadas pela pandemia que, conseqüentemente, afetou a formação docente, concluímos que as reformulações realizadas, as ferramentas utilizadas e a proposta do curso de aperfeiçoamento, juntamente com o conteúdo ofertado, contribuíram para que os cursistas/professores que atuam no ensino remoto pudessem elaborar aulas mais compatíveis com o momento atual e proporcionar aprendizado mais significativo para seus alunos.

Mediante às respostas, fica nítido que os conteúdos aplicados estão sendo importantes para agregar conhecimentos aos cursistas e o retorno extremamente positivo demonstra que o trabalho segue um caminho de sucesso, não apenas no planejamento de aulas no formato remoto, mas também na formação continuada para atuar na área da Educação Inclusiva.

- “Gostaria de agradecer à equipe do curso pelo excelente curso, muito rico em conteúdos e profissionais de excelência.”
- “Estou adorando o curso! Ele é de total relevância para minha atuação como docente.”
- “Esse curso abriu-me um leque de oportunidades e de práticas para me auxiliarem.”
- “Concluo dizendo que estou gostando muito do curso. Atualizado e com informações importantes para quem trabalha e

quem ainda não teve a oportunidade de trabalhar com alunos da Educação Especial. Só vem a contribuir.”

Nessa direção, concluímos que, pelas respostas dos cursistas, é possível elaborar aulas na perspectiva da Educação de Surdos no contexto remoto, sendo que essas aulas precisam ser construídas com acessibilidade linguística, pedagógica e tecnológica para todos os alunos, inclusive, os alunos surdos. Sendo assim, percebemos que o curso de aperfeiçoamento auxiliou os cursistas/docentes no planejamento de conteúdos e aulas remotas, utilizando diferentes ferramentas digitais para proporcionar a inclusão escolar destes educandos.

Educar em tempos tão controversos requer inteireza, pesquisa, diálogo, coerência para compreender criticamente o que acontece e só então pensar como se posicionar ante ao ato pedagógico, pois a atitude formativa é sobretudo de análise aprofundada da realidade. As narrativas docentes contribuem para o processo de formação de quem narra e também dos interlocutores (FERREIRA, 2014), no momento que propicia a consciência de sua própria trajetória e oferece ao outro testemunho de resistência, de luta e de convicção. (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 20).

Sabemos da necessidade de muitas ressignificações, tanto no nível da Educação Básica quanto das formações docentes. Nesse sentido, consideramos que ultrapassamos os objetivos iniciais do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, que ansiava contribuir diretamente na formação de professores para atuarem com alunos surdos matriculados, ou seja, no contexto da Educação Inclusiva e /ou Educação Bilíngue. Na medida em que fomos “atropelados” pela pandemia e, como consequência, pelo distanciamento social, o curso pôde ir além, contribuindo para planejar aulas no ensino remoto.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 31 out. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020.** Institui a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: Presidência da República, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10502.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos na LDB. Brasília: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.html. Acesso em: 20 fev. 2022.

COSTA, M. R. M.; SOUSA, J. C. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, edição especial COVID-19, p. 124-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.124->

135.1832. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1832>. Acesso em: 3 set. 2022.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483>. Acesso em: 3 set. 2022.

FIORI, R.; GOI, M. E. J. O ensino de Química na plataforma digital em tempos de Coronavírus. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, edição especial COVID-19, p. 218-242, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.218-242.1807>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1807>. Acesso em: 3 set. 2022.

GAROFALO, D. Novas aprendizagens para formação docente com a pandemia. **UOL**, São Paulo, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/debora-garofalo/2020/04/29/novas-aprendizagens-para-formacao-docente-com-a-pandemia.htm>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLE, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: [s. n.], 1999.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. São Paulo: Papirus, 2004.

MANCHIAVELLI, J. L.; CAVALCANTE, P. S. Formação docente continuada baseada em cursos abertos massivos on-line (MOOCs): experiência da Universidade Federal de Pernambuco durante a pandemia pelo

Coronavírus. *In*: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E 2020), 5., 2020, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Ctrl+E, 2020. p. 1-7. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl+e/article/view/11446/11309>. Acesso em: 3 out. 2022.

REDIG, A. G.; MASCARO, C. A. A. C.; DUTRA, F. B. S. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, Marília, v. 4, n. 1, p. 33-44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v4n1.04.p33>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/7328>. Acesso em: 3 out. 2022.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinando com Tecnologia**: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.15476.071>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15476>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SOARES, C.; SANTOS, E. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. *In*: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de pedagogia**: diálogos entre currículo e didática. São Paulo: Cortez, 2013. p. 308-330.

SOUZA, F. F.; DAINEZ, D. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031 p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16303.093>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16303/209209213524>. Acesso em: 3 out. 2022.

TEIXEIRA, E. C. A. Educação e novas tecnologias: o papel do professor diante desse cenário de inovações. **Webartigos**, [s. l.], 24 jul. 2010.

TOZETTO, S. S. Docência e formação continuada. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE, 2017. p. 24.537-24.549. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

ZORDAN, P.; ALMEIDA, V. D. Parar pandêmico: educação e vida. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15481.077>. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 30 jul. 2022.

PARTE 2

UNIDADES PEDAGÓGICAS DO CURSO

UNIDADES PEDAGÓGICAS DO CURSO

Marisa Dias Lima - Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Graduação em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e em Pedagogia pela UNIPAM. Atualmente, é professora adjunta do Ensino Superior na Faculdade de Educação – FACED da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atua nos seguintes temas: políticas públicas de educação, política educacional, política linguística, formação de professores, processo de ensino e aprendizagem de Libras e Educação dos Surdos. Atua em diferentes grupos de trabalhos de alfabetização para surdos, Currículo de ensino de L1 e L2 para surdos; participa em grupos de trabalhos pela FENEIS e CNE, bem como consultoria da UNESCO com trabalhos voltados à Educação de Surdos e a formação de professores que atuam e irão atuar na Educação Básica. Atuou como professora pesquisadora do “Curso de formação de Libras EAD” (2013 a 2015, 2018) e, atualmente, é coordenadora do curso de formação promovido pela UFU em parceria com a DIPEBS/SEMESP/MEC: “Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições (2020 e 2021), com a carga horária de 90 e 180h e “Educação de Surdos em perspectiva bilíngue: teoria à prática de ensino (2021)”, com a carga horária de 360hs.

Fernanda Santos Pena - Possui Mestrado (2012) e Doutorado (2018) em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia UFU, pesquisando sobre Educação Bilíngue e Escolas de Surdos. Concluiu graduação em Pedagogia pela Uniube e graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Educação Inclusiva e em Atendimento Educacional Especializado. Participou como tutora em dez edições do “Curso de Aperfeiçoamento em AEE para Surdos” (UAB/UFU). Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas

em Educação Especial e Inclusão Educacional (Gepepes/UFU) e é Pesquisadora do Laboratório de Geografia e Educação Popular (LAGEPOP/UFU). Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da rede de ensino da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Tem atuado como professora pesquisadora em cursos de formação promovidos pela UFU em parceria com a DIPEBS/SEMESP/MEC: Educação de Surdos em tempos de pandemia, 1ª e 2ª edições (2020 e 2021) e Curso de Educação de Surdos em perspectiva bilíngue: teoria à prática de ensino (2021).

Módulo I - Educação Básica de Surdos: contextualização e formação de professor no ensino remoto	156
1.1 Contextualização da Educação Bilíngue de surdos na pandemia <i>Marisa Lima</i>	157
1.2 As diferenças das práticas, do ensino e da aprendizagem na Educação de Surdos no ensino remoto <i>Mariana Campos</i>	160
1.3 Ensino remoto dos alunos surdos na Educação Infantil Bilíngue <i>Alexandre Jurado Melendes</i>	163
1.4 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental (EF1 – anos iniciais) <i>Mirtes Hayakawa</i>	166
1.5 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental (EF2 – anos finais) <i>Graciele Kerlen Pereira Maia</i>	169
1.6 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental – EJA (Educação de Jovens e Adultos) <i>Sônia Marta de Oliveira</i>	172

1.7 Ensino remoto dos estudantes surdos no Ensino Médio	175
<i>Nelson Pimenta Castro</i>	
Módulo II – Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação de Surdos	184
2.1 Alfabetização e letramento das crianças surdas	185
<i>Cristiane Lima Terra Fernandes</i>	
2.2 Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue (disciplina abrangente)	188
<i>Doani Emanuela Bertan</i>	
2.3 Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue (Libras L1 e Português L2)	191
<i>Rosehy Lucas</i>	
2.4 Produção de materiais didáticos com recursos multimodais	194
<i>Karina Vaneska Pereira de Carvalho</i>	
2.5 Utilização de tecnologias e <i>softwares</i> bilíngues no ensino remoto (Guias e ferramentas)	197
<i>Issack Saymon</i>	
2.6 Utilização de tecnologias e <i>softwares</i> bilíngues no ensino remoto (Práticas de sala de aula)	200
<i>Aline Vendrame Cordeiro</i>	

Módulo III – Ambiente de ensino remoto: professor, família e surdos	208
3.1 Processo de interação bilíngue interligada a recursos visuais com narrativas, literatura, atividades lúdicas, jogos e outros <i>Fábio de Sá e Silva</i>	209
3.2 Processo de interação bilíngue interligada a recursos visuais por meio de contação de histórias <i>Alicyary Moreira Queiroz</i>	212
3.3 Interação professor - aluno surdo - família no ensino remoto <i>Natacha Soares Perazzo</i>	215
3.4 Papel da escola com os pais surdos e sua interação com filhos surdos e/ou ouvintes: Práticas e estratégias <i>Jeanie Liza M. Ferraz de Macedo</i>	218
3.5 Contextualização da interação da família surda e/ou ouvinte com filhos surdos e/ou ouvintes no ensino remoto <i>Francielle Cantarelli Martins</i>	221

Módulo I

Educação Básica de Surdos: contextualização e formação de professor no ensino remoto



1.1 Contextualização da Educação Bilíngue de Surdos na pandemia

Convidamos você para assistir a Videoaula 1.1 do Módulo 1, apresentada pela professora Marisa Lima.

Marisa é doutora em Educação e, atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pesquisa sobre a Educação de Surdos há mais de 20 anos. A professora abordará temas sobre a contextualização da Educação de Surdos na pandemia.



Fórum de discussão 1.1

Olá, alunos(as)!

Estamos iniciando nosso primeiro fórum de discussão, no qual teremos a oportunidade de aprender uns com os outros. Na videoaula “contextualização de surdos na pandemia”, a professora Marisa Lima compartilhou conteúdos extremamente relevantes para o entendimento de uma efetiva educação de surdos.

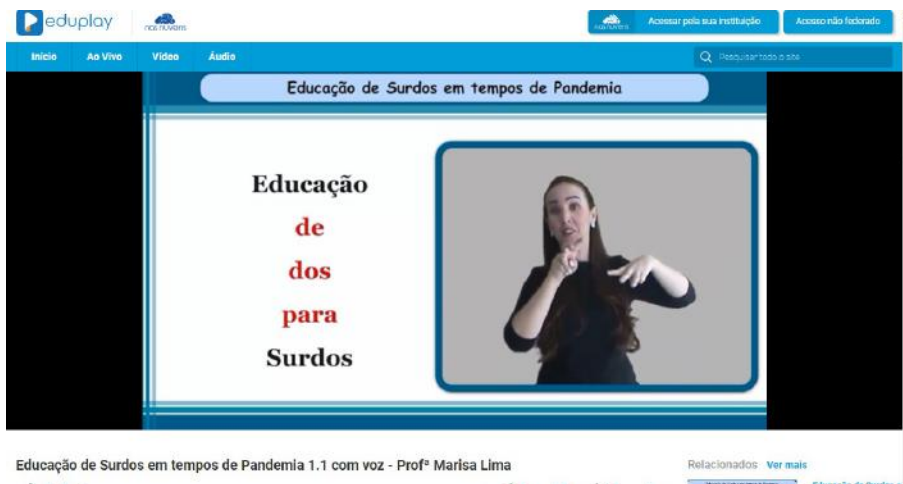
Portanto, após assistir a videoaula:

O que vocês entenderam sobre Educação para Surdos, Educação dos Surdos e Educação de Surdo?

Na opinião de vocês, qual proposta de ensino trará melhores resultados na escolarização dos alunos surdos? A Educação Especial, a Educação Inclusiva ou a Educação Bilíngue? E por quê?



The screenshot shows a video player interface. At the top, there are logos for 'eduplay' and 'nca/ufersa'. Navigation buttons include 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio'. A search bar contains the text 'Pesquisar todo o site'. The main content area has a blue header with the text 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. Below this, a slide features the name 'Prof. Marisa Lima' in a large, bold, blue font. To the right of the name is a circular video thumbnail of a woman with long brown hair, wearing a white top, making a hand gesture. To the left of the thumbnail, the text reads: '- Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia – UFU'. Below this, it says '- Formação:' followed by a bulleted list: '• Pedagogia - UNIPAM', '• Letras Libras - UFSC', '• Mestrado em Linguística - UnB', and '• Doutorado em Educação - UFU'. At the bottom of the slide, there is a video progress bar showing '0:16 / 1:15:33' and control icons for play, volume, and settings.



The screenshot shows a video player interface, similar to the one above. The main content area has a blue header with the text 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. Below this, a slide features the text 'Educação de dos para Surdos' in a large, bold, red font. To the right of the text is a circular video thumbnail of the same woman from the previous slide, now wearing a black top and making a different hand gesture. At the bottom of the slide, there is a video progress bar showing '0:16 / 1:15:33' and control icons for play, volume, and settings. Below the video player, the text 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia 1.1 com voz - Profª Marisa Lima' is visible, along with a 'Relacionados: Ver mais' link.

DISPONÍVEL EM:

<https://eduplay.rnp.br/portal/video/143058>





1.2 As diferenças das práticas, do ensino e da aprendizagem na Educação de Surdos no ensino remoto

A videoaula 1.2 é apresentada por Mariana Campos, doutora em Educação Especial e professora adjunta da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Mariana dá continuidade à discussão, refletindo sobre as práticas de ensino e de aprendizagem na Educação de Surdos no ensino remoto.



Fórum de discussão 1.2

Olá, cursistas!

Aqui, vamos participar do nosso segundo fórum de discussão, ok?!

A nossa Videoaula 1.2 mostra as diferenças das práticas, do ensino e da aprendizagem na Educação de Surdos no ensino remoto. Vamos compartilhar o que aprendemos sobre este assunto.

Importante que, ao assistirem a aula, estejam com um caderno para fazerem as anotações para uma melhor participação aqui no fórum, combinado?!

Nesse momento de pandemia, como as famílias e as escolas estão lidando com a Educação dos Surdos na modalidade de ensino remoto?

The screenshot shows the Eduplay interface with a blue header. The main content area is titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". On the left, the profile of Prof. Mariana Campos is displayed, including her name, title as an Adjunct Professor at UFSCar, and her educational background: a Bachelor's in Computer Science, a Master's in Education at UFSC, and a Doctorate in Special Education at UFSCar. On the right, there is a video thumbnail of Prof. Campos.

eduplay

ACESSO NÃO FEDERADO

ACESSO NÃO FEDERADO

Início Ao Vivo Vídeo Áudio

Buscar todo o site

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Profa. Mariana Campos

- Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
- Formação:
 - Bacharelado Ciências da Computação
 - Mestrado em Educação - UFSC
 - Doutorado em Educação Especial - UFSCar

The screenshot shows the Eduplay interface with a video player. The main content area is titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". The video player shows Prof. Campos signing. The text on the left describes the video content: "Contextualizando a educação de Surdos em tempos de pandemia estabelecendo as diferenças das práticas, do ensino, da aprendizagem e outras".

eduplay

ACESSO NÃO FEDERADO

ACESSO NÃO FEDERADO

Início Ao Vivo Vídeo Áudio

Buscar todo o site

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Contextualizando a educação de Surdos em tempos de pandemia estabelecendo as diferenças das práticas, do ensino, da aprendizagem e outras

Educação de Surdos em tempos de Pandemia 1.2 com voz - Profª Mariana Campos

Relacionados Ver mais

DISPONÍVEL EM:

<https://eduplay.rnp.br/portal/video/143168>





1.3 Ensino remoto dos alunos surdos na Educação Infantil Bilíngue

A Aula 1.3 “Ensino remoto dos alunos surdos na Educação Infantil”, presente no Módulo 1, é apresentada pelo professor Alexandre Jurado Melendes, formado em Pedagogia e, atualmente, professor titular no Centro de Educação para Surdos Rio Branco (SP). O professor Alexandre irá abordar, nesta aula, o ensino remoto dos alunos surdos na Educação Infantil, enfatizando a contação de histórias e sua importância no desenvolvimento de linguagem para crianças surdas.



Fórum de discussão 1.3

Nesse momento, vamos dialogar um pouco sobre a temática “Ensino remoto dos alunos surdos na Educação Infantil”.

De acordo com a aula 1.3, percebemos que a modalidade de Educação Bilíngue vai além da presença de duas línguas em sala de aula. Sendo assim, comente as questões abaixo:

- 1 - O que é o bilinguismo na Educação dos Surdos?
- 2 - Por que devemos evitar o Português sinalizado, por exemplo, na contação de histórias?
- 3 - O que pode ser trabalhado com os alunos? (Pense um pouco nas adaptações e no seu papel como mediador!).

**Prof. Alexandre Jurado
Melendes**

- Professor Contação da História
- Formação:
 - Pedagogia - Faculdades Integradas Rio Branco



Educação infantil;

- Por que escolher o Livro;
- Didática;
- Livro sem Língua Portuguesa;
- Livro com vários aspectos para usar;

Contação de história "O dia a dia de
Dadá"



DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br:443/portal/embed-video?idItem=95980>





1.4 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental (EF1 – anos iniciais)

Assista agora à videoaula 1.4, ministrada pela professora Mirtes Hayakawa, graduada em Pedagogia e professora titular no Centro de Educação para Surdos Rio Branco, com 20 anos de experiência na Educação de Surdos. A professora aborda, nessa aula, o ensino remoto dos alunos surdos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, discutindo estratégias pedagógicas para aulas remotas.




Fórum de discussão 1.4

Nessa semana, temos bastante conteúdo para discutir com as aulas da professora Mirtes Hayakawa!!!

O que vocês acharam da videoaula? Qual aspecto chamou mais atenção?

Achei bem interessante quando a professora destaca a importância de se criar um glossário com sinais-termo antes de iniciarem as aulas remotas. Eu mesma aprendi muitos sinais tecnológicos com essa aula.

Algum de vocês tem usado as ferramentas mencionadas: *google classroom, google drive, jamboard, meet, youtube?*

eduplay  [Acessar pela sua instituição](#) [Acesso não federado](#)

Início Ao Vivo Vídeo **Aúdio**

Educação de Surdos em tempos de Pandemia


Profa. Mirtes Hayakawa

Atuação profissional:

- Professora titular do Centro de Educação para Surdos Rio Branco

Formação:

- Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP



eduplay  [Acessar pela sua instituição](#) [Acesso não federado](#)

Início Ao Vivo Vídeo **Aúdio**

Educação de Surdos em tempos de Pandemia




DISPONÍVEL EM:

<https://eduplay.rnp.br/portal/video/embed/97173>





1.5 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental (EF2 – anos finais)

A professora Graciele Maia é doutoranda em Linguística e atua como professora no Ensino Fundamental de uma escola de surdos, assim como na graduação da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Aborda, em sua aula, o ensino remoto dos alunos surdos nas séries finais do Ensino Fundamental, com o enfoque em práticas de ensino da Língua Portuguesa como L2 e de Ciências para alunos surdos do Ensino Fundamental 2.



Fórum de discussão 1.5

Agora que você já assistiu às videoaulas dessa semana, iniciamos mais um fórum de discussão com o tema “Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental 2”. Depois de assisti-las, postem no fórum suas contribuições sobre as aulas apresentadas, seguindo o seguinte questionamento:

Na aula, a professora Graciele apresentou características subjetivas dos surdos, tendo em vista suas experiências visuais, de identidade e a importância de valorizar esses estudantes.

Foi falado também sobre a importância de o professor conhecer seus alunos e suas especificidades educacionais. Diante disso, na hora da criação do seu plano de aula, você tem pensado sobre e utilizado os aspectos básicos citados na aula da professora Graciele?

E se possível, relate aqui suas experiências!!!

The screenshot shows the Eduplay interface with a slide titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". The slide features a profile for Prof. Graciele Maia, including her name, affiliation with the Escola de Surdos AAVIDA and Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), and her educational background. A portrait of her is shown on the right.

Prof. Graciele Maia

- Professora da Escola de Surdos AAVIDA e da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG
- **Formação:**
 - Biologia- UNIFOR
 - Letras Libras – UFSC/CEFET
 - Mestrado em Educação - UEMG
 - Doutorado em Linguística - UFMG

The screenshot shows the Eduplay interface with a slide titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". The slide contains a diagram with two overlapping circles: a larger blue circle labeled "LINGÜÍSTICO" and a smaller blue circle labeled "SURDO" inside it. To the right of the diagram is a video frame showing Prof. Graciele speaking.

Educação de Surdos em tempos de Pandemia - Profª Graciele

Relacionados Ver mais

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?itemId=97221>





1.6 Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Fundamental – EJA (Educação de Jovens e Adultos)

A professora Sônia Oliveira é quem ministra a videoaula 1.6. Sônia é doutora em Educação e atua como professora em Rede Municipal de Educação, com 10 anos de experiência na Educação de Surdos. Nesta aula, ela discute o ensino remoto dos alunos surdos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o enfoque sobre Português como segunda língua para esses estudantes.



Fórum de discussão 1.6

Olá, cursista!!!

Estamos avançando em nosso curso. Cada dia vamos aprendendo mais e mais.

Na aula da professora Sônia, aprendemos muito sobre estratégias de ensino para alunos surdos que frequentam o EJA - Educação de Jovens e Adultos. Vimos como é importante refletir sobre as demandas dessas pessoas que tiveram seus estudos atrasados por conta de situações sociais diversas.

Responda: Como surgiu o EJA? Sob quais demandas? Quais foram os órgãos ou instituições envolvidas?

Bons estudos!

The screenshot shows a video player interface. At the top, there are logos for 'eduplay' and 'PUC MINAS'. Navigation buttons include 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio'. A search bar contains the text 'Pesquisar todo o site'. The video content displays a slide titled 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The slide features the name 'Prof. Sônia Marta de Oliveira' and a portrait of her. Below the name, it identifies her as a 'Professora da rede municipal de Belo Horizonte' and lists her qualifications: 'Formação: Pedagogia - PUC Minas; Pós-graduação em Educação Infantil - CEPEMG/Newton de Paiva; Mestrado em Educação - PUC Minas; Doutorado em Educação - PUC Minas'.

The screenshot shows a video player interface. At the top, there are logos for 'eduplay' and 'PUC MINAS'. Navigation buttons include 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio'. A search bar contains the text 'Pesquisar todo o site'. The video content displays a slide titled 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The slide features the text 'Educação de Jovens e Adultos EJA Ensino Fundamental' and a video inset showing a woman in a black shirt performing sign language.

Educação de Surdos em tempos de Pandemia - Profª Sônia Marta

Relacionados [Ver mais](#)

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=97543>





1.7 Ensino remoto dos estudantes surdos no Ensino Médio

A videoaula 1.7 é ministrada pelo professor Nelson Pimenta, doutor em Estudos da Tradução e professor regente do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Possui vasta experiência no ensino de surdos, há mais de 30 anos. Nesta aula, Nelson apresenta sobre o ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Médio, com o enfoque no gênero literário Romance.



Fórum de discussão 1.7

Olá! Sejam bem-vindos ao fórum 1.7 com a temática “Ensino remoto dos alunos surdos no Ensino Médio”!!!

De acordo com a aula do professor Nelson Pimenta, existe uma metodologia adequada no ensino dos surdos, utilizando as literaturas surdas. Segundo ele, algumas regras são primordiais. Quais são elas?

Sinta-se à vontade para compartilhar suas experiências e como as aulas ajudaram vocês!!!

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Prof. Dr. Nelson Pimenta

- **Professor, Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES/RJ**
- **Formação:**
 - Cinema - Estácio/RJ
 - Letras Libras - UFSC/INES
 - Mestre em Estudos da Tradução - UFSC
 - Doutor em Estudos da Tradução - UFSC



Play Educação de Surdos em tempos de Pandemia - Prof Nelson Pimenta

4 - TEXTUALIDADE

4 - Textualidade

- a) Coesão
- b) Coerência**
- c) Situação
- d) Recorrência
- e) Pronomes



22:01 / 1:42:24



DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=97665>





CURIOSIDADES – Vídeos – Mundo da Libras e dos Surdos

Nesta parte do nosso curso, você terá acesso a informações, curiosidades e tudo que envolve o mundo do surdo: vida, cultura e identidade. Traremos reportagens, vídeos, tecnologias e muito mais para contextualizar você nesse mundo repleto de imagens.

Acesse o AVA e leia a reportagem intitulada “Surdo por um dia”, feita com o militante surdo Neivaldo Zovico. Nessa reportagem, ele transmite a experiência cotidiana enfrentada pelos surdos tanto na sala de aula, como nos trabalhos e nos movimentos de luta.



AUDIBEL

ECOS

DIA NACIONAL DO SURDO

Em homenagem à data, conheça a
luta e conquistas dos portadores da
deficiência

jul / ago / set 2011
Ano 4 – nº 17

SURDO POR UM DIA

*Deficientes auditivos contam as vitórias e as
dificuldades enfrentadas no dia a dia. União
da comunidade surda conquista respeito e
espaço num mundo que ainda não dá ouvidos a
ela*

Imagine ter a comunicação restrita, não ter acesso imediato a serviços de emergência ou ir ao consultório e o médico gritar na tentativa de ser ouvido. Pois esta é a realidade de crianças, jovens e adultos com surdez. A deficiência congênita ou adquirida com o passar dos anos atinge mais de 160mil pessoas no Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Com a ajuda de dois surdos, vamos mostrar seu dia a dia e apresentar novas ideias para que todos possam contribuir para uma vida melhor.

Qual o poder do gesto? Quando conhecemos uma pessoa, a primeira reação é estender a mão para cumprimentar. Na despedida, acenamos. São situações simples, rotineiras, mas fundamentais para os deficientes auditivos. Sempre atentos, eles usam os outros quatro sentidos humanos para saber o que acontece ao redor. “O surdo sempre está atento aos gestos das pessoas, por menor que sejam como também à vibração dos sons ou do ar e ao cheiro”, revela a pedagoga Rivanda Ribeiro. Sorrir, direcionar o olhar, usar o polegar para cima e para baixo para expressar algo bom ou ruim favorecem o contato inicial.

Timidez e falta de jeito para gesticular não podem ser usadas como desculpas para deixar de manter contato com os surdos: escreva num pedacinho de papel ou no campo de texto do celular. Vale lembrar, porém, que nada disso substitui a Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS), comunicação oficial da comunidade surda. “As pessoas poderiam fazer curso de Libras como fazem inglês. Não é difícil!”, sugere o coordenador Nacional de Acessibilidade para surdos da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), Neivaldo Augusto Zovico.

A comunicação pela Língua de Sinais é essencial durante uma negociação de compra e venda, apesar disso não é obrigatória em estabelecimentos comerciais. “Quando há muitas informações a serem transmitidas o ideal é poder contar com a presença de intérprete. Se isso não é possível, a escrita num papel só vai funcionar se o surdo for fluente em língua portuguesa”, explica Rivanda.



A falha na comunicação chega até mesmo onde se espera tratamento humanizado: os consultórios médicos. “Ninguém conhece Libras, complicam o atendimento e o médico grita pelo surdo no corredor para chamar, mesmo tendo sido informado a condição para a recepcionista”, desabafa Zovico. Por não responderem, outros pacientes passam na frente. “Pensam que usamos aparelho, mas na verdade os surdos não usam aparelho para escutar, somente ouvem barulho.”

No sistema de transporte não é diferente. Neivaldo sofre quando o portão de embarque do aeroporto é alterado. “Fico perdido e sempre as pessoas quando mudam, embora a recepcionista peça que eu fique sentado.” Em ônibus, a situação é pior:

“Sentar em assentos especiais às vezes é perigoso para nós. Grávidas e idosos nos ofendem se não dermos o assento”, conta Rivanda.

Sala de aula

A notícia de aprovação da proposta que obriga as escolas públicas e privadas a oferecerem Libras aos alunos com necessidades especiais pela Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania é um grande passo. Em outras épocas, seu uso era proibido. “A escola proibia o uso de Libras, porque pensava que prejudicaria a fala. Na hora do intervalo, os surdos se comunicavam por gestos caseiros”, lembra Zovico. Depois de muito tempo, já na pós-graduação, ele teve um intérprete em sala de aula. “Finalmente consegui compreender muitas coisas durante a aula. Pena ter perdido muitas aulas, pois as professoras pensam que os surdos conseguem ler os lábios, mas é impossível”, lamenta.

Rivanda lembra com pesar a fase escolar. “Sempre apresentei bons rendimentos escolares, contudo, a socialização foi complexa. Não interagia com os professores e alunos dentro da sala de aula. Lembro de alguns colegas me constringendo e os professores nada faziam.” A presença do intérprete



também aconteceu no ensino superior com solicitação feita durante a matrícula no curso de Pedagogia. Entretanto, segundo Rivanda, com a saída do profissional, foi necessária denúncia no Ministério Público para a contratação de outro intérprete qualificado.

Trabalho

Diariamente, Rivanda trabalha no departamento de marketing de uma empresa de e-commerce (venda de produtos pela internet), em São Paulo. Para chegar ao posto viu uma disputa desleal no mercado. “No Brasil, existe muita dificuldade de apoio aos profissionais surdos, por isso somos poucos. Isso talvez aconteça pela falta de instituições apropriadas para nos receber.”

No começo da vida profissional, Zovico foi projetista, responsável por projetos de máquinas como geradores e estabilizadores de tensão para bancos. Até conseguir a vaga encarou uma série de desafios. “Para fazer a entrevista, os recrutadores escolhem quem poderá comunicar-se pelo telefone e por isso eu não era selecionado.” Hoje, ele enxerga mudanças. “A tecnologia evoluiu muito e todos usam e-mail e chat, o que facilita o trabalho dos surdos dentro das empresas e a comunicação entre surdos e ouvintes.”

Conquista e desafios

Com o tempo, os surdos obtiveram conquistas importantes. Em dezembro

de 2005, foi regulamentado o uso de Libras como língua oficial dos surdos, com gramática completa. Professores e intérpretes de Libras foram formados em nível superior pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Ainda no campo da educação, tornou-se obrigatória a inserção dos intérpretes no ensino superior, profissão reconhecida por lei.

A evolução tecnológica também melhorou a acessibilidade dos surdos. Há, no mercado, despertadores próprios para surdos, campainha luminosa e até nas redes sociais já há canais de comunicação com este grupo. Mas não podemos nos deixar enganar, ainda há uma grande batalha pela frente. Legenda em filmes nacionais, em programas de televisão. “Nunca fui ao cinema ver filme nacional porque não tem legenda para surdos”, lamenta Zovico. Além disso, ele reclama da falta de atendimento de emergência em caso de chamar polícia e resgate. “O que fazer quando o carro do surdo para na estrada? Como vai comunicar o guincho?”

“Precisamos de uma legislação que obrigue todo tipo de instituição de ensino, como centro de formação de condutores, cursos de idiomas e cursos de curta duração, a disponibilizar o intérprete de Libras”, pontua a pedagoga. “IPI, IPVA, IPTU, as pessoas surdas ou com deficiência auditiva também deveriam ser contempladas com a redução destes

impostos, já que somos extinguidos da categoria das pessoas com deficiência.”

Perfil

Neivaldo Augusto Zovico,
45 anos.



*Professor
de matemática e coordenador da FENEIS*

“Nasci surdo, provavelmente por fatores hereditários. Na minha infância, meus pais se mudaram para São Paulo, preocupados com a minha educação e do meu irmão, também surdo. Eles buscavam um ambiente escolar especializado em Educação de Surdos para que nós pudéssemos nos desenvolver.”

Rivanda Ribeiro,
30 anos.



Pedagoga

Sou surda bilateral. Tive uma infância feliz, sabia que tinha surdez leve e não apresentava muitas dificuldades no seio social. Desde pequena fazia leitura labial, inconscientemente. Por volta dos 19 fui diagnosticada com perda profunda, quando passei a ter mais contato com os surdos. Foi uma época difícil, quando não tinha o principal instrumento para lutar para ser alguém: a identidade surda. Foi o contato com os surdos que me fez sentir gente, capaz de atingir os objetivos.”

Disponível em: <http://acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.br/2011/11>.

Acesso em: 9 fev. 2021.



Atividade do módulo 1 – Fórum sobre curiosidades

Vamos participar de um fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem?

O objetivo deste fórum é fazer com que você, cursista, amplie e adquira novos conhecimentos sobre a realidade que ocorre no mundo dos surdos e da Libras, sob a perspectiva dos surdos. Entre no fórum, conheça e vivencie de perto o mundo dos surdos e da Libras!!!

A seguir, destacamos algumas questões que você deve observar para participar do Fórum:

- Reflita e discuta a importância da Libras como um meio de comunicação dos surdos!!!
- Analise a falta de acessibilidade e de informação aos surdos!!!
- Verifique qual a visão que a sociedade tem sobre a Libras e sobre os surdos, no que se refere ao reconhecimento e à valorização da Libras e do sujeito surdo como um ser capaz!!!

Após observar essas questões, resgate todos os pontos interessantes que você encontrou e os compartilhe com os seus colegas no fórum!!!

Seja bem-vindo ao mundo dos surdos!!!

Módulo II

Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação de Surdos



2.1 Alfabetização e Letramento das crianças surdas

A Aula 2.1 é apresentada pela professora Cristiane Lima Terra Fernandes, doutora em Educação e Ciências, atualmente professora na Universidade Federal do Rio Grande. Há 16 anos, a Prof.^a Cristiane se dedica à área da Educação de Surdos, sendo co-criadora da “Escola Municipal de Educação Bilíngue Prof.^a Carmen Regina Teixeira Baldino”, na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Nesta aula, ela apresentará várias questões sobre alfabetização e letramento das crianças surdas, apresentando atividades que podem potencializar a aprendizagem das crianças, baseadas na sua primeira língua, a Libras.



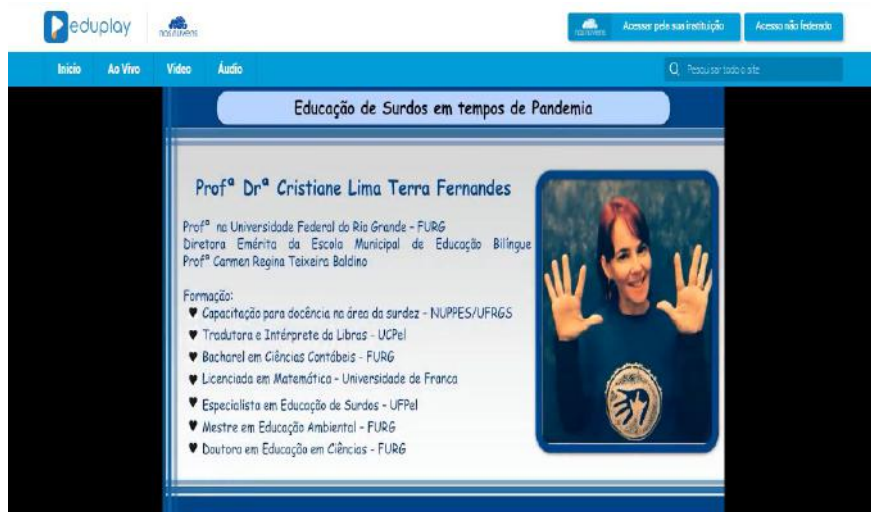
Fórum de discussão 2.1

Caro(a) cursista,

Estamos iniciando o modulo 2 e, nele, iremos abordar “O processo de alfabetização e letramento das crianças surdas”. Sabemos que é um processo que exige muita dedicação e uma formação adequada dos profissionais envolvidos no cotidiano escolar. Para auxiliar nessa discussão, teremos a aula da professora Cristiane Lima Terra Fernandes.

Após assistir a aula e consultar o material de apoio, pensem, pesquisem e respondam: O processo de alfabetização e letramento das

crianças surdas exige muita dedicação e uma formação adequada dos profissionais envolvidos no cotidiano escolar. **O que você conhece e pensa sobre esse processo? Quais as dicas de ensino a professora apresenta no decorrer da aula?** Apresente aos colegas de sua turma suas impressões, experiências e sugestões!!!



The screenshot shows a video player interface with a blue header. The header includes the 'eduplay' logo, a 'noturno' logo, and two buttons: 'Acessar pela sua instituição' and 'Acessar não federado'. Below the header is a navigation bar with 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio' tabs, and a search bar. The main content area displays a slide titled 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The slide features the name 'Prof.ª Dr.ª Cristiane Lima Terra Fernandes' and a photograph of her with her hands raised in a sign language gesture. To the left of the photo, there is a list of her qualifications and roles:

Prof.ª na Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Diretora Emérita da Escola Municipal de Educação Bilingue
Prof.ª Carmen Regina Teixeira Baldino

Formação:

- ♥ Capacitação para docência na área da surdez - NUPES/UFRRGS
- ♥ Tradutora e Intérprete de Libras - UCPel
- ♥ Bacharel em Ciências Contábeis - FURG
- ♥ Licenciada em Matemática - Universidade de Franco
- ♥ Especialista em Educação de Surdos - UFPel
- ♥ Mestre em Educação Ambiental - FURG
- ♥ Doutora em Educação em Ciências - FURG



The screenshot shows a video player interface with a blue header. The header includes the 'eduplay' logo, a 'noturno' logo, and two buttons: 'Acessar pela sua instituição' and 'Acessar não federado'. Below the header is a navigation bar with 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio' tabs, and a search bar. The main content area displays a slide titled 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The slide features the text 'ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS' in large blue letters. To the right of the text is a photograph of a woman with red hair and glasses, wearing a black top, with her hand to her chin in a thoughtful pose.

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=97710>





2.2 Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue

A professora Doani Bertan apresentará a Aula 2.2. Ela é mestranda em Educação e, atualmente, exerce função de professora bilíngue na rede municipal de Campinas/SP, possuindo 15 anos de experiência no ensino de surdos. Em sua aula, professora Doani abordará sobre a didática e metodologia para os alunos surdos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, com o enfoque sobre Educação Bilíngue para Surdos e confecção de materiais.



Fórum de discussão 2.2

Olá, cursistas!

Estamos iniciando nosso segundo fórum 2. 2 e nossa temática essa semana será: Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue, da professora Doani Emanuela Bertani. **Responda:**

- 1- Na sua opinião, qual das modalidades beneficia melhor os alunos: EaD ou ensino remoto? E o que são metodologias ativas?
- 2- O que está envolvido na didática e metodologia no ensino remoto e como elaborá-las nesse tempo de pandemia?

3- A professora aborda sobre a preparação e os cuidados na produção de vídeo aulas? Que cuidados são esses?

Boa discussão!!!

The screenshot shows a video player interface for Eduplay. The title of the video is "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". On the left side of the video frame, there is a text box listing the teacher's qualifications: "Formada em Pedagogia; Pós-graduada em Educação Especial, Libras, Psicopedagogia e Prática e Interpretação de Libras Avançada com Ênfase na Elaboração de Material Didático Bilingue Português/Libras; Cursando Mestrado em Educação." On the right side, a woman in a black top is speaking and gesturing with her hands.

This screenshot shows the same video player interface. The title "Educação de Surdos em tempos de Pandemia" is at the top. Below the title, it says "7. Rota de conversa". On the left side of the video frame, there is a colorful graphic illustration depicting various educational activities: a child reading, a child using a laptop, a child with a globe, and a child at a desk. On the right side, the same woman from the previous screenshot is speaking and gesturing.

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=95632>





2.3 Didática e metodologia de ensino remoto em uma perspectiva bilíngue (Libras L1 e Português L2)

A aula 2.3 é apresentada pela professora Rosely Lucas, mestre em Educação e professora assistente da Universidade Federal de São João Del Rey, com 6 anos de experiência na Educação de Surdos. Nessa aula, ela apresentará sobre didática e metodologia para os alunos surdos, na perspectiva do ensino de Libras como L1 e Português como L2.



Fórum de discussão 2.3

Olá, professor(a) cursista!

Vamos, agora, conversar sobre a produção de materiais didáticos com recursos multimodais?!

O que você achou da videoaula?

Na sua prática, você possui o costume de buscar ou produzir materiais didáticos bilíngues para os estudantes surdos?

Troque ideias com os colegas de turma! Com certeza, iremos compartilhar muitas ideias novas!

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

- Planejamento das aulas - Conteúdo - (Planos de Estudos Tutorados (Pet) para L2;



Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Profa. Rosely Lucas de Oliveira

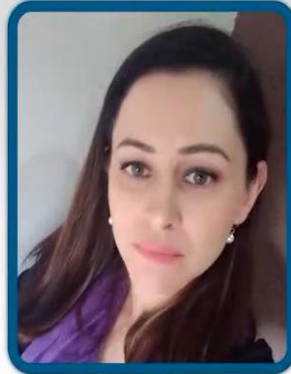
- Professora do Magisterio Superior da Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ

- Formação:

Pedagogia - PucMinas

Letras LIBRAS - UFSC

Mestrado em Educação - UFOP



DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98387>





2.4 Produção de materiais didáticos com recursos multimodais

A Aula 2.4 é apresentada pela professora Karina Vaneska Pereira de Carvalho, especialista em Educação Interativa e Aplicada com surdos. Atualmente, Karina é professora no Centro de Educação para Surdos Rio Branco e no Derdic/PUC-SP. Será abordada a produção de materiais didáticos com recursos multimodais para atuar com os alunos surdos, em um conteúdo interdisciplinar.



Fórum de discussão 2.4

Olá, cursista!!!

Vamos para mais uma videoaula com tema relevante que é muito importante para a nossa formação, a fim de poder ser aplicado em sala de aula, que se encontra muito em carência sobre essa discussão na Educação de Surdos, que é a produção de materiais didáticos que propiciem a prática de ensino para que possamos fomentar um bom desenvolvimento dos alunos!!!

Então, convido a vocês para assistirem a videoaula 2.4, na qual a prof.^a Karina procurou trazer uma orientação e apresentação de produção de materiais didáticos que agregarão o conhecimento de vocês, para que possam ser ampliadas e desenvolver com os seus alunos.

Aproveitem para trazer para este fórum algumas ideias e trabalhos que vocês já realizam com os surdos e compartilhem aqui com os colegas, ou até podem ser de materiais trabalhados com alunos ouvintes, os quais, depois de assistirem a videoaula, poderão ser adequados e ajustados para serem aplicados com os alunos surdos!!!

The screenshot shows the eduplay interface with a slide titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". The slide features a profile for Prof. Karina Vaneska, including her name, a portrait, and a list of her qualifications and education. The interface includes a navigation bar with "Início", "Ao Vivo", "Video", and "Áudio", and a search bar.

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Prof. Karina Vaneska

- Docente especializada em educação bilíngue para Surdos nas escolas Rio Branco e Dardic/PUC-SP
- **Formação:**
 - Pedagogia - FALC
 - Letras Libras - UFSC/SC
 - Pós-Graduada em Educação Interativa e Aplicada com Surdos - FAISP
 - Pós-Graduada em Marketing Internacional - UNIP
 - Administração Geral de Empresas - UNIP
 - Pesquisadora - UFABC

The screenshot shows the eduplay interface with a live video of Prof. Karina Vaneska. She is wearing glasses and a black top, gesturing with her hands. To her right is a small image of a book titled "Mantexa". The interface includes a navigation bar with "Início", "Ao Vivo", "Video", and "Áudio", and a search bar.

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98505>





2.5 Utilização de tecnologias e *softwares* bilíngues no ensino remoto (Guias e ferramentas)

O professor Issack Saymon é mestre em Tradução e atua como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nesta aula, ele apresentará diferentes guias de ferramentas digitais que podem ser utilizadas no ensino remoto.



Fórum de discussão 2.5

Olá, professores cursistas!

Sejam bem-vindos ao fórum 2.5!!! Ele é referente à aula 2.5, que tem como tema proposto o uso da tecnologia bilíngue e *software* no ensino remoto. O Prof. Isaac mostrou vários tipos de ferramentas que podem ser utilizados.

O professor Isaack S. nos apresentou diferentes *softwares* para conseguirmos ministrar aulas dinâmicas e interessantes.

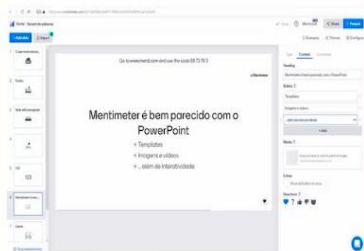
De qual dos recursos apresentados você gostou mais? E qual deles você acredita que melhor se aplica à sua realidade? Sinta-se à vontade para nos apresentar outros recursos tecnológicos que você conhece!!!

Prof. Isaack Saymon Alves Feitoza Silva

- Professor Assistente da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte

- **Formação:**

- Bacharelado Serviço Social
- Licenciatura de Letras/LIBRAS
- Mestre em Estudos da Tradução - UFSC



Fonte: <https://www.mentimeter.com>



DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98511>





2.6 Utilização de tecnologias e *softwares* bilíngues no ensino remoto (Práticas de sala de aula)

A professora Aline Cordeiro possui Especialização em Educação de Surdos e, atualmente, trabalha como professora de Português como L2 e Libras em escola bilíngue. Nesta aula, ela abordará sobre a utilização de tecnologias e *softwares* com os alunos surdos em aula, com o enfoque sobre tecnologia nas aulas remotas.



Fórum de discussão 2.6

Olá!!!

Na aula anterior, se observa mais a apresentação de ferramentas que poderemos utilizar em sala de aula. Porém, devemos transformar a tecnologia de forma mais lúdica, que atenda os elementos pedagógicos, como apresenta a professora Aline na sua aula.

Sabemos que, quanto mais tempo se fica na frente da tela, mais se desconcentram os alunos. Assim, como vocês sugerem mudar essa situação de poder prender a atenção do aluno de forma mais dinâmica?

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Profa. Aline Vendrame Cordeiro

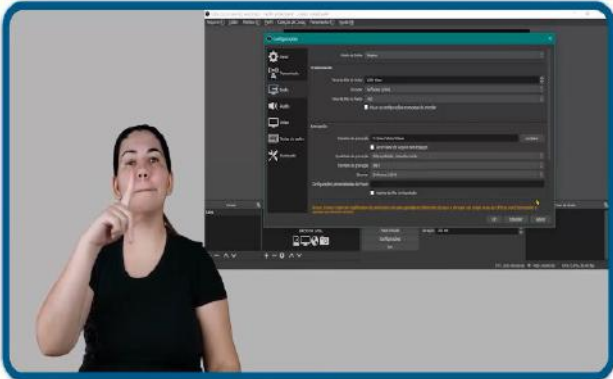
- Professora de Libras L1 na escola bilingue Seli – Educação e Inclusão e de Português L2 na Signa Cursos para Surdos (signaedu.com)

- **Formação:**

- Letras Português/Inglês – Faculdade Anhanguera
- Prolibras 2015
- Pós Graduação em Educação Prática e Interativa com Surdos



Educação de Surdos em tempos de Pandemia



DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98471>





CURIOSIDADES – Vídeos – Mundo da Libras e dos Surdos

Nesta parte do nosso curso, você terá acesso a informações, curiosidades e tudo que envolve o mundo do surdo: vida, cultura e identidade. Traremos reportagens, vídeos, tecnologias e muito mais para contextualizar você nesse mundo repleto de imagens.

Você sabe como a Educação dos Surdos chegou ao Brasil? Não? Então, vamos todos juntos mergulhar na história da Educação dos Surdos!

Acesse o AVA e leia a reportagem intitulada “Surdo por um dia”, feita com o militante surdo Neivaldo Zovico!!! Nessa reportagem, ele compartilha conosco seus questionamentos a respeito das políticas públicas de inclusão e defende mais e melhor acessibilidade às informações e conhecimento para os surdos e deficientes auditivos.



REVISTA NACIONAL DE
REABILITAÇÃO
REAÇÃO

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE
DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA, MOBILIDADE
REDUZIDA, FAMILIARES E
PROFISSIONAIS DO SETOR

ANO XIV – Nº 77
NOVEMBRO/DEZEMBRO 2010

por Neivaldo Zovico
MOMENTO SURDO pág. 73

Políticas públicas para os Surdos

Tivemos neste ano as eleições majoritárias, e o povo escolheu seus governantes para o período de 2011 a 2014: Presidente da República, Governadores dos Estados, Senadores, Deputados Federais e Estaduais.

Dilma Rousseff é a nova Presidente do Brasil, Geraldo Alckmin é o novo Governador de São Paulo, Mara Gabrielle, tetraplégica, foi eleita Deputada Federal por SP, entre os que foram eleitos para trabalhar na administração da Nação Brasileira e dos Estados do Brasil.

Durante a Gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, foram criadas diversas Leis abordando o respeito aos cidadãos no Brasil, a mais importante foi a Lei de Acessibilidade 10.098 em Dezembro de 2000. Esta lei foi regulamentada em 2004 pelo Decreto 5.296, mas infelizmente a legislação não é cumprida por absoluta falta de fiscalização.

A Lei de Acessibilidade tem vários artigos, visando quebrar as barreiras para o acesso de PcD de todos os tipos.

Também foi promulgada em 2002 a lei de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Idioma oficial dos surdos.

Desde 2004 não houve melhoria na acessibilidade para surdos e pessoas com deficiências auditivas. A legislação está ultrapassada e é necessário que os novos políticos modernizem esta legislação, arregacem as mangas para inovar e trabalhar para que sejam cumpridas através de mais fiscalização.

Nós do povo surdo no Brasil, somos 5,7 milhões cidadãos surdos, conforme o Censo IBGE de 2000, e estamos muito preocupados com a renovação dos políticos, e a nossa esperança é que eles reconheçam as dificuldades dos surdos e pessoas com deficiências auditivas no Brasil e tomem ações positivas nas Políticas Públicas para Surdos.

Existem grandes barreiras que estamos enfrentando na comunicação e o Ministério das Comunicações não se preocupa com a legenda (close caption)

em todos os programas de televisão e no cinema. Existe uma portaria em que 100% de legenda na televisão somente no ano de 2017.

A ANATEL e o Ministério da Justiça - Código do Consumidor, ainda acreditam que o TOD - TelephoneDevice for theDeaf é importante para os surdos no Brasil. Já o foi, quando não existiam Internet e Celulares. A legislação (Decreto 6.523) obriga o SAC das empresas - Serviço de Atendimento ao Consumidor a usar o velho e obsoleto equipamento. Resultado, nenhum consumidor surdo liga, pois os surdos não usam este Telefone Para Surdos. O correto é existir o atendimento por meio de CHAT Internet, por SMS Celular e por Vídeo Chamadas em LIBRAS.

O mesmo acontece com as Centrais de Intermediação de Comunicação, a resolução 509 da ANATEL fala novamente TDD! Nos países desenvolvidos, a Intermediação é feita por Vídeo, há mais de 10 anos! Também deveriam ser usados Chat Internet e SMS Celular para a Intermediação.

A ANATEL ainda nem regulamentou o uso do SMS dos celulares para que os surdos possam comunicar em casos de emergência com polícia, bombeiro, resgate, disque-denúncia, apesar de condenação da Justiça Federal.

O Ministério da Cultura patrocinou e não se preocupou com filmes nacionais com legenda, como aconteceu: “Lula, o filho do Brasil” e o “Chico Xavier”. Foram su-

cesso de bilheteria e sem legenda. Diretor de filme nacional, premiado, não reconhece a necessidade da legenda para os surdos? Tirem dele o prêmio e ensinem acessibilidade.

O Ministério da Educação não reconhece a Escola Bilíngue de Surdos onde os surdos podem aprender dentro da Escola com a sua própria língua de sinais e quando crescer, já possuem o conhecimento da LIBRAS e poderão ir para a Escola Regular, onde terão a ajuda de intérprete de LIBRAS.

No atendimento presencial nos Bancos, Poupa Tempo, Hospitais, Unidades do SUS, Repartições Públicas Municipais, Estaduais e Federais deveriam ter atendimento por meio de LIBRAS, ou presencial ou eletrônico, por meio de uma Central de Libras. Com o Vídeo Atendimento, o cidadão surdo pode ter o atendimento a partir de sua residência.

Por isso a nossa esperança é que os políticos reconheçam a importância da cultura e da linguagem dos surdos por causa da comunicação. Esperamos e queremos muito que os políticos novos e eternos possam legislar adequadamente e finalmente quebrar a nossa barreira de comunicação para que nós surdos possamos dignamente nos integrar à sociedade brasileira.

Neivaldo Augusto Zovico é professor, consultor de acessibilidade para surdos e pessoas com deficiência auditiva, coordenador nacional de acessibilidade para surdos da FE-NEIS, colaborador da equipe dos sites:



www.portaldosurdo.com,
www.acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.

Disponível em: <http://www.acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.br/search?updated-min=2010-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2011-01-01T00:00:00-08:00&max-results=22>. Acesso em: 15 fev. 2021.



Atividade Módulo 2 - Fórum sobre curiosidades

Vamos participar de um fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem?!

O objetivo deste fórum é que você, cursista, possa ampliar ou adquirir novos conhecimentos sobre a realidade que ocorre no mundo dos surdos e da Libras, sob a perspectiva dos surdos.

Entre no fórum, conheça e vivencie de perto o mundo dos surdos e da Libras!!!

Alguns pontos que você deve observar para a realização dos estudos:

- Destaque alguns marcos históricos que a Educação dos Surdos teve no decorrer de todos os anos!!!
- Identifique os aspectos positivos e negativos em diferentes períodos da Educação dos Surdos!!!
- Reflita e analise a situação atual da Educação dos Surdos!!!

Depois de fazer essas observações, resgate os pontos interessantes que você encontrou e os compartilhe com os seus colegas no fórum!!!

Bem-vindo à História dos Surdos!!!

Módulo III

Ambiente de ensino remoto: professor, família e surdos



3.1 Processo de interação bilíngue interligada a recursos visuais com narrativas, literatura, atividades lúdicas, jogos e outros

O professor Fábio de Sá é graduado em Letras/Libras e, atualmente, exerce a função de professor na PUC-SP e CES Rio Branco. Nesta aula, ele irá abordar o processo de interação bilíngue interligado com os recursos visuais, tendo o seu enfoque em atividades lúdicas, jogos e outros.



Fórum de discussão 3.1

Olá, professor(a) cursista!!!

Depois de assistir a videoaula 3.1, vamos, agora, conversar sobre a utilização de recursos visuais?!

Você acha importante a utilização de recursos visuais no processo de interação bilíngue?

Comente suas ideias, experiências e sugestões de materiais que podem ser utilizados na interação bilíngue com estudantes surdos!!!

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Prof. Fábio de Sá

- Professor de libras ,Visual Vernacular, Poesia em libras, Ator e consultório de LIBRAS.

Atuação profissional:

- Professora de Libras: CES Rio Branco e PUCSP
- Formação:
 - UFSC – Letras-LIBRAS



Educação de Surdos em tempos de Pandemia - Prof. Fábio de Sá

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

7 EDUCAÇÃO DE SURDOS

CORPORES VERNACULARES E LIBRAS

Acesso à Educação Profissional - Póster

9 EDUCAÇÃO DE SURDOS

Técnicas de comunicação para o ambiente remoto

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98507>





3.2 Processo de interação bilíngue interligada a recursos visuais por meio de contação de histórias

A professora Alicyary Queiroz é especialista em Libras e Educação de Surdos, sendo professora no SENAC/SP e IFSP com 3 anos de experiência na Educação de Surdos. Nesta aula, ela irá apresentar sobre a estratégia e utilização de literatura e narrativa para os alunos surdos numa perspectiva bilíngue, abordando a importância da contação de histórias em Libras.



Fórum de discussão 3.2

Olá, alunos, sejam bem-vindos ao Fórum 3.2!

A professora Alicyary Queiroz detalha as características da contação de história em Libras. Ela exemplifica cada uma das características e até traz uma receitinha de um alimento muito comum da infância.

Ela apresenta propostas de jogos e atividades com os alunos surdos que são bem interessantes.

E você, nos conte, já utilizou essa ferramenta? Como foi a sua experiência?

Convidamos você para interagir com os colegas, trocando os aprendizados dessa aula, discutindo os conteúdos que acharam interessantes!



The screenshot shows the Eduplay interface with a blue header. The main content area displays a slide titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". On the left side of the slide, the text reads: "Profa. Alicyary Moreira Queiroz", "Atuação profissional:", and a bullet point "• Professora de Libras – SENAC/SP". Below this, it says "Formação:" followed by two bullet points: "• Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina" and "• Especialista em Libras e em Educação de Surdos pela UNINTER". On the right side of the slide, there is a video frame showing a woman with long dark hair, wearing a black top, gesturing with her right hand.



The screenshot shows the Eduplay interface with a blue header. The main content area displays a slide titled "Educação de Surdos em tempos de Pandemia". On the left side of the slide, the text reads: "SUGESTÕES DE RECURSOS VISUAIS PARA O ENSINO REMOTO" and a bullet point "• FORMULÁRIO". On the right side of the slide, there is a video frame showing the same woman from the previous slide, now wearing glasses and gesturing with both hands.

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=98515>





3.3 Interação do professor - aluno surdo - família no ensino remoto

A professora Natacha é graduada em Pedagogia (ULBRA/RS) e em Letras/Libras (Uniasselvi/SC). Atualmente, exerce a função de coordenadora administrativa e pedagógica da escola para surdos E.M.E.E.F. Helen Keller, em Caxias do Sul-RS. Possui 21 anos de experiência com a Educação de Surdos. Nesta aula, ela apresentará sobre a interação professor-família-aluno, enfatizando o desenvolvimento do aluno surdo no ensino remoto, numa perspectiva bilíngue.



Fórum de discussão 3.3

Cursistas,

O tema “Interação do professor - aluno surdo - família no ensino remoto” é de suma importância para um bom desempenho do aluno surdo em seu ambiente educacional.

Sendo assim, qual é o real papel da família na escola? Como seria o desenvolvimento desse aluno surdo na escola se a família estabelecer uma comunicação? Qual a importância das interações entre a família/professor/aluno no processo de aquisição de língua, assim como

no desenvolvimento sociolinguístico e aprendizagem do aluno surdo, no período de pandemia?

Aguardo as contribuições de todos, lembrando que a interação também é nosso meio de reflexão e aprendizagem!!!

The screenshot shows a presentation slide on the 'eduplay' platform. The slide title is 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The speaker's name is 'Natacha Soares Perazzolo'. Her credentials are listed as: 'Pedagogia - Orientação Educacional - ULBRA / RS', 'Letra Libras - Uniassevi / SC', 'Especialização em Educação Deficiência múltiplas - FBS / Casias', and 'Especialização em Libras - Uniassevi / SC'. Her current role is 'Coordenadora Administrativa e Pedagógica no E.M.E.E.F Helen Keller em Casias do Sul - RS'. A video inset shows the speaker signing.

The screenshot shows the next slide in the presentation. The title remains 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The text on the slide is 'Os laços sociais e familiares'. The video inset shows the speaker continuing to sign.

DISPONÍVEL EM:

<https://video.rnp.br/portal/embed-video?idItem=99500>





3.4 Contextualização da interação da família surda e/ou ouvinte com filhos surdos e/ou ouvintes no ensino remoto

Jeanie Liza M. Ferraz de Macedo é professora de Libras da UFRRJ, sendo graduada nos cursos de Pedagogia e Letras Libras, com mestrado em Educação. Possui experiência de quatro anos como diretora de uma creche para as crianças surdas e possui vivência particular com duas filhas surdas: uma de 4 anos e outra de 7 anos. Em sua videoaula, irá abordar sobre a importância da interação dos pais com os filhos surdos.



Fórum de discussão 3.4

Vamos conversar com nossos colegas sobre os conhecimentos aprendidos na Aula 3.4 “Contextualização da interação da família surda e/ou ouvinte com filhos surdos e/ou ouvintes no ensino remoto”!!!

Nesta parte do curso, entramos em contato com muitas informações importantes sobre a interação com pais surdos de filhos surdos e/ou ouvintes. Partilhe, no fórum, algumas dessas informações que você considera importantes em sua caminhada como professor, que podem vir a trabalhar ou que já trabalha com estudantes surdos!!!

Em relação ao vídeo, vamos discutir sobre: *As famílias de surdos conseguem lidar com as diferenças culturais e linguísticas entre os filhos surdos e ouvintes? Como as famílias de estudantes surdos podem contribuir com o aprendizado do filho no ensino remoto?*

The screenshot shows the Eduplay interface with a blue header. On the left, there are navigation tabs for 'Início', 'Ao Vivo', 'Vídeo', and 'Áudio'. On the right, there are buttons for 'Acessar pela sua instituição' and 'Acesso não federado'. A search bar contains the text 'Pesquisar todo o site'. The main content area is titled 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia' and features a profile for 'Prof. Jeanie Liza M Ferraz de Macedo'. To the right of the text is a portrait photo of the professor. The text lists her professional role and education:

Prof. Jeanie Liza M Ferraz de Macedo

Atuação profissional:

- Professora de Libras da UFRRJ

Formação:

- Formada em Pedagogia – Estácio de Sá
- Formada em Letras – Libras - UFSC e Polo INES
- Mestra em diversidade e inclusão - UFF

The screenshot shows the Eduplay interface with a video player. The video title is 'Educação de Surdos em tempos de Pandemia'. The video content includes the following text:

Introdução

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Interação com Pais Surdos de filhos surdos e/ou ouvintes

The video player shows a woman in a black top signing. At the bottom of the player, there is a progress bar at 0:32 / 42:32 and control icons for play, volume, and settings.

Educação de Surdos em tempos de Pandemia 2.4 sem voz - Prof. Jeanie Liza

Detalhamento: 100%

DISPONÍVEL EM:

<https://eduplay.rnp.br/portal/video/143883>





3.5 Papel da escola com os pais surdos e sua interação com filhos surdos e/ou ouvintes: práticas e estratégias

A professora Francielle Cantarelli Martins é Doutora em Linguística e é professora de Libras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É formada em Psicologia e em Letras Libras, com mestrado em Educação. Pesquisa sobre pedagogias culturais surdas e tem vivência particular a partir da interação com suas duas filhas surdas, sendo uma de 2 anos e outra de 6 anos. Irá discutir sobre a educação dos filhos surdos e a importância da comunicação e diálogos em Libras entre pais e filhos surdos.



Fórum de discussão 3.5

Olá, cursista!

Para realizar essa atividade, assista a videoaula 3.1!!!

Associe o que foi abordado pelos professores com a sua experiência pessoal e escreva uma breve narrativa, apresentando suas interpretações, análises e opiniões sobre os conteúdos discutidos!!!

eduplay  [Acessar pela sua instituição](#) [Acesso não federado](#)

Início Ao Vivo **Vídeo** Áudio

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Profa. Francielle Cantarelli Martins


Atuação profissional:

- Professora e pesquisadora de Libras da UFPel

Formação:

- Formada em Psicologia - UCPel
- Formada em Letras Libras - UFSC e Polo UFSM
- Mestra em Educação da UFPel
- Doutora em Linguística da UFSC



eduplay  [Acessar pela sua instituição](#) [Acesso não federado](#)


Início Ao Vivo **Vídeo** Áudio

Educação de Surdos em tempos de Pandemia

Diferença entre **filhos surdos** dos pais surdos e **filhos ouvintes** dos pais surdos.

```

    graph TD
      PS[PAIS SURDOS] --> FS[FILHOS SURDOS]
      PS --> FO[FILHOS OUVINTES]
      FO --- CODA[CODA]
  
```



DISPONÍVEL EM:

<https://eduplay.rnp.br/portal/video/143884>





CURIOSIDADES – Vídeos – Mundo da Libras e dos Surdos

Nesta parte do nosso curso, você terá acesso a informações, curiosidades e tudo que envolve o mundo do surdo: vida, cultura e identidade. Traremos reportagens, vídeos, tecnologias e muito mais para contextualizar você nesse mundo repleto de imagens.

Acesse o AVA e leia a reportagem intitulada “Surdo por um dia”, feita com o militante surdo Neivaldo Zovico!!! Nessa reportagem, ele discute a perspectiva dos surdos na Educação Bilíngue para alunos surdos e a sua dificuldade.



REVISTA NACIONAL DE
REABILITAÇÃO

REAÇÃO

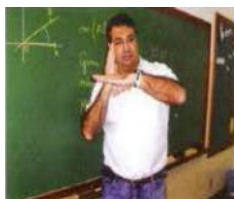
INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA,
MOBILIDADE REDUZIDA,
FAMILIARES E PROFISSIONAIS
DO SETOR

ANO XIV – Nº 75

Nov. 2010

por Neivaldo Zovico
MOMENTO SURDO pág. 18 e 19

Escola Bilíngue de Surdos: Porque os surdos querem estudar somente em Escolas de Surdos?



No dia 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos Mudos. O imperador Dom Pedro II convidou o Professor francês Edward Huet para ministrar as aulas para crianças surdas usando a Língua de Sinais Francesa - LSF.

O professor Edward Huet era surdo, estudou no Instituto Nacional de Surdos Mudos de Paris. na França, onde se tornou professor, e mais tarde foi

convidando a trabalhar no Brasil, mudando-se para cá a convite de Dom Pedro II.

No ano de 1880 aconteceu o Congresso Internacional de Educadores de Surdos em Milão, na Itália, onde declararam que a Língua de Sinais prejudicaria o aprendizado da fala pelas crianças surdas, por isso optaram pela metodologia do oralismo. Segundo as diretrizes elaboradas no Congresso, a Língua de Sinais deveria ser proibida nas escolas de surdos e a concepção transmitida na época, é que ela era inferior.

Desde essa aprovação, as escolas mudaram seus métodos para seguir o oralismo. Dessa forma, os professores surdos foram demitidos, os cargos foram assumidos por professores ouvintes que dariam as aulas sem utilizar a Língua de Sinais. Em decorrência desse fato, as escolas de surdos perderam de transmitir para as crianças e jovens surdos, a cultura e os valores da comunidade surda, foram criadas muitas escolas no Mundo, sem o sucesso com o método oralista.

Nas associações de surdos no Brasil, o uso da Língua de Sinais continuou, pois essa era a língua própria de comunicação entre os surdos e ouvintes que participavam nas associações.

Na década de 1960, os pesquisadores da área da linguística nos Estados Unidos, comprovaram que a Língua de Sinais era uma língua com estrutura gramatical importante para o desenvolvimento dos

Surdos. Mas essa afirmativa foi aceita somente em alguns países.

O fracasso do oralismo...

O oralismo fracassou em muitos países, permanecendo a dificuldade dos surdos na aquisição da audição e da fala. No Brasil, na década de 1980, a Doutora Linguística Lucinda Ferreira Brito confirmou que a Língua de Sinais era importante. Seus estudos foram divulgados nas escolas de surdos no Brasil. As escolas começaram um processo de transformação e de aceitação da Língua de Sinais, passando a assumir uma proposta metodológica de “comunicação total”, onde se pensa nas questões afetivas e de comunicação entre surdos e surdos, a língua de sinais é usada, mas apenas como um recurso pedagógico. Anos depois, as escolas passam a pensar no bilinguismo para Surdos.

No ano de 1994, foi assinada a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, indicando que toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Seguindo essa declaração, o Brasil assume a proposta inclusiva sem considerar as particularidades das crianças Surdas.

O reconhecimento da LIBRAS...

A instituição que movimenta os direitos dos surdos é a FENEIS · Federação Nacional de Educação e Integração dos

Surdos, reconhecida pelo Governo federal como representativa da comunidade de surdos. Ela trabalhou para a oficialização da LIBRAS · Língua Brasileira de Sinais deste o ano 1997, e a língua foi oficializada no ano 2002, sendo considerada a segunda língua no Brasil. Depois de 122 anos de proibição da Língua de Sinais.

Os surdos se tomaram Instrutores de LIBRAS para dar aula aos professores da Educação Inclusiva, visando à preparação para atender os alunos surdos na escola regular, como também para a formação de intérpretes de LIBRAS.

No ano de 2007, o MEC criou uma equipe para discutir a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, onde doutores e mestres fizeram algumas propostas, dentre elas, a de que as escolas de surdos deveriam transformar-se em centros de referência e apoio, e os surdos deveriam estudar na escola regular.

A Feneis e as instituições que discordaram dessa proposta fizeram uma grande passeata de protesto na Av. Paulista, em São Paulo/SP, para que não fechassem as escolas de Surdos.

Com a proposta aprovada pelo MEC, as escolas municipais de Surdos da Grande São Paulo estão sendo transformadas em Centros de Referência e Apoio aos Surdos, um espaço para tirar dúvidas quando estão na escola regular.

Neste ano de 2009 rol aberto o CONAE - Conferência Nacional de Educação, onde povo e os profissionais da Educação podem apresentar propostas para o melhor desenvolvimento na Educação, tendo um encontro final em 2010 em Brasília/DF. Os delegados surdos e ouvintes participaram deste evento estadual e propuseram a Educação para Surdos na perspectiva da educação bilíngue para a Conferência Nacional. Nesses encontros, os delegados que apoiavam a educação de Surdos em escolas de Surdos foram discriminados, pois denominaram essas ideias de promoção de “GUE-TOS” e de “SURDOLÂNDIA”.

A maioria dos educadores não compreende a necessidade de respeitar o espaço, a língua e a etnia como citado na Convenção da ONU de Direitos das Pessoas com Deficiência. Esse é o caso dos Surdos. Com uma língua diferente da maioria, formando uma comunidade linguística particular que requer uma educação bilíngue.

Todos pela perfeita inclusão...

Não somos contra a Inclusão na Educação, é importante para todos, mesmo para PcDs visuais, físicos, Intelectuais e outros, porém a nossa preocupação é com o pleno desenvolvimento das crianças surdas, já que o processo de aprendizagem requer estratégias visuais e a proficiência em libras pelos educadores.

Quando uma criança surda vai para escola regular se sente excluída da aula, há também muitos obstáculos no processo

de aprendizagem dos conteúdos, os professores são despreparados para atender a criança surda.

A Língua de Sinais não é uma ferramenta ou recurso como o Braille, por exemplo, e sim uma língua que possui estrutura gramatical própria. Os sinais são formados por meio de combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço, para que os outros Surdos possam visualizar. O Surdo não ouve e faz parte da comunidade linguística minoritária, que compartilha culturas, identidade, sua língua e a história.

Consideramos que quando os surdos adquirirem a sua primeira, a língua de sinais... e a segunda língua, a portuguesa, e já tiverem uma boa experiência com língua portuguesa, já tiverem formado a sua própria identidade surda, boa autoestima, confiança para o desenvolvimento de aprendizagem, estudando em Escolas de Surdos na Educação infantil, no Ensino Fundamental, poderão ingressar para uma proposta de Educação Inclusiva, onde estudariam no Ensino Médio e ou Faculdade com o acompanhamento de tradutor ou interprete de LIBRAS.

No Brasil, hoje temos 7 doutores surdos, 15 mestres surdos, 2 doutorandos e 12 mestrandos, diversos surdos formados como professores. E as Escolas de Surdos Estaduais, Municipais e Particulares, contratam professores Surdos para ministrar disciplinas do Ensino Fundamental e Médio. Os Surdos também ministram

tram disciplinas nas faculdades em cursos superiores, geralmente em cursos de educação especial, como Libras ou para licenciaturas disciplinas de políticas educacionais.

O Governo Federal e autoridades do MEC deveriam repensar essa proposta inclusiva indiscriminada, e melhorar a Educação para Surdos com a participação e opinião dos próprios Surdos, como: doutores, mestres e professores. Entendemos que o objetivo é proporcionar a oportunidade de aquisição da Língua de Sinais pelas crianças surdas e manter a identidade surda, assim como se respeita a língua indígena e a escola de índios.

Neivaldo Augusto Zovico é professor, consultor de acessibilidade para surdos e pessoas com deficiência auditiva, coordenador nacional de acessibilidade para Surdos da FE-NEIS, colaborador da equipe dos sites:



www.portaldosurdo.com,
www.acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.



REVISTA NACIONAL DE
REABILITAÇÃO

REACÇÃO

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DE
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA,
MOBILIDADE REDUZIDA,
FAMILIARES E PROFISSIONAIS
DO SETOR

ANO XIV – Nº 72
Jan/Fev. 2010

por Neivaldo Zovico
MOMENTO SURDO pág. 24, 25 e 26.

“ESCOLA BILÍNGUE DE SURDOS”

Por que os surdos querem estudar
somente em Escolas de Surdos?
(SEGUNDA PARTE)

Este tema: “Escola Bilíngue de Surdos”, já foi publicado na Revista Reação - edição Especial - Anuário 2009/2010. Todavia, sentimos a necessidade de complementar as questões com base em entrevistas e participação de educadores e alunos com surdez.

No ano de 2007, quando o MEC criou a proposta da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva com a participação de doutores nomeados pelo então Ministro da Educação Fernando Haddad, a proposta foi

divulgada e deixou muitos professores, pais e alunos surdos frustrados. Tanto, que a comunidade surda fez uma passeata no dia 29/11/2007 na Av. Paulista, na cidade de São Paulo, com ó participação de aproximadamente 1200 pessoas lutando contra o fechamento ou transformação das Escolas de Surdos para Centro de Apoio e Referência aos alunos surdos, sendo obrigados a estudar em Escolas Regulares.

Desde 2007 foram enviados e-mails e cartas produzidas por líderes surdos, doutores, mestres e diretores de escolas de Surdos, como também os professores preocupados com o futuro da educação de alunos surdos, em uma perspectiva inclusiva sem estrutura como vemos.



Prof. Wagner, Professor de Biologia, habilitado em LIBRAS, mostrando experiências em aula de biologia para alunos surdos.

A cidade de São Paulo, por exemplo, é a terceira maior do mundo, com uma enorme população. Nela contamos com 6 Escolas Municipais Especiais de Surdos e 4 Escolas de Surdos (privadas) que até o presente momento não foram fe-

chadas, mas o número de alunos tem diminuído.

No dia 30 de setembro de 2009, dia de comemoração dos surdos, foi realizado o 4º Festival Esportivo e Cultural, para alunos surdos, da Rede Municipal de Ensino, no SESC Interlagos onde compareceram dois mil alunos surdos das escolas municipais e privadas para a comemoração do Dia Nacional dos Surdos, e também para disputar uma série de torneios e participar de atividades culturais e lúdicas. As autoridades da Prefeitura de São Paulo, o Prefeito Gilberto Kassab e o Secretário da Educação Alexandre Alves Schneider, ficaram emocionados com a abertura do Festival e reconheceram a importância da existência dessas escolas municipais de surdos.

Um espaço democrático de socialização e interação é o TWITTER, na internet. Constatamos que a questão da transformação da Escola Municipal de Surdos em centros ou o fechamento das mesmas é ponto de grande debate, quando o Secretário de Educação Alexandre Schneider é questionado sobre a nova proposta do MEC, diz “não vamos fechar as escolas de Educação Especial da prefeitura, nunca isso passou pela nossa cabeça”.

Alguns surdos que estudaram em escolas municipais regulares estão voltando para as escolas de surdos. Constatamos em uma escola de surdos privada, que a justificativa é porque não ficam isolados e sim com amigos surdos interagindo, par-

ticipando da cultura surda e construindo a sua própria identidade, como relata a prof.^a Ana Maria Moço, professora ouvinte de Português e Inglês, que diz: “...sim, eles chegam na escola com baixa estima, defasagem na aprendizagem e sempre reclamam dos intérpretes e que tem poucos amigos. Na maioria das vezes a família vem em busca de melhora na aprendizagem.”

Verificamos que nas cidades vizinhas à São Paulo as escolas municipais de surdos foram fechadas ou estão se transformando em Centro de Apoio e Referência aos surdos. Uma grande parcela desses surdos, pediram transferência para estudar em escolas de São Paulo, visando não perder a oportunidade de ter uma educação de qualidade.

Uma aluna de Escola de Surdos, Geysa Araújo diz: “... a maioria dos surdos preferem estudar na escola de surdos, pois facilita muito para buscar seus conhecimentos, já que tem professores qualificados, ou seja, professores utilizando a língua materna dos surdos para ensinar aos surdos em sala de aula...”.



Os alunos do último ano do Ensino Fundamental procuram Escolas para continuar o estudo em Ensino Médio, mas infelizmente as Escolas Estaduais de São Paulo não têm intérpretes de LIBRAS. Geralmente, quando os alunos surdos tentam concluir o ensino médio acabam desistindo pela falta de interação efetiva entre professor ouvinte e aluno surdo em uma inclusão sem intérpretes.

Os surdos denunciaram, e há 5 anos o Ministério Público Federal notificou a Secretaria de Educação, obrigando-a a contratar os intérpretes de LIBRAS, mas até hoje esse profissional não foi providenciado, o mesmo ocorre nas cidades do interior de São Paulo. Alguns desses que desistiram da escola pública puderam ir para a Escola de Surdos privada para cursar o Ensino Médio, pois os professores são bilíngues e habilitados em LIBRAS.

A Ex-Diretora Surda da CEADA - Escola de Surdos em Campo Grande/MS, Pedagoga Especializada, Coordenadora do Projeto Índio Surdo (MS), Coordenadora do Curso de Letras/LIBRAS da UFSC, Diretora Administrativa da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, Prof.^a Shirley Vilhalva, revela a importância da Escola de Surdos em seu depoimento: “... a Escola de surdo é um direito e também espaço de produção linguística, onde há uma interação dialógica com seus pares e demais profissionais bilíngue, tendo surdos como professores em referência à sua identidade. A Escola regular até a univer-

sidade é um espaço de participação no processo de um sistema educacional obrigatório no Brasil, que deverão ser reestruturadas para atender aos alunos surdos.”



Prof.^a Ana Maria Moço, Professora de Português e Inglês explicando em LIBRAS para aluno surdo.

É importante ter professores surdos nas escolas de surdos, como Karin Strobel, Presidente Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS e professora da UFSC do curso Letras/LIBRAS, afirma “Sim, é muito importante à presença dos professores surdos, pois esse contato ‘criança surda x adultos surdos’, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso das crianças à linguagem e, desta forma, estará também assegurando a identidade e a cultura surda, que são transmitidas naturalmente a criança surda em contato com a comunidade surda.”

A partir do depoimento desses profissionais envolvidos na educação de surdos e dos próprios alunos surdos, é fundamental que as escolas de surdos sejam manti-

das como escolas bilíngues, é um lugar onde os surdos poderão desenvolver a sua linguagem, construir sua identidade surda e personalidade. Assim, aprenderão a conviver com amigos surdos e conseguirão interagir na sociedade ouvinte quando necessário.



Neivaldo Augusto Zovico é professor, Consultor de Acessibilidade para Surdos e pessoas com deficientes auditivos, Coordenador Nacional de Acessibilidade para Surdos da FENEIS, Colaborador da equipe dos sites: www.portaldosurdo.com, www.acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.

Fonte: <http://www.acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.br/2011/11>. Acesso em: 09 fev. 2022.



Atividade Módulo 3 - Fórum sobre curiosidades

Vamos participar de um fórum no Ambiente Virtual de Aprendizagem?

O objetivo deste fórum é que você, cursista, possa ampliar ou adquirir novos conhecimentos sobre a realidade que ocorre no mundo dos surdos e da Libras, sob a perspectiva dos surdos.

Entre no fórum, conheça e vivencie de perto o mundo dos surdos e da Libras!!!

Alguns pontos que você deve observar para a realização dos estudos:

- Qual é o papel e a importância que a cultura surda fornece aos alunos surdos?
- Como podemos utilizar os artefatos culturais na alfabetização dos alunos surdos?
- Reflita os prós e contras da inserção de uma Educação Bilíngue para surdos!!!

Em seguida, resgate todos os pontos interessantes que você encontrou e os compartilhe com os seus colegas no fórum!!!

Sejam todos bem-vindos à Cultura Surda!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproveitamos a oportunidade nesse final da leitura do E-BOO “Educação de Surdos em tempos de pandemia: ensino, estratégias e práticas para a formação continuada de professores”, para agradecer imensamente a todos vocês por acompanharem o trabalho do curso de formação no que tange à Educação de Surdos com novas propostas e olhares em uma perspectiva bilíngue.

Apesar de o material ter sido proposto para o ensino remoto, ele pode ser aplicado em sala de aula.

Tenha certeza de que muita gente boa se uniu para propiciar a você um estudo autônomo, de qualidade e de um modo bastante original.

Esperamos que faça bom aproveitamento do conhecimento adquirido e que possa difundir e utilizar todo esse conhecimento da melhor maneira possível!!!

Por fim, a você, colega professor(a) cursista, nosso mais sincero muito obrigado!

Um grande abraço!

Antes de encerrar, gostaria de deixar um exercício para cada um de vocês refletir:

Após estudar e assistir as aulas por meio de link disponibilizado neste e-book, convido a todos para associarem o que foi abordado nas videoaulas com as leituras do material complementar disponibilizado! Escreva uma breve narrativa, apresentando suas impressões, comentários e opiniões sobre os conteúdos estudados, suas especificidades em relação à Educação de Surdos e o ensino remoto numa perspectiva bilíngue!

Gostaríamos de entender como você percebe o processo de desenvolvimento da Educação dos Surdos no seu contexto profissional.

Compartilhe com os seus colegas essas questões!!!

Coordenação Geral do curso

Marisa Dias Lima – UFU

Criação de material de aprendizagem

Marisa Dias Lima – coordenadora geral e do polo UFU

Mariana de Lima Isaac Leandro Campos – coordenadora do polo UFSCar

Geyse Araujo Ferreira – coordenadora do polo UFTM

Isaack Saymon Alves Feitoza Silva – coordenador do polo UFRN

Rosely Lucas de Oliveira – coordenadora do polo UFSJ

Organização do ambiente do curso

Márcia Dias Lima – UFU

Fernanda Santos Pena – PMU

Intérpretes de voz das videoaulas

Anderson Marques da Silva

Anne Caroline Santana Iniarde

Gabriel Silva Nascimento

Ityara Aguiar da Silva Pinto Girke

Joyce Cristina Souza

Lis Maximo e Melo

Edição e tratamento de vídeos

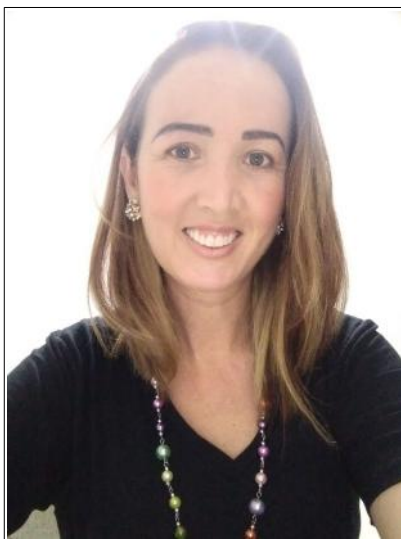
Thayna Thaysa Proença Santos

Francisco Raimundo Holanda Vasconcelos - UNILAB

João Batista Alves de Oliveira Filho – UFCA

Otaviano Ferreira Guimarães – CEAD/UFU

SOBRE A ORGANIZADORA



Doutora em Educação pela UFU, Mestra em Linguística pela UnB, graduação em Letras Libras pela UFSC e em Pedagogia pela UNIPAM. Atualmente é professora adjunta da FAGED/UFU. Atua nos seguintes temas: políticas públicas de educação, política educacional, política linguística, formação de professores, processo de ensino e aprendizagem de Libras e educação de surdos. Com atuação de diferentes GTs – alfabetização e Currículo de ensino de L1 e L2 para surdos; participa também em GTs na FENEIS, CNE e UNESCO com trabalhos voltados à educação de surdos e a formação de professores. Atuou como professora pesquisadora do Curso de formação de Libras EAD (2013 a 2015) e atualmente atua como coordenadora nos seguintes cursos de formação em parceria com a DIPEBS/MEC: Educação de Surdos em tempos de pandemia 1ª de 90h e 2ª edição de 180h (2020 e 2021) e Educação de Surdos em perspectiva bilíngue: teoria à prática de ensino de 360h (2021-2022).

Este livro é resultado do trabalho de um grupo de profissionais que atuam na área de Libras, Educação de Surdos e formação de professores na perspectiva de ensino bilíngue. O enfoque é a formação continuada aos professores no que tange a prática pedagógica, metodologia e estratégia de ensino remoto aos alunos surdos que foi impactada em tempos de pandemia para os professores ouvintes e surdos que atuam com os alunos surdos na educação básica em todo o Brasil. Os estudos envolvem tanto a formação continuada na modalidade presencial quanto a distância. Esses profissionais compostos por diferentes instituições (UFU, UFSCar, UFTM, UFRN, UFSJ) que atuaram como coordenadores/organizadores deste curso de formação em parceria com a DIPEBS/MEC sendo vista como pioneiro na formação que abordou o tema inédito na área de Educação de Surdos, além deste o curso contou com diferentes professores bilíngues que atuam com os alunos surdos para compartilhar e apresentar seus trabalhos e experiências de práticas pedagógicas, metodologias e estratégia de ensino remoto que promulgou um grande e rico material para a formação de professores.

